



# A MÃO DE RASPUTINE

WILLIAM M. VALTOS

TRADUÇÃO DE RENATO CARREIRA



*Para Michael Waltosz,  
que seguia os velhos costumes*

*OS TOLOS NÃO PERCEBEM QUEM SOU.  
TALVEZ UM FEITICEIRO.  
TALVEZ.  
OS FEITICEIROS QUEIMAM-SE.  
ENTÃO QUE ME QUEIMEM A MIM.*

Grigorii Effimovich Rasputine

*NÃO TENHO A MENOR DÚVIDA DE QUE, MAIS TARDE OU  
MAIS CEDO, A MEMÓRIA DE RASPUTINE DARÁ ORIGEM A  
LENDAS E O SEU TÚMULO SERÁ PRÓDIGO EM MILAGRES.*

Maurice Paleologue, último embaixador francês na Corte Russa

## **Prelúdio**

*Mais uma vez, como tinha feito em inúmeras ocasiões, o velho conduziu o rapaz até ao alto de um penhasco nas montanhas da Pensilvânia oriental. Aí, seguindo uma antiga tradição russa, partilhava as narrativas orais do seu povo.*

*— Foi na oitava década do século dezanove, — disse o velho, iniciando a lição do dia. — Espalhou-se pela Sibéria ocidental a notícia de uma criança nascida com estranhos poderes. As primeiras histórias chegaram com barqueiros em viagem pelo rio Taurus abaixo e que tinham parado em Pokrovskoe, uma pobre aldeia de lavradores situada na encosta de uma colina sobre uma curva do rio.*

*O velho tinha sido professor na sua juventude e parecia mais um mestre a dar a aula do que um simples avô.*

*— Era uma terra e um tempo em que as fronteiras entre a religião e a superstição eram difíceis de definir. As nossas crenças ortodoxas mais fundamentais eram desafiadas por cismáticos, sectários e cultos religiosos bizarros, dizendo-se de alguns que praticavam sacrifícios humanos nos seus rituais. Xamanes e intrujões vagueavam pelas estepes.*

*O rochedo sobre o qual estavam sentados proporcionava uma vista magnífica sobre o vale do Rio Lackawanna. Daquela altitude, as povoações lá em baixo eram quase indistinguíveis umas das outras. A única excepção era a cidade de Middle Valley, reconhecível pelas cúpulas douradas das suas três igrejas ortodoxas russas. Era aí que viviam.*

*— O que são xamanes? — perguntou o rapaz. Havia outras palavras que não compreendia mas esta em especial captou-lhe a atenção.*

*— Ah, sim. xamanes, — o velho não se importava de ser interrompido com perguntas porque o seu objectivo era fazer passar o conhecimento de uma cultura e modo de vida que o rapaz nunca conheceria. — Xamã é uma palavra russa da região tungus da Sibéria. Significa feiticeiro, alguém que diz curar os doentes com poderes místicos, alguém que consegue adivinhar o que está escondido e controlar acontecimentos que os outros apenas podem observar.*

*— Como um bruxo?*

*— Sim, mas um bruxo religioso. Naqueles tempos, os xamanes disputavam um lugar no coração do povo com monges e homens santos. — O velho falava com o rapaz como se o fizesse com um adulto. Sabia que os seus dias estavam numerados, não tinha tempo a perder com linguagem infantil. — O*

nosso povo era constituído sobretudo por camponeses, mujiques que viviam numa pobreza inenarrável nas regiões mais isoladas de uma terra primitiva. Como os camponeses em todas as partes do mundo, estavam constantemente em busca de um novo profeta, alguém que os conduzisse a uma vida melhor. E foi nestes mujiques que as histórias dos barqueiros do rio Taurus tiveram o maior impacto inicial.

O velho fechou os olhos no que parecia ser um esforço para recordar aqueles dias com maior clareza.

— Os barqueiros falavam de um rapaz em Pokrovskoe que conseguia predizer o futuro, uma mera criança que conseguia ler os pensamentos de homens adultos, capaz de curar febres, sarar os enfermos e os aleijados pela imposição das suas mãos. Contavam que os lavradores locais acreditavam que a misteriosa criança podia comunicar com os animais e conseguia curar o gado tão facilmente como curava seres humanos.

— Era um xamã? — perguntou o rapaz.

O velho sorriu.

— Chamaram-lhe muitas coisas durante a sua vida, — explicou. — Alguns chamaram-lhe bêbado e mulherengo. Outros chamaram-lhe milagreiro e santo. Os políticos limitaram-se a ver nele um camponês sujo que comia com as mãos e raramente tomava banho. Mas, mesmo assim, as mulheres mais elegantes permitiam-lhe que lhes acariciasse os seios em público. — O velho não sentia embaraço por dizer estas coisas ao rapaz. Afinal, era o seu neto e tinha-o criado à sua imagem depois de ter ficado órfão.

— O presidente do parlamento russo achava que era uma criatura malévola proveniente das trevas da história, — continuou. — Mas foi ele que conseguiu manter a Mãe Rússia fora da guerra dos Balcãs, lutou pelos direitos dos mujiques e dos judeus e quase conseguiu manter a nossa pátria fora da Primeira Guerra Mundial.

— Deve ter sido um homem muito importante.

— E foi, — disse o velho. — O seu nome era Grigorii Effimovich Rasputine e, com o tempo, tornou-se o homem mais poderoso da Rússia. Nomeou ministros e funcionários do governo. Baniu os seus inimigos e conseguiu que um amigo ocupasse o cargo mais alto da Igreja Russa. O Imperador e a Imperatriz obedeciam aos seus desígnios. Os seus poderes eram tão grandes que o próprio Anjo da Morte hesitou em confrontá-lo.

O rapaz vibrava de antecipação quando o avô reduziu a voz a um murmúrio. Esta era sempre a melhor parte das histórias do velho. Quando falava de mistérios que ele próprio parecia não compreender.

— Como foi isso possível? — perguntou, recordando a cruel inevitabilidade da morte dos seus pais. — Pensava que ninguém podia desafiar o Anjo da Morte.

— Há testemunhas que o viram erguer-se dos mortos não apenas uma vez, mas duas. Também há testemunhas que o viram devolver a vida a outros através dos seus poderes.

— Era um santo?

— Aqueles cujas vidas salvou consideravam-no um santo. Outros continuam a considerá-lo um pecador. Mas lembra-te disto: Só os iluminados pela graça de Deus recebem o dom da cura.

## **Um**

A jovem viúva não podia acreditar que o seu marido tivesse alguma coisa de valor suficiente para estar guardada no cofre de um banco.

No entanto, pouco após o alvorecer, menos de sete horas depois de este ter morrido, a chave do cofre decidiu anunciar a sua presença ao mundo.

Encontrou-a num pequeno envelope amarelo por baixo da cómoda do quarto tendo, aparentemente, caído do seu esconderijo original. A passagem do tempo tornara o envelope desbotado e quebradiço mas, curiosamente, estava limpo de pó. O adesivo que o mantivera no sítio desfez-se quando lhe tocou.

A chave era feita de latão achatado, sem qualquer inscrição à excepção do número 52 impresso. No envelope, havia uma anotação feita a lápis, não com a letra do marido, indicando o banco a que o cofre pertencia. Um exame mais minucioso ao fundo da cómoda revelou a existência de uma ranhura escondida da qual o envelope se deveria ter desprendido após anos de ocultação.

Questionou-se sobre o motivo pelo qual o adesivo teria escolhido aquela manhã em particular para perder a aderência.

Nicole sabia que não tinha sido um acidente. Tinha aprendido com a mãe que nada acontecia por acidente. Que todos os acontecimentos naturais eram determinados por uma mão invisível e que, uma vez em movimento, nada conseguia travar o destino

Esta crença na predestinação tinha sido reforçada pela vidente ucraniana que consultava ocasionalmente em Brooklyn.

Mas a sua mãe estava morta e enterrada num cemitério desconhecido, a vidente tinha recusado novas consultas com veemência intimidante e a jovem viúva viu-se abandonada e com o coração desfeito, forçada a enfrentar sozinha o significado da descoberta.

Quanto mais tentava raciocinar, mais confusa ficava. Se o destino qui-

sesse entregar-lhe a riqueza que pudesse estar escondida no cofre, então teria também planejado a morte do seu marido? E, antes disso, também as circunstâncias por explicar do seu breve casamento? E, ainda antes, a procissão taciturna de homens que assumiram o controlo da sua vida? Se esta fosse decidida pelos impulsos do destino como a sua mãe acreditava, até onde teria de recuar para encontrar a origem da sequência de acontecimentos que a conduzira até aquele pequeno quarto naquele estranho lugarejo da Pensilvânia?

E que destino terrível a aguardaria?

## Dois

Nunca esqueceria as caras dos homens que tinham vindo ao seu quarto na noite anterior.

Eram-lhe estranhos, estes homens que rodearam a cama em que ela e o marido tinham estado a fazer amor mas nunca esqueceria as suas caras. Recordava como falavam em voz baixa, baixa demais para que conseguisse perceber o que diziam.

Quando todas as tentativas de reanimação falharam, prepararam o corpo de Paul para ser levado e, depois de terminarem, um deles puxou um lençol enrugado e cobriu-lhe a nudez. Outro abriu a janela para deixar sair do quarto o cheiro embaraçante a actividade sexual. Eram os burocratas da morte, desempenhando os rituais sinistros das suas profissões.

Nicole observou da porta, mantendo-se tão afastada do cadáver de Paul quanto suportaria. Queria gritar, suplicar-lhes que compreendessem a sua dor mas nenhum som lhe saiu da garganta. Queria chorar mas não houve lágrimas que lhe escorressem dos olhos. A enormidade do que tinha acabado de acontecer naquela cama tinha-se sobreposto temporariamente à capacidade da sua mente para suportar. Sentiu-se paralisada, vazia de toda a emoção. Os olhos recusavam-se a focar. Os ouvidos mal ouviam o que se passava no quarto.

O polícia jovem, que tinha sido o primeiro a chegar, afastou-se dos outros para fazer uma chamada num pequeno telemóvel dobrável.

O último a chegar, o médico-legista, estava parado aos pés da cama, desembulhando lentamente uma barra de pastilha elástica Juicy Fruit enquanto ouvia um paramédico descrever as circunstâncias da morte de Paul Danilovitch. O outro paramédico guardava o equipamento de emergência que, afinal, se tinha revelado inútil. O médico-legista ouvia pacientemente, dobrando com cuidado a pastilha ao meio antes de a colocar na boca.

Depois de o paramédico terminar o seu relato, o médico-legista ergueu o lençol para examinar o corpo mais de perto. Parecendo confirmar que a explicação do paramédico condizia com o estado do corpo, repôs o lençol e afastou-se. O paramédico passou por Nicole para ir chamar os dois funcionários da morgue fardados de branco que estavam ao fundo das escadas.

Usando um dos lados da pasta como secretária, o médico-legista preencheu alguns impressos. Separou uma cópia para os paramédicos e outra para os funcionários da morgue.

Terminada a papelada, veio falar com Nicole. Atravessou o quarto com um andar rígido, arrastando o peso da pesada armação de ferro que lhe cobria a perna direita. O fundo da armação atravessava o tacão do sapato e prolongava-se para cima, por dentro das calças, até à anca, onde a extremidade superior tinha deixado uma marca de fricção brilhante no tecido azul-escuro.

— Você é a esposa? — perguntou.

Presenteou-a com o que ela presumiu ser o seu sorriso oficial. Era um homem robusto de meia-idade, com a pele pálida à exceção do rubor hipertenso nas bochechas e das veias serpenteando no nariz. O cabelo escasso tinha sido pintado de preto há pouco tempo e era ladeado por patilhas cortadas à lâmina. Cheirava a talco e tónico capilar floral. O quarto estava demasiado quente para o seu fato azul de três peças e uma película brilhante de suor era visível sobre a testa.

A boca de lábios grossos massacrava a pastilha Juicy Fruit enquanto esperava por uma resposta.

Ao ver que Nicole não respondia, conduziu-a da porta até ao patamar, onde o ar era um pouco mais fresco. A armação de metal guinchava com cada passo.

— Chamo-me Thomas O'Malley, — explicou com voz gentil. — Sou o médico-legista do Condado de Lackawanna. Lamento muito pelo seu marido mas espero que compreenda que tenho de lhe fazer algumas perguntas.

Nicole encostou-se à parede e virou a cara, apertando o suave roupão de seda ainda mais em torno de si. Estava nua por baixo.

— Houve sinais de alarme? — perguntou O'Malley. — Reparou em qualquer coisa invulgar?

Ela abanou a cabeça sem olhar para ele mas sentiu-o admirar-lhe a figura como todos os homens faziam.

Nicole era uma mulher de vinte e dois anos que, às vezes, via a sua beleza como maldição imposta por um Deus determinado em fazê-la sofrer.

As formas tinham-lhe amadurecido em idade precoce, cedo demais para compreender as paixões perigosas que os primeiros inchaços inocen-

tes de uma rapariguinha podem despertar nos homens. A perda da sua inocência, quando acabou por chegar, foi tão brutal como indesejada. E os olhos não revelavam nada do que tinha sofrido desde então. Mesmo assim, aqueles olhos de aparência inocente estudavam com afinco todos os homens que dela se aproximavam. E os lábios voluptuosos, tantas vezes brutalizados, raramente sorriam.

— O seu marido estava a tomar medicação? — perguntou O'Malley.  
— Ou a ser consultado por um médico por algum motivo?

— Não.

— Tomava Viagra?

Nicole abanou a cabeça lentamente.

— Não me quero intrometer, — explicou O'Malley, — mas um homem desta idade...

— O meu marido era muito mais velho do que eu, — disse ela sem emoção na voz, — mas nunca tivemos esse tipo de problema.

— E quanto a medicamentos de ervanária ou suplementos nutricionais?

— Acho que sim. Sim. Tomava um suplemento qualquer. Disseram-lhe que era para prevenir a doença de Alzheimer. — Após uma pausa, acrescentou: — O pai dele teve Alzheimer e preocupava-o que lhe pudesse acontecer o mesmo.

— A maior parte desses suplementos não funciona, — disse O'Malley.  
— Alguns podem até ser perigosos. Onde o arranjou?

— Um amigo deu-lhe um frasco em Las Vegas, logo após o casamento.

— Vou procurar no armário dos medicamentos, — disse O'Malley. — Lembra-se de alguma coisa que tenha dito no fim? Últimas palavras?

Nicole fechou os olhos, tentando recordar os terríveis últimos instantes.

— Não, — murmurou.

— Havia alguma coisa que o perturbasse? Preocupações especiais, tensões ou stress?

— Não que eu soubesse.

O'Malley parecia estar a rodear o assunto, como se tentasse extrair informação sem ter de lhe perguntar directamente o que tinha acontecido ao certo naqueles últimos momentos suados na cama. Conseguiria perceber se lhe contasse a história intrincada que conduziu à morte de um homem que era inocente de tudo menos de se ter apaixonado por ela? Conseguiria alguém perceber como amaldiçoava os encantos físicos que despertavam tais desejos nos olhos dos homens? Porque, no fundo, ela sabia que tinha sido isso que matara Paul. Um homem mais velho e solitário salvara uma mulher jovem do pesadelo em que a sua vida se tinha tornado, apenas para



se tornar vítima das paixões eróticas que o corpo dela despertava nele. Foi destruído precisamente pelo que o atraía a ela.

— Apercebeu-se de que ele pudesse estar a esconder-lhe alguma coisa? — perguntou O'Malley.

Os olhos de Nicole abriram-se. Que pergunta bizarra.

— O que quer dizer com isso? — quis saber.

Subitamente, percebeu que o homem estava muito perto dela. Perto demais, pensou. Conseguia sentir o cheiro doce da pastilha no seu hálito e ver as sinuosas linhas vermelhas nas suas coradas bochechas irlandesas.

— Às vezes os homens têm problemas... — apressou-se a explicar O'Malley. — Coisas com as quais não querem preocupar as esposas. Guardam-nas só para si. Sem partilhar nada. E isso não é saudável.

— O Paul não era assim, — respondeu. — Não guardava segredos de mim.

Paul Danilovitch não era um homem sofisticado, pelo menos, não como os homens que tinha conhecido. Nem era bonito. Mas encantava-se por ter Nicole como sua mulher e esta apanhava-o às vezes a fitá-la com aqueles olhos de cachorrinho como se não conseguisse acreditar que ela lhe pertencia. Até que a morte nos separe, pensou. Olhou por cima do ombro de O'Malley em direcção à porta do quarto e viu os funcionários da morgue a erguer da cama o cadáver inerte de Paul. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Mordeu o lábio inferior para impedir que o queixo lhe tremesse.

Percebia o que os funcionários pensavam pelo modo como não paravam de olhar para ela. Rapazes desejosos de ver um vislumbre súbito de seio ou coxa. Provavelmente, tentavam adivinhar que truques sexuais selváticos ela devia ter praticado sobre o marido naquela cama. O homem tinha idade para ser seu pai e morre-lhe entre as coxas apenas quatro semanas após o casamento. Conseguia imaginar as imagens pornográficas que lhes deviam preencher as cabeças.

Para o Diabo com eles, pensou.

— Deve ter sido o coração, — disse O'Malley, adoptando uma atitude de maior compreensão. — Vou tentar abafar a coisa. Não há necessidade de partilhar os pormenores com o resto da cidade.

— Fico-lhe agradecida, — disse Nicole.

Mas sabia que era impossível impedir os pormenores de se espalharem. Não no enclave étnico estanque de Middle Valley onde uma história daquelas seria jovialmente transmitida de vizinho em vizinho e embelezada com cada relato.

Apesar de, como acontecia com a maioria das cidades americanas, haver várias nacionalidades representadas em Middle Valley, a alma desta pequena cidade nas montanhas do Nordeste da Pensilvânia era distintamente

rusa. O seu maior aumento populacional tinha resultado da grande onda de Russos Brancos<sup>1</sup> em pânico que fugiram da revolução de 1917. Os exilados mais ricos (os Romanov, os Obolensky e outros) tinham-se retirado com os tesouros que conseguiram transportar para Paris, Londres e para a Riviera, enquanto que os menos endinheirados se tinham juntado à multidão de imigrantes europeus a quem eram oferecidas passagens gratuitas para a América em troca de contratos que os obrigavam a trabalhar nas minas de carvão em cidades como Middle Valley. Foram seguidos ao longo dos anos por uma amálgama de judeus russos, exilados políticos e gente à procura de asilo, com a última vaga a chegar após a desagregação da União Soviética. Os costumes, superstições e feitios desconfiados que trouxeram da pátria foram passados de forma intacta aos seus filhos e netos, juntamente com a paixão russa pelo boato. Como resultado, as circunstâncias da morte eram sempre motivo de interesse para o povo de Middle Valley, especialmente quando uma recém-chegada como Nicole estava envolvida.

— Em casos como este não há necessidade de autópsia, — prosseguiu O'Malley. — Os meus homens vão levar o corpo para a agência funerária local se desejar. Poupa-lhe o custo do transporte.

— Obrigada.

— Se quiser passar a noite em casa de amigos, posso levá-la até lá.

— Não tenho amigos aqui, — suspirou.

— Nem sequer os vizinhos?

— Não. É difícil fazer amigos nesta cidade.

— Compreendo-a, — disse O'Malley. — Desconfiam demasiado dos forasteiros por aqui.

Tocou-lhe no braço para a afastar do caminho enquanto os funcionários da morgue empurravam a maca com o corpo de Paul para fora do quarto, passando à sua frente, tão perto que Nicole poderia ter-lhe tocado, e manobrando-a em redor da curva para facilitar a descida das escadas.

O'Malley debruçou-se para a frente e baixou a voz como se quisesse assegurar-se de que ninguém o ouviria.

— O seu marido alguma vez lhe disse... — fez uma pausa, parecendo escolher as palavras com cuidado. — O seu marido alguma vez lhe falou de alguma coisa que pudesse ter escondida?

— Como por exemplo? — perguntou ela, cautelosamente. As palavras eram diferentes mas era a segunda vez que lhe fazia a mesma pergunta.

— Não sei, — disse ele. — Qualquer coisa que quisesse manter secreta. — Como se tivesse percebido a desconfiança que estava a despertar, apressou-se a tentar uma explicação. — Se alguma coisa o perturbasse e não lhe

---

<sup>1</sup> Nome dado aos opositores dos bolcheviques durante a Revolução de Outubro. (N. do T.)

quisesse dizer o que era, isso podia ter sido um motivo de stress. Talvez o suficiente para contribuir para a morte.

Era uma explicação razoável mas os seus nervos aparentes não contribuíam em nada para lhe diminuir o desconforto.

— Já lhe disse, — insistiu ela. — O Paul nunca me escondeu nada.

O'Malley estudou-a por um longo momento, aparentando decidir se estava ou não a ser inteiramente honesta consigo.

— Suponho que tenha razão, — acabou por dizer. — Uma mulher bonita como você... Eu também não lhe esconderia nada.

Pôs-lhe um cartão na mão.

— Ligue-me depois do funeral, — disse. — Talvez nos possamos ajudar um ao outro.

Nada mudava, pensou. Nunca. Nem mesmo com um marido morto ao fundo das escadas deixava de ser uma presa potencial para o macho mais próximo.

Estava habituada a ignorar avanços igualmente pouco refinados.

Mais difícil de ignorar era a estranha insistência do médico-legista em que o marido lhe poderia ter escondido alguma coisa.

### *Três*

Nessa mesma noite, noutra parte da cidade, Viktor Rhostok fingiu não ouvir o homem que tinha entrado na esquadra de polícia e se aproximava dele de forma sorrateira. Com a cara iluminada pelo brilho pálido do ecrã do computador, o chefe de polícia interino de Middle Valley sabia que era um alvo apetecível. Tinha dois agentes de serviço naquela noite. Um estava fora a responder a uma chamada para o 911<sup>2</sup>, prestando assistência a uma equipa de paramédicos. O outro não tinha aparecido. Como resultado, Rhostok estava sozinho na esquadra. Era a oportunidade ideal para o intruso passar à acção.

Como chefe de polícia interino, Rhostok era o superior temporário de cinco outros polícias a tempo inteiro e de quatro em part-time. Trabalhavam a partir de quatro divisões num edifício isolado de tijolo que outrora tinha albergado uma taberna. O armazém de cerveja nas traseiras fora remodelado para funcionar como cela. Nas quatro divisões do outro lado do edifício ficavam os escritórios.

---

<sup>2</sup> Número de emergência na América do Norte semelhante ao 112 europeu. (N. do T.)

Durante os anos de expansão, dúzias de tabernas semelhantes tinham prosperado na cidade, cuja população excedia os quinze milhares. Foi quando os veios de antracite enterrados no subsolo da região eram tão vastos e tão rentáveis, e quando o número de trabalhadores disponíveis era tão baixo que as empresas mineiras faziam publicidade pela Europa fora em busca de mão-de-obra. Alugaram-se navios de passageiros para trazer imigrantes para Nova Iorque e Baltimore, onde eram transferidos para comboios especiais que os traziam até ao Nordeste da Pensilvânia. A expansão durou meio século. Assim que os veios escondidos se esgotaram, os proprietários das minas bateram em retirada para as suas mansões em Newport e Nova Iorque, deixando para trás vales com feridas abertas, rios poluídos e cidades empobrecidas.

Mesmo assim, para muitos imigrantes da Europa de Leste, particularmente para os que vinham da Rússia, a vida nestas comunidades em depressão continuava a ser melhor do que na pobreza dos *shtetls* e aldeias da sua terra natal. Tinham electricidade, água corrente e escolas gratuitas para as crianças e, apesar de muitos se terem mudado para outros centros industriais, o número dos que ficaram foi suficiente para manter vivas pequenas cidades como Middle Valley, ainda que à justa. Viktor Rhostok tinha sido criado neste ambiente.

— Cortava-te a garganta agora, — rosnou o intruso de repente. Era um verdadeiro gigante com uma habilidade ímpar para se mover quase sem fazer ruído.

Rhostok nem sequer se voltou.

— Com quê? — perguntou. — Um six-pack de *Mountain Dew*<sup>3</sup>?

— Vai-te lixar, — barafustou o gigante. — Viste-me o reflexo no ecrã.

— E também te ouvi respirar. — Rhostok voltou-se lentamente para olhar o enorme polícia que se erguia muito acima. — Esqueces-te sempre da respiração.

Era um jogo que jogavam para aliviar o tédio de ser polícia numa cidade onde não tinham sido feitas prisões por delitos sérios nos últimos dois anos. Otto Bruckner era um veterano das Forças Especiais experiente na arte de apanhar adversários distraídos de surpresa. Era surpreendentemente ágil e ligeiro de pés para um homem de proporções tão desmesuradas. Mantinha o crânio rapado e muito polido e o lábio superior decorado com um bigode enorme em forma de guiador de bicicleta. A sua aparência proporcionava a Bruckner um prazer perverso por saber que a maior parte das pessoas a achava intimidante.

— Quantas noites vais passar a olhar para esse ficheiro? — perguntou Bruckner.

---

<sup>3</sup> Marca de refrigerante. (N. do T.)

Rhostok respondeu com um encolher de ombros. Apesar de ser trinta centímetros mais baixo e quarenta quilos mais leve do que o agente, não se sentia intimidado pelo tamanho de Bruckner. Gostava de jogar os jogos de guerra do matulão e raramente perdia. Apesar de nunca ter sido militar, compreendia a mentalidade do guerreiro. Era um traço que herdara dos seus antepassados tártaros. Tinha o tórax poderoso e os ombros desses antepassados, cujos corpos eram moldados pela luta contra o solo de argila cinzenta dos campos de batatas do vale do Rio Don e cuja habilidade bélica se desenvolvia com a defesa dessa mesma terra. Mal diluídos por duas gerações na América, estes genes ainda eram evidentes na cara ampla e sólida. Era a cara de alguém que não sorria com facilidade.

— Acho que perdi a noção do tempo, — disse Rhostok. Bocejou e espreguiçou-se, apesar de não se sentir assim tão cansado.

— Devias estar em casa a dormir, — disse Bruckner. Ofereceu a Rhostok uma lata de *Mountain Dew* do six-pack que tinha trazido consigo. — Dentro de sete horas começa outro turno.

Depois de Rhostok recusar a oferta, Bruckner dividiu o six-pack de refrigerante ao meio. Pôs três latas no frigorífico e trouxe as outras três consigo, abrindo a primeira. Porque o café lhe irritava o estômago, usava a bebida rica em cafeína para se manter acordado durante o turno da noite.

— Desiste, — disse Bruckner. — O caso do velho foi encerrado há dois meses. Quando o médico-legista diz que alguém se matou, não podes transformar isso em homicídio.

Sentou-se numa cadeira giratória que rangeu com o peso considerável do seu arcaboijo.

Os jornalistas desportivos de Scranton tinham dado a Bruckner a alcunha de “O Incrível Bulk<sup>4</sup>” quando jogava futebol americano no liceu. De então para cá tinha-se tornado ainda maior e mais musculado do que nesse tempo e a alcunha mantivera-se, apesar de ser agora usada como sinal de respeito e não por brincadeira.

— O O’Malley não vê as coisas da mesma maneira que eu, — respondeu Rhostok.

— Tu estás mais ou menos obcecado com este caso, não estás?

A lata verde de *Mountain Dew* desapareceu por entre os pêlos do seu bigode. Bebeu o que pareceu ser meia lata de um só gole.

— Não estou obcecado, — disse Rhostok. — Apenas curioso. Acho que é uma morte que precisa de investigação adicional.

— Não há ninguém além de ti que acredite que o velho Vanya tenha sido assassinado, — contrapôs Bruckner. — O O’Malley registou a ocor-

---

<sup>4</sup> Bulk: Tamanho, massa, volume. Trocadilho com “O Incrível Hulk”, personagem de banda desenhada da Marvel Comics. (N. do T.)

rência como suicídio. Disse o que o tipo se atirou do telhado do Hospital Psiquiátrico de Lackawanna.

— Um homem que se vai matar não parte os dedos todos da mão direita antes de se atirar do telhado. Não faz sentido.

— Ele estava num hospital psiquiátrico, — sublinhou Bruckner. — E estava lá por causa de uma crise psicótica violenta. Por que razão haveria de fazer sentido?

— Só lá esteve duas semanas, — disse Rhostok. — Antes da crise, tinha uma vida perfeitamente normal sem qualquer indício de problemas.

— Excepto que tinha Alzheimer. O tipo tinha oitenta anos, Rhostok. Achas mesmo que alguém se daria ao trabalho de entrar numa instituição de segurança máxima para matar um velho de oitenta anos com Alzheimer? Para quê? Para quê matar um homem que não se lembra de nada?

— A memória dele não estava assim tão má, — disse Rhostok. — A doença estava na fase inicial. Na maior parte do tempo estava bastante lúcido.

— Mas qual seria o motivo? Mesmo que soubesse algum segredo tenebroso, o mais provável é que a doença o tivesse apagado. O que me parece é que, durante os períodos a que tu chamaste lúcidos, se assustou com o que lhe estava a acontecer e decidiu que não queria passar o resto da vida como um vegetal. Foi por isso que se atirou.

Bruckner terminou a primeira lata de *Mountain Dew*, esmagou-a com uma mão e atirou-a para o caixote da reciclagem. O barulho acordou os dois canários dentro da gaiola coberta que piaram baixo e agitaram as asas antes de voltarem a adormecer.

— De qualquer maneira, — continuou Bruckner em voz mais baixa enquanto abria a segunda lata. — O O'Malley achou que deve ter partido os dedos quando bateu no passeio. Talvez estendesse os braços para amortecer a queda. Disse que já tinha visto o mesmo noutros suicidas.

— Se tivesse os braços estendidos, haveria danos maiores nos ossos do pulso e do cotovelo, — murmurou Rhostok.

— E agora és médico?

— Limito-me a interpretar os resultados da autópsia.

— Ganha juízo, Rhostok. Afinal, o que é que tens? — indicou com a cabeça o ficheiro que Rhostok tinha estado a estudar. — Um ficheiro sobre um doente mental de oitenta anos que caiu de um telhado abaixo. Fazes ideia da quantidade de vezes que isso deve acontecer no país todo?

— O Vanya Danilovitch não caiu, — insistiu Rhostok. — Foi empurrado. E acho que isso teve alguma coisa a ver com o assalto à casa dele.

— Lá vamos nós outra vez, — Bruckner rebolou os olhos. — Esse assalto foi só vandalismo. O mais certo é que fossem adolescentes à procura de alguma coisa para roubar.

- De acordo com o filho, não roubaram nada.
- Como é que o Paul saberia se faltava alguma coisa ou não? Vivia em Las Vegas. Nunca veio ver o Vanya até o velho morrer.
- Não me pareceu vandalismo, — disse Rhostok.
- Os colchões tinham sido abertos à faca, as gavetas despejadas e até as almofadas no cadeirão do velho estavam cortadas. Cá para mim, parece-se muito com vandalismo.
- Vândalos teriam partido coisas. Mas a vitrola velha foi desmontada com uma chave de fendas, a parte de trás da televisão foi retirada e, mesmo assim, continuava a funcionar. O conteúdo das gavetas tinha sido empilhado com cuidado nos cantos. Até as roupas de cama e as almofadas foram cortadas pelas costuras. Era de esperar que vândalos cortassem por qualquer sítio. E as fotografias... As molduras estavam todas inteiras. Foram todas cuidadosamente retiradas das molduras e empilhadas na mesa da sala de jantar como se alguém quisesse certificar-se de que não ficariam danificadas.
- Eram arrumados, — disse Bruckner. — Talvez fossem vândalos obsessivos-compulsivos.
- Não brinques. Se foram adolescentes não teriam tanto cuidado no andar de cima para depois abrirem aqueles buracos todos no chão da cave. E os drogados teriam limpado a casa de tudo o que pudesse ser vendido. Não, Otto, acho que foi uma busca muito cuidadosa. Alguém passou muito tempo naquela casa à procura de qualquer coisa. E, o que quer que fosse, acho que foi o motivo para matarem o Vanya.

## **Quatro**

- Já tentaste essa teoria alucinada com o filho do velho e ele pôs-te fora de casa. O que é que te chamou? Incompetente, não foi?
- O Paul não quer acreditar que o pai foi assassinado.
- O Paul e toda a gente menos tu. Desculpa que te diga, Rhostok, mas estás a lutar contra moinhos de vento se achas que vais provar que o velho foi morto.
- Vou conseguir prová-lo. Mais tarde ou mais cedo.
- E achas que isto é um daqueles homicídios por resolver capazes de te conseguirem uma nomeação para chefe de polícia efectivo? Não te enganes. O cargo de chefe só depende da política. O poder local nomeia o polícia que acharem que lhes consegue mais votos no dia das eleições. E

esse não és tu. Com o todo o respeito, Rhostok, és um solitário. Pelo amor de Deus, já ninguém sequer te trata pelo primeiro nome. O único voto que controlas é o teu.

Bruckner rodeou a segunda lata de *Mountain Dew* com os seus dedos maciços. Esvaziou-a em três goles antes de o recipiente de alumínio esmagado ser enviado para a sua última morada ecologicamente correcta. Rhostok franziu o sobrolho ao barulho mas, desta vez, os canários não acordaram.

— De qualquer forma, — continuou Bruckner, — se levas o ficheiro do Vanya ao procurador e tentas convencê-lo de que foi homicídio, ele ri-se na tua cara e põe-te a andar.

— Ainda não estou pronto para o procurador, — disse Rhostok, voltando-se para o ecrã do computador. — Mas sei que a resposta está neste ficheiro. O problema é que não a consigo ver. Ainda.

— Talvez seja porque não há nada para ver, — disse Bruckner. — Eu acho é que estás outra vez a ser russo. Com todo o respeito, Rhostok, talvez o O'Malley tenha razão. Vocês russos andam sempre à procura de conspirações.

— É assim que somos, — tornou Rhostok com um encolher de ombros. — Somos um povo desconfiado por natureza.

— Tu especialmente, — disse Bruckner. — Estás sempre preparado para suspeitar de toda a gente a respeito de quase tudo.

— Foi assim que fui criado, — disse Rhostok. Há muito que se tinha acostumado àquele tipo de crítica. Apesar de os comentários de Bruckner terem sido feitos com afabilidade, Rhostok sentiu necessidade de explicar. — As histórias que me contavam para adormecer não eram sobre o Peter Pan a escapar ao Capitão Gancho. Eram sobre pessoas reais, crianças e os seus pais a serem traídos pelos vizinhos, forçados a sair de casa pelo fogo e caçados por bolcheviques e comunistas. Os que sobreviveram eram os heróis das histórias. E sabes como sobreviveram? Não confiando em ninguém.

— A Guerra-fria já acabou há muito, — disse Bruckner. — Essa treta toda do comunismo é história antiga.

— Não para quem a sentiu na pele, — insistiu Rhostok. — Há gente nesta cidade que sobreviveu aos campos de trabalho escravo, gente que foi torturada na prisão de Lyubanka, que andou aos encontrões com a *no-menklatura* e a polícia secreta. Temos cá velhos que sobreviveram à morte deliberada pela fome de dois milhões de ucranianos ordenada por Estaline e às experiências secretas com armas biológicas e químicas que mataram centenas de milhar nos Urais do norte nos anos 50. Gente que sobrevive a situações destas aprende a não confiar em ninguém. E ensinam os filhos a serem desconfiados também.



## *Cinco*

*Não confies em ninguém. Espera a traição.*

Era uma lição que Rhostok aprendera bem demais com o seu avô, Aleksander Voyonovich Rhostok. Era um homem culto, um professor que lutara ao lado dos cossacos do Don nas batalhas contra os bolcheviques na frente sul. Ferido durante o massacre de Voronezh, foi capturado pelo Exército Vermelho e passou dois anos num dos primeiros campos de trabalho escravo antes de fugir e atravessar as neves de Inverno até à Crimeia, onde o capitão compreensivo de um cargueiro o deixou subir a bordo como clandestino. Seguiu a primeira vaga de emigrantes russos para Middle Valley, onde o único trabalho permitido era nas minas de carvão. Mais tarde, casou com uma mulher russa e teve um filho.

Os bons tempos na terra nova duraram até a amada mulher de Aleksander, Elisaveta, ter morrido. As velhas superstições diziam que as mortes chegam sempre em grupos de três e Aleksander apenas podia esperar que o ciclo do destino completasse o seu círculo. No espaço de um ano, o seu filho, pai de Viktor Rhostok, morreu numa explosão de gás metano na última mina a encerrar em Middle Valley. Aleksander dissera que a tragédia nunca teria acontecido se o velho costume de levar canários para as minas tivesse sido seguido. A próxima a ir, oito meses mais tarde, foi a mãe do pequeno Viktor, Irina. Antes de pôr fim à vida, o cancro no colo do útero fê-la passar por agonias que nenhuma criança deveria ser condenada a ver. Quando a morte tinha acabado de percorrer a família, Aleksander Rhostok de setenta e dois anos e o seu neto de cinco eram os únicos sobreviventes.

O velho educou o rapaz à sua imagem. Foi a seu lado que Rhostok aprendera a história da Rússia e as velhas lendas, o alfabeto cirílico e os valores do Velho Mundo que teriam sido ridicularizados em todo o lado excepto em comunidades imigrantes semelhantes. Para ajudar o rapaz a sobreviver numa terra que considerava tão traiçoeira como a que tinha deixado, Aleksander ensinou Rhostok a não se abrir, a desconfiar de todos e a estar preparado para a traição. Tinha sido assim, afinal, que ele próprio aprendera a sobreviver.

O rapaz tinha catorze anos quando o coração teimoso do velho ce-deu finalmente. Rhostok viveu sozinho na casa vazia até aos dezoito anos, ajudado por vizinhos cuja desconfiança das autoridades o escondera dos Serviços de Protecção Infantil.

— Vá lá, Rhostok. Anima-te, — disse Bruckner, despertando Rhostok do seu sonho acordado. — Não podes passar o resto da vida a viver no passado.

Rhostok deixou passar o comentário com um encolher de ombros. Não esperava que Bruckner compreendesse. O matulão crescera em Scranton, onde os seus antepassados alemães tinham sido de tal forma assimilados que parecia ter esquecido a sua herança.

— Está bem, — continuou Bruckner. — Como hipótese, suponhamos que o Vanya foi mesmo assassinado. Ainda não arranjaste um motivo. Porque iria alguém entrar num hospital psiquiátrico para matar um doente de oitenta anos? É um risco muito grande só para fazer desaparecer alguém que, de qualquer maneira, já não tinha muito tempo de vida.

Antes que Rhostok pudesse responder, o seu telemóvel emitiu uma série de apitos electrónicos. A identificação de chamada indicava que era Walter Zanko, o agente que respondera à chamada dos paramédicos para o 911.

O rosto de Rhostok endureceu enquanto ouvia a mensagem. Deu um comando seco para o telefone enquanto se erguia a caminho da porta.

— Era o Zanko, — disse por cima do ombro. O médico-legista está a tentar tirar um corpo da casa dos Danilovitch.

— Que raio faz o médico-legista do condado em Middle Valley sem nos avisar? — perguntou Bruckner, apressando-se a segui-lo.

— Não sei, — disse Rhostok. — Mas o morto é o Paul Danilovitch. O filho do Vanya.

## **Seis**

O'Malley tinha ido buscar a pasta ao quarto de Nicole quando ouviu a discussão no andar de baixo.

Dois agentes fardados tinham acabado de chegar. Um deles era o maior polícia que Nicole alguma vez tinha visto, um gigante ameaçador com a cabeça rapada e um bigode castanho carregado. Atravessou-se na porta, impedindo os funcionários da morgue de saírem da casa com o corpo do marido. O outro polícia era Viktor Rhostok, que Nicole reconheceu de uma visita anterior quando ele e Paul tinham discutido sobre o vandalismo que deixara a casa num caos. A investigação não tinha chegado a lado algum. Nenhum suspeito tinha sido identificado. E, finalmente, quando Rhostok pareceu querer relacionar o vandalismo com a morte do pai de Paul, este fartou-se e pôs Rhostok na rua. Foi a única vez que vira Paul perder a paciência.

Agora, Rhostok estava de volta e a expressão que trazia na cara não indicava que tivesse vindo para lhe dar os pêsames. Parecia pequeno quando comparado com o seu enorme colega mas era forte e, apesar de falar baixo, tinha uma maneira de dominar qualquer espaço que ocupasse. Naquele momento, exigia examinar o corpo de Paul e ninguém se lhe opunha.

O'Malley praguejou em voz baixa quando saiu do quarto e viu o que acontecia. Acenou brevemente aos policiais, manifestando reconhecimento.

— Parece que a polícia local está agitada, — suspirou. — Espero que não dificultem as coisas.

Rhostok parecia esperar a descida de O'Malley mas o médico-legista não tinha pressa.

Aproximou-se de Nicole.

— Não há necessidade de contar a ninguém a nossa conversa, — sussurrou-lhe ao ouvido. — Especialmente à polícia.

Ela afastou-se.

— Estão à sua espera ali em baixo, — disse.

O'Malley assentiu com a cabeça e tornou a acenar a Rhostok, dando a entender que desceria.

— É do seu interesse não agitar as coisas, — advertiu-a.

Ela não esboçou resposta.

— Estou a tentar ser simpático, — continuou O'Malley com um tom de voz mais duro. — Disse-lhe que tentaria abafar isto mas também tem de cooperar. Só peço que me ligue se achar qualquer coisa que o seu marido escondesse.

Estava farta daquele homem, do odor floral do seu tónico capilar e do seu comportamento estranhamente insistente.

— Não faço ideia do que está a falar, — disse.

Ele fitou-a durante um longo momento como se tentasse decidir se ela sabia ou não mais do que admitia.

— Tem o meu cartão, — disse finalmente.

Nicole observou O'Malley coxear pelas escadas abaixo até onde os policiais esperavam.

Conseguia ouvir na perfeição a conversa que se seguiu.

— O que está a fazer aqui? — exigiu saber Rhostok.

— Parece-me óbvio que estou a fazer o meu trabalho, — replicou O'Malley. — Morreu um homem. É minha responsabilidade averiguar a situação.

— Desde quando é que o médico-legista do condado chega antes de a polícia o chamar?

— Você é que chegou atrasado, — disse O'Malley. — Estava a passar por

esta zona quando o rádio do carro apanhou a chamada. E porque estão a bloquear a porta?

— O corpo não sai daqui até descobrir exactamente o que se passa.

Rhostok não parecia o tipo de homem que podia ser movido depois de fincar os pés. O seu físico sólido fazia-o parecer apático e lento de ideias. Mas Nicole sabia desde o seu primeiro encontro com ele até que ponto essa primeira impressão era enganadora.

— O tipo morreu de ataque cardíaco, Rhostok. O seu homem já interrogou a viúva lá em cima.

Nicole não conseguiu ouvir o resto da explicação sussurrada por O'Malley do resto das circunstâncias específicas mas sabia que tipo de coisa estaria a dizer acerca dos últimos momentos de Paul.

— Não quero o corpo retirado antes de examinar o local, — protestou Rhostok.

— Estou a fazer isto por cortesia para com a esposa, — disse O'Malley. — Conhecia o falecido?

— Cresceu em Middle Valley. Todos o conheciam.

— Então de certeza que não quer causar mais dor à viúva, — disse O'Malley. — Disse-lhe que os meus homens levariam o corpo para a agência funerária mais próxima.

A expressão de Rhostok quando olhou para cima, na direcção de Nicole, era impassível e desprovida da curiosidade sexual revelada pelos outros. Não havia maneira de perceber pela sua cara se lamentava de alguma forma a morte de Paul. Parte daquilo era estoicismo russo e Nicole sabia-o. Tinha visto o mesmo traço em muitos dos seus amigos e parentes, uma habilidade herdada para aceitar o infortúnio sem queixas. Mas em Rhostok, era mais do que isso. Recordava como tinha parecido frio e insensível durante o seu primeiro encontro. Era um homem atraente, até bonito, mas mostrava uma atitude de suspeita para com os outros e parecia repelir qualquer manifestação de amizade. Naquele sentido, achava-o parecido consigo própria.

— É um erro levar o corpo para uma agência funerária, — ouviu Rhostok dizer sem emoção na voz. — Acho que devia fazer uma autópsia.

— O homem morreu de ataque cardíaco, — respondeu O'Malley. — Não preciso de o abrir para lhe dizer isso.

— Estava em boa forma física, — disse Rhostok. — Via-o a fazer jogging todos os dias.

— Cristo, Rhostok, tinha sessenta anos. Tipos da idade dele estão sempre a morrer na cama. Não há motivo para autópsia. Não há nada de suspeito em relação à morte do homem.

— Então e o pai? Está a esquecer-se do que aconteceu ao pai? Foi só há dois meses atrás.

— Está a falar do Vanya Danilovitch? Não sabia que era pai dele. — O'Malley parecia surpreendido, como se não tivesse relacionado os factos. Nicole sabia o suficiente acerca dos homens para saber que estava a mentir. — Claro que me lembro dele. Mas esse caso não está relacionado com este. O Vanya Danilovitch morreu em circunstâncias completamente diferentes.

— Foi assassinado, — disse Rhostok.

— Não comece outra vez com isso. Era um velho com problemas mentais que se atirou do telhado. Um caso óbvio de suicídio.

— Não foi suicídio, — insistiu Rhostok. — Alguém o empurrou.

— Não tem como prová-lo.

— Estou a trabalhar nisso.

— Pelo amor de Deus, Rhostok, o que está a tentar fazer? Pôr as culpas nos homicidas que lá estão internados? Há pelo menos oito naquele hospital. É por isso que lá estão, porque matam gente. Mas isso não significa automaticamente que um deles tenha matado o velho.

— Pai e filho morrem com intervalo de dois meses. Com que frequência é que isso acontece?

— Com mais frequência do que pensa. Além disso, não há qualquer semelhança entre as mortes de um e de outro. O pai morreu devido a traumatismos severos provocados pela queda. Este tipo morreu feliz. Viu o corpo. Nem sinal de nódoas negras ou arranhões. Esqueça isso, Rhostok. Para quê procurar sarilhos onde não existem?

Nicole olhou para eles enquanto falavam.

Deve haver um engano qualquer, pensou.

Paul nunca tinha dito nada acerca de uma morte violenta do pai.

Tudo o que tinha dito fora que o pai morrera num lar de terceira idade.

— Podia tirar sangue, — insistiu Rhostok. — Pelo menos, faça uma análise ao sangue.

— E que quer que procure? O problema com os russos é que pensam que tudo é um esquema maléfico qualquer. É sempre a mesma coisa de cada vez que venho a Middle Valley. Vocês estão cá há várias gerações mas continuam a achar que estão lá. Açam sempre que anda alguém a tentar apanhar-vos.

— Só peço uma análise ao sangue.

Rhostok olhou para Nicole.

— Está bem, está bem, — acabou por aceder O'Malley. — Vou pedir para tirarem uma amostra. Mas não vamos encontrar nada fora do normal. Tenho vinte anos de experiência como médico-legista e consigo reconhecer um ataque cardíaco quando o vejo.

Nicole afastou-se da balaustrada, perturbada pela maneira como Rhostok não parava de olhá-la. O que a preocupava na sua expressão era a semelhança com qualquer coisa que tinha visto nas caras de outros policiais quando fora presa em Las Vegas e Nova Iorque.

Era o olhar vazio enganador que costumavam reservar para os suspeitos.

### *Sete*

— O que foi aquilo? — perguntou Bruckner quando se dirigiam para o carro.

— O quê?

— Aquela história com o médico-legista e a insistência numa análise ao sangue?

— Estava só a tentar obrigá-lo a fazer o seu trabalho, — disse Rhostok.

— Ele disse-te como o tipo morreu. Não acreditas?

— Tu acreditas?

— Acredito. Diz que o tipo morreu a fazer amor e eu acredito nele. Quer dizer, olhaste bem para a mulher? Dizem que era corista em Las Vegas e também acredito nisso. Epá, mesmo sem maquilhagem é absolutamente espectacular. Suficientemente boa para a *Playboy*.

— Vá lá, Otto, mostra um pouco de respeito. Acabam de levar o marido com os pés para a frente.

Bruckner sorriu enquanto destrancava o carro-patrolha. — Com uma mulher daquelas, até eu tinha um ataque cardíaco. Que bela maneira de ir.

— Deixa-me na esquadra, — pediu Rhostok ao sentar-se no banco da frente.

— Passa da uma da manhã. Não devias ir dormir?

— Ainda tenho trabalho para fazer.

O matulão olhou-o antes de ligar o motor.

— O que foi? — perguntou Rhostok. — Alguma coisa te preocupa?

— Promete-me que não vais tentar transformar este num homicídio também, — disse Bruckner. — O médico-legista já concluiu que foi ataque cardíaco.

Ao ver que Rhostok não respondia, Bruckner abanou a cabeça.

— Não confias em ninguém, pois não? — E, após um momento, acrescentou: — Aposto que nem sequer confias em mim.

Mas Rhostok mal ouviu o orgulho ferido na voz do amigo. Pensava

numa palavra que Bruckner usara para descrever a viúva: espectacular. Isso era verdade. Era de uma beleza espectacular. Tão bela naquela noite como da primeira vez que a vira. Tinha-se esforçado para não passar o tempo a olhar para ela. Era jovem e loura e sensual. O tipo de mulher com o qual a maioria dos homens sonha.

E era precisamente isso que o preocupava.

Mulheres como ela podiam dar-se ao luxo de escolher os homens. Tornavam-se esposas-troféu. Coristas de Las Vegas não desatavam a casar com empregados de construção cinquentões e com maus empregos, pondo as roupas janotas numa mala para irem viver em casas velhas situadas em cidades pequenas.

E, se o fizessem, Rhostok estava certo de que os maridos não costumavam morrer um mês depois do casamento.

## **Oito**

As únicas coisas que Rhostok sabia ao certo sobre Nicole Danilovitch eram as informações que, por um motivo qualquer, o agente Zanko tinha copiado da sua carta de condução do Nevada. Tudo o resto eram boatos. Paul tinha-se gabado ocasionalmente de que a sua mulher fora corista em Las Vegas e tinha actuado no Mirage e no Caesar's. Mas o que circulava pela cidade dava conta de que a sua carreira artística tinha sido curta e insinuava-se que trabalhava para uma agência de acompanhantes quando conheceu Paul. Apesar de todos poderem adivinhar como se tinham conhecido e mesmo porque Paul tinha ficado caído por ela, ninguém percebia o que ela tinha visto nele. Mulheres como ela, suficientemente jovens e bonitas para exigirem quantias milionárias aos clientes, não costumavam casar com homens cujo principal rendimento provinha de uma pensão de reforma e muito menos segui-los do brilho e requinte de Las Vegas até um sítio como Middle Valley.

Do que precisava era descobrir mais sobre a jovem viúva com o físico *Playboy*. E a melhor maneira de o fazer seria uma pesquisa no Centro Nacional de Informações Criminais do FBI que listaria quaisquer contactos que pudesse ter tido com autoridades policiais. Sentou-se ao computador e inseriu o seu nome de solteira e número da Segurança Social.

Quinze segundos depois, a base de dados do CNIC revelou que, aos vinte e dois anos, Nikoleta Baronovich, que tinha usado também os nomes Nikki Baron e Nicole Barone, tinha já três prisões por prostituição, uma

em Nova Iorque e duas em Las Vegas, uma prisão e condenação por passar cheques sem cobertura e uma acusação de posse de substância ilegal que tinha sido posteriormente retirada.

Não eram propriamente crimes graves, pensou Rhostok. Mas os relatórios do CNIC limitavam-se a crimes em relação aos quais tinham existido acusações formais. Para ter uma ideia melhor do tipo de mulher com o qual Paul Danilovitch tinha casado, Rhostok ligou para o departamento de polícia de Las Vegas. Depois de meia hora de chamadas passadas de esquadra para esquadra, acabou por conseguir contactar uma agente entediada da brigada de costumes que sabia alguma coisa acerca de Nicole.

— Estou à procura de informação sobre uma prostituta que trabalhava em Vegas, — disse Rhostok. — O nome dela é Nicole ou Nikoleta Baronovich, também conhecida como Nicole Barone e Nikki Baron.

— Nicole Barone? — a agente pensou por um momento. — Conheço-a mas não era prostituta. Não a Nicole Barone que conheci. Trabalhava para um serviço de acompanhantes.

— Não é a mesma coisa?

— Nem sempre. O serviço onde ela trabalhava era quase sempre legítimo, tanto quanto alguém conseguisse perceber. Anunciavam na imprensa local e nas Páginas Amarelas e estavam registados na Comissão de Desenvolvimento Empresarial. Contratavam coristas desempregadas, mulheres mesmo muito atraentes, o tipo de mulher com o qual um homem ficaria feliz apenas por um jantar ou por ter uma como companhia numa festa. Claro que isso não quer dizer que algumas das raparigas não fizessem sexo consensual se saíssem com um homem de que gostassem mas, desde que não houvesse pagamento pelo serviço, não era mais ilegal do que o que qualquer mulher faz depois de um encontro.

— Mas... sair com estranhos por dinheiro? — insistiu Rhostok. — Isso não é uma profissão normal.

— O que é normal, hoje em dia?

— Mas tem cadastro. O CNIC mostra prisões por fraude, prostituição e drogas.

— Nunca disse que ela era uma santa. Deixe-me pesquisá-la no computador.

Rhostok ouviu os dedos da agente a martelarem o teclado.

— Cá está. Nicole Barone. Também usava “Champagne” como nome profissional. Acho que era por causa da cor do cabelo. Vejamos... nascida em Brooklyn, fugiu de casa aos dezasseis, viveu nas ruas, presa por prostituição aos dezoito. Isso é comum em jovens fugidas de casa. Há sempre alguém pronto para se aproveitar delas. O juiz deu-lhe liberdade condicional por seis meses e um sermão. Veio para Las Vegas com um amigo que



prometeu arranjar-lhe um emprego bem pago num dos espectáculos do Mirage. E realmente conseguiu-lhe o emprego mas só durou três meses. Tinha o aspecto que procuravam mas não tinha formação em dança.

— Tem isso tudo no computador?

— É procedimento habitual. Hoje em dia, passamos sempre as notas e os interrogatórios para o computador. Assim, a informação fica disponível para qualquer outro agente. Quer que continue?

— Por favor.

— Viveu na parte velha da cidade com o tal amigo até o dinheiro se esgotar e ele passar um cheque em nome dela numa loja de bebidas. Ou, pelo menos, foi essa a história que ela contou ao juiz. Conheci o namorado uma vez. O que uma mulher linda viu num traste daqueles ultrapassa-me. Adiante, quando foi libertada sob fiança, o único trabalho legítimo que conseguiu encontrar foi no serviço de acompanhantes. Puseram-na no catálogo com o nome “Champagne” e cobravam duzentos dólares à hora por ela. A primeira prisão por prostituição foi anulada por uma formalidade. Seis meses depois, apanhámo-la durante uma rusga ao quarto de hotel de um turista francês. O procurador acusou-a de prostituição e posse. Mas adivinhe o que aconteceu... O francês apanhou três anos e a Nicole foi ilibada.

— Tinha um bom advogado?

— O serviço de acompanhantes tem sempre bons advogados. Mas o franciú era um drogado legítimo.

— E a Nicole?

— Não houve vestígios na análise ao cabelo. Conseguimos um mandato para lhe revistar o apartamento com um cão treinado para farejar drogas. Estava tudo limpo. Sem surpresa. Não me parece que fosse do tipo de se meter nisso. — Após uma pausa, acrescentou: — Se quer a minha opinião, acho que é uma boa rapariga que se deixou apanhar numa situação má.

— Três prisões em Las Vegas e diz-me que é boa rapariga?

— Não se esqueça de que nunca foi condenada, — lembrou-lhe a agente. — Saiu-se melhor do que muitas das raparigas que passam por aqui. Deixam-se apanhar em situações más por várias razões: drogas, divórcio, problemas de dinheiro, violência ou paixões pelo homem errado. Tomam más decisões mas isso não quer dizer que sejam más pessoas.

— A culpa é sempre de outra pessoa, não é?

— Às vezes é verdade. Mas porquê o interesse nela? Está metida em sarilhos?

— Não. Ainda não. Sabe que se casou e saiu de Las Vegas?

— Ouvi falar nisso. Aconteceu no mês passado. Um tipo mais velho de fora do estado.

— Trinta e quatro anos mais velho do que ela para ser rigoroso, — disse Rhostok. — Com idade suficiente para ser pai dela. Não lhe pareceu estranho? Uma mulher tão bonita como ela casar com um velho cansado na reforma?

— Pareceu sim. Era muito conhecida na Avenida<sup>5</sup> e isso deu origem a boatos de primeira. Quer saber o porquê ou o como?

— Começemos pelo como.

— Bom, uma parte é simples. Certa noite, foi contratada por um tipo e era suposto acompanhá-lo a um jantar seguido de espetáculo no Caesar's. Na manhã seguinte, acorda num quarto no Flamingo com uma aliança no dedo e o tipo a mostrar-lhe uma certidão de casamento e duas fotografias Polaroid tiradas na *Little Chapel Around the Corner*<sup>6</sup>. Ela não se lembra de casar com ele ou de qualquer coisa que tenha acontecido depois do jantar mas o casamento foi legal e testemunhado por pessoas que conhecia.

— Talvez o tipo a tivesse drogado.

— Não de acordo com as testemunhas. Disseram que ela se comportou de forma normal durante toda a noite. O que é interessante é que corre o boato de que o serviço de acompanhantes é propriedade da máfia russa local.

— A *Organizatsya*?

— É isso que chamam a eles próprios. E ambas as testemunhas eram russas.

— O homem com quem ela se casou também, — disse Rhostok. — De segunda geração.

— Não sabia disso, — disse a agente. — Isso torna tudo mais interessante. Houve rumores de que o marido a ganhou num jogo de poker mas isso é duvidoso porque todos os jogos de poker da máfia russa são viciados. Houve outros rumores de que era um tipo qualquer de casamento combinado, uma tradição russa qualquer, mas isso também não soava bem porque havia clientela para ela como acompanhante e gerava receitas suficientes para os russos não a libertarem. Mas respeitaram o casamento e deixaram-na ir. Estranho, não é?

— O que acho estranho é o porquê. Se apenas esteve com o tipo uma noite, porque deixou a cidade com ele?

— Isso é simples, — disse a polícia da brigada de costumes. — Se falasse com estas raparigas como eu, ouvia-as contar-lhe uma e outra vez como esperam virar as vidas do avesso. Mesmo as drogadas, nos seus momentos

<sup>5</sup> A "Las Vegas Strip" é a principal artéria da cidade, ao longo da qual se concentram os casinos e hotéis mais emblemáticos. (N. do T.)

<sup>6</sup> "Pequena Capela na Esquina," uma das muitas "capelas" especializadas na celebração de casamentos rápidos que se tornaram ex-líbris de Las Vegas. (N. do T.)

racionais, sonham todas com uma casinha com cerca branca, um marido amoroso e miúdos no quintal. É o sonho eterno. Talvez a Nicole tivesse visto a sua oportunidade e a tivesse aproveitado. Talvez tenha comprado a liberdade. A última coisa que ouvi foi que estava feliz com o casamento e a viver numa cidadezinha, tentando esquecer a vida anterior. Foi uma das sortudas.

— A sorte dela acabou, — disse Rhostok antes de explicar que o marido de Nicole tinha morrido.

Quando desligou, interrogou-se se Nicole poderia realmente ser a vítima inocente que a agente da brigada de costumes descrevera com tamanha bonomia. Não seria a primeira vez que uma rapariga tinha acabado misturada com as pessoas erradas.

Ou seria uma mulher inteligente que usava a beleza para manipular todos os que encontrava? Também havia muitos antecedentes desse tipo de comportamento.

Tinha a certeza de que havia outros casos de ex-coristas a casar com homens com idade suficiente para serem seus pais. Mas em todos esses casos o homem era rico.

Levaria algum tempo até descobrir a verdade sobre ela, pensou Rhostok.

Com um suspiro de cansaço, voltou a debruçar-se, como já tinha feito antes, sobre o ficheiro Danilovitch. Continuava a procurar alguma coisa que pudesse levar até ao procurador para provar que Vanya tinha sido assassinado.

Porque, se o pai tinha sido assassinado, então, independentemente do que dissesse O'Malley, Rhostok estava seguro de que o mesmo tinha acontecido ao filho.

## *Nove*

O serviço fúnebre de Paul Danilovitch realizou-se três dias após a sua morte, de acordo com os costumes locais, na Igreja Ortodoxa Russa de Rito Antigo de Santa Sofia.

Era uma das três igrejas russas em Middle Valley. O amontoado de cúpulas douradas em forma de cebola a meio do vale do Rio Lackawanna deleitara Nicole quando as viu pela primeira vez. As cúpulas bizantinas erguiam-se em contraste reluzente com as cicatrizes deixadas nas encostas pelas minas de antracite, há muito abandonadas, que tinham existido no

vale. Como mulher jovem que era, desejosa por ultrapassar o passado, viu um augúrio promissor naquelas cúpulas douradas. O seu casamento com Paul seria um tempo dourado, ajudando-a a esquecer o sofrimento e o desespero de uma vida que lhe tinha sido imposta por outros.

Mas o breve tempo dourado tinha chegado ao fim e, agora, ali estava ela, de pé no centro de Santa Sofia com o marido morto num caixão à sua frente. Era a primeira vez que visitava a igreja e constatava que o edifício que tinha apreciado à distância mostrava sinais da sua decadência progressiva provocada por um colossal crime ambiental.

Paul falara-lhe da vasta rede de túneis abandonados sob o vale, deixados pelas companhias de exploração de carvão que iam falindo. O Departamento de Minas da Pensilvânia gastara centenas de milhões de dólares para tentar enchê-los e selá-los mas o projecto era complexo demais e não conseguira garantir que todas as passagens subterrâneas tinham sido entulhadas. Alguns dos túneis que restavam eram inofensivos mas outros permitiam infiltrações de enxofre nos depósitos de água subterrâneos. O colapso ocasional de alguns provocava abatimentos de terreno e danos nos edifícios. Nas caves, era comum haver acumulação de gases tóxicos e até explosivos, tais como o metano. Os túneis por baixo de Middle Valley eram particularmente instáveis e danificavam lentamente a Igreja de Santa Sofia.

O altar situava-se para lá de portões ornamentais recortados no *iconostasis*, uma divisória de talha dourada coberta com ícones elaborados. Mas os ícones estavam gastos, a tinta dourada ia caindo em grandes lascas e uma das extremidades da divisória começava a deformar-se, possivelmente devido a perturbações no subsolo. Os vitrais estavam distorcidos pelos movimentos na estrutura de suporte. Dois deles tinham sido substituídos por contraplacado. Um fresco ao estilo renascentista representando a Ascensão da Virgem Maria, outrora magnífico, estendia-se pelo céu em abóbada. Mas estava profundamente danificado com manchas de humidade. Grandes rachas subiam pelas paredes, formando linhas semelhantes a relâmpagos, advertindo para a ruína próxima. Pardais barulhentos tinham os seus ninhos por baixo da cúpula e os seus excrementos pintavam rastros brancos ao longo das antigas traves de madeira. O cheiro húmido a bolor enchia o ar. Como precaução contra os perigos da infiltração de gás proveniente das minas, as velas tão amadas pelos fiéis russos tinham sido substituídas há muito por imitações baratas de plástico com pequenas lâmpadas eléctricas no topo.

Era um sítio miserável para o funeral de Paul. Nicole desejou ter tido a coragem para resistir às exigências do padre.

O padre, que se identificara como *Episkop* Sergius, tinha surgido à porta de Nicole na manhã após a morte do marido. Era uma figura estranha

e soturna que parecia pertencer a outra era. Desarranjado e malcheiroso, vestia uma batina negra que chegava ao chão e ocupava-lhe o umbral da porta com a sua corpulência.

— Mãe de Deus, — murmurou, admirando-lhe a figura sem qualquer pudor.

Parecia ser um retrocesso a uma forma ancestral e mais rústica de sacerdotício. A batina era tecida de lã rude. Um crucifixo ortodoxo elaborado estava enfiado na faixa púrpura que lhe rodeava a cintura. O cabelo, a caminho de se tornar grisalho, estava penteado de forma irregular, caindo em emaranhados que lhe ultrapassavam os ombros. A barba cinzenta terminava em duas pontas espigadas.

Mas o elemento mais perturbador da sua figura eram os olhos.

Eram olhos frios. Frios e cinzentos e cruéis.

Cruéis demais para um padre, pensara.

Encaixavam-se em órbitas profundas por baixo de sobranceiras grossas e ossudas, dois demónios cinzentos que pareciam prontos a saltar para fora e atacá-la se se atrevesse a voltar-lhe costas. Sentiu-se presa ao chão com a intensidade do seu olhar.

Apresentou-se a Nicole com uma voz cavernosa de sotaque forte, informando-a de que celebraria pessoalmente a missa fúnebre solene pelo repouso imortal da alma de Pavel Pobodovnestov Danilovitch, missa essa que seria celebrada de acordo com os rituais antigos. Foi a primeira vez que ouvira alguém usar a versão completa do nome russo de Paul.

— Não tenho dinheiro para um funeral luxuoso, — disse Nicole.

— Não tens escolha nesta matéria, — replicou o *Episkop*. — Os preparativos já estão em marcha. O teu marido foi baptizado na Igreja de Santa Sofia quando nasceu e os seus restos mortais serão consagrados na Igreja de Santa Sofia agora que morreu.

Nicole não sabia como responder. Nunca se tinha confrontado com um *Episkop* russo antes. Esta figura ameaçadora era a personificação de uma igreja dogmática que tinha excomungado a sua mãe por se ter atrevido a dar à luz fora da santidade do matrimónio. Queria fechar-lhe a porta na cara mas sentia-se demasiado intimidada pelos seus modos.

Havia também a questão dos desejos de Paul. Teria desejado um funeral ortodoxo? Apercebeu-se de que não sabia nada das suas crenças religiosas. O casamento em Las Vegas tinha sido uma cerimónia civil e não religiosa.

— O Paul nunca falou da sua igreja. — Hesitou antes de acrescentar: — Nunca falámos sobre religião. — De facto, nunca falavam sequer acerca das origens respectivas. As dela envergonhavam-na e ele, felizmente, evitava qualquer conversa que pudesse aproximar-se do assunto.

— O teu marido voltou as costas à fé dos antepassados, — explicou o

*Episkop.* — Mas isso não quer dizer que possamos privar-lhe a alma das bênçãos eternas que emanam de um funeral ortodoxo tradicional.

— Não sei... — Nicole hesitou novamente, sentindo-se enfraquecer sob o olhar intenso do *Episkop.* — Quero fazer o que está certo mas não sei quais teriam sido os seus desejos.

— Compreendo, *malyutchka.* É uma altura difícil para ti. Mas há muitos factores a considerar. É necessário celebrar uma missa pela alma do teu marido antes de poder ser sepultado no nosso cemitério. É uma exigência da Igreja Ortodoxa Russa de Rito Antigo. A tua concordância é apenas uma formalidade porque já foi aberta uma sepultura para ele.

— Não sabia que o Paul tinha um talhão no cemitério.

— A compra foi feita de forma antecipada perante a inevitabilidade da morte, — disse o *Episkop.* — Foram tomadas providências semelhantes em antecipação da tua própria morte. Há um lugar determinado no cemitério para ti ao lado da sepultura do teu marido.

## *Dez*

Nicole perdeu a voz.

— Não te assustes, *malyutchka,* — continuou o *Episkop,* adivinhando-lhe os pensamentos de forma tão clara como se os tivesse verbalizado. — As sepulturas foram compradas muito antes do casamento na esperança de que o Paul viesse um dia a casar-se e que a esposa pudesse repousar junto dele quando chegasse a sua hora. Temos um cemitério pequeno e é normal comprarem-se as sepulturas muito antes de serem necessárias.

— Quem tomou as... providências?

— As sepulturas foram compradas por Vanya Danilovitch, — disse o *Episkop.*

— O pai do Paul, — murmurou ela.

— Vanya escolheu a localização das sepulturas, incluindo da sua, há muitos anos atrás. Queria estar rodeado na morte por aqueles que amou em vida. Era um verdadeiro crente, fiel aos costumes antigos. A sua morte foi uma perda para todos nós mas, particularmente, para a Igreja que amava de forma tão profunda. Que o Senhor receba a sua alma imortal. — O *Episkop* benzeu-se lentamente.

— Se está tudo tratado, o que veio aqui fazer? — começava a ficar irritada com este padre que não parava de olhar para dentro da casa como se esperasse ser convidado a entrar.

— Estou aqui pela recordação, — disse.  
— Desculpe mas não tenho dinheiro para lhe dar.  
— Percebeu mal. Não é dinheiro que me traz aqui. Vim saber se há algum objecto que queiras colocar no caixão. — Notando a confusão aparente na cara dela, apressou-se a elaborar. — É uma das nossas tradições colocar qualquer coisa no caixão a que o falecido fosse muito apegado.  
— Não me ocorre nada, — disse ela, desejando apenas que se fosse embora.  
— Talvez um rosário... um ícone... um objecto sagrado?  
Os olhos dele penetravam outra vez pelos dela dentro. Tentou virar-se mas percebeu que não conseguia.  
— Não... não me parece, — murmurou.  
— Talvez algum objecto que o pai lhe tenha deixado?  
— Deixou-lhe a casa e a mobília...  
— Refiro-me a qualquer coisa de natureza religiosa. Talvez alguma coisa que Paul não quisesse partilhar contigo.  
O interrogatório estranhamente directo fê-la lembrar-se do médico-legista e das suas perguntas semelhantes.  
— Mais alguém te questionou sobre o assunto? — perguntou o *Episkop* de repente como se lhe lesse os pensamentos.  
Ela abanou a cabeça mas era inútil mentir-lhe.  
— Foi aquele espião, o médico-legista! — exclamou o *Episkop*. — Aquele louco! Mas ainda não achaste nada, pois não? Tens de continuar a procurar. O Vanya teria querido que continuasses a procurar.  
Mais tarde, depois de o *Episkop* ter partido, lembrou-se da chave do cofre e interrogou-se se seria aquilo que procurava. Felizmente, tinha-se esquecido dela durante o interrogatório. Quaisquer que fossem os seus poderes telepáticos, estes não conseguiam ultrapassar uma falha de memória.

## Onze

Ao funeral compareceram poucas dúzias de enlutados, sobretudo velhos que deviam ser amigos do pai de Paul. O polícia, Rhostok, também lá estava. Deixou-se ficar de pé ao fundo da igreja, suficientemente longe para se alhear da cerimónia mas suficientemente perto para observar Nicole.

O *Episkop* celebrou toda a missa em memória do defunto em russo, uma língua que não compreendia. Esteve agitada durante toda a oração frente ao caixão de Paul, ouvindo a voz majestosa. A escolha de língua ex-

cluía e, por consequência, indignava a jovem viúva. Sentia que o *Episkop* queria deixar bem clara a sua posse da alma de Paul, recebendo-a de volta à religião ancestral a que Nicole nunca poderia pertencer.

Mais tarde, no cemitério, o *Episkop* prosseguiu na língua desconhecida. O único reconhecimento que fez à viúva foram os acenos ocasionais com a mão, indicando-lhe onde se devia colocar nos vários momentos do ritual do enterro. Ela evitava-lhe o olhar, receando a sua habilidade para lhe ler os pensamentos e, de alguma forma, descobrir informação que preferiria manter escondida.

Tal como o *Episkop* tinha dito, havia um talhão por usar ao lado da cova aberta que recebeu o caixão de Paul. Estava reservado para si, graças a um velho que, aparentemente, tinha planeado as suas mortes de forma tão meticulosa como a própria.

Depois do funeral, Nicole regressou à velha casa de dois andares que Paul herdara do pai e que, agora, o testamento do marido determinava pertencer-lhe.

Era uma estrutura desenxabida e a precisar desesperadamente de pintura mas, pelos vistos, valia muito dinheiro. No dia a seguir à morte de Vanya, um advogado local informou Paul de que um comprador anónimo oferecia trezentos mil dólares pela casa. Num gesto que Nicole acreditava ter sido determinado pelo destino, Paul rejeitara a oferta, regressara a Vegas para resolver uns assuntos e, na noite anterior ao regresso a Middle Valley, conhecera Nicole e casara-se com ela. Mas porque os teria juntado o destino? Porque a teria trazido ali, porque a teria aliciado com o sabor de uma vida normal de mulher casada, para lhe tirar tudo, deixando-a mais só e mais infeliz do que alguma vez tinha sido?

Os seus passos ecoavam no chão de madeira que Paul restaurara com tanto amor até adquirir o brilho original. A vida ali tinha sido feliz mas durante tão pouco tempo.

Fora naquela casa que sentira pela primeira vez a ligação a uma família. Nunca tinha conhecido o seu pai biológico, muito menos algum dos seus avós. O cortejo de homens recebido pela mãe permanecera sempre como um aglomerado de desconhecidos na sua vida, criaturas movidas pela luxúria que se esforçou por apagar da memória.

Durante quatro curtas semanas em Middle Valley, no entanto, não apenas se tinha apaixonado por Paul mas também desenvolvido uma relação filial para com Vanya, o homem que, se tivesse sobrevivido, viria a ser o seu sogro. Houve momentos em que chegou a sentir a presença de Vanya enquanto ajudava Paul a limpar a casa e a reparar os estragos provocados pelos vândalos. Nunca tinha sido uma presença ameaçadora. Imaginava-o como uma figura amistosa e patriarcal, entristecida ao ver o que desconhe-



cidos haviam feito aos seus pertences. O cadeirão de couro gasto, que Paul referiu como sendo o preferido do pai, não tinha salvação possível. Os vândalos tinham-no desmantelado e retirado o estofado com cortes meticulosos ao longo das costuras. De uma forma inexplicável, o estofado tinha sido guardado em sacos de plástico como se, por alguma razão estranha, pensassem que o cadeirão pudesse ser reconstruído. No entanto, além desse, poucos tinham sido os objectos a serem danificados.

O mais espantoso fora o modo como as fotografias tinham sido tratadas. Foram todas retiradas das molduras e álbuns e empilhadas sobre a mesa da sala de jantar como se os intrusos tivessem feito um esforço intencional para as preservar. Eram estas fotografias o verdadeiro tesouro, pensou Nicole, e estava convencida de que Vanya Danilovitch espreitava sobre o seu ombro enquanto as examinava.

As fotografias acompanhavam a história da família ao longo dos anos. Havia imagens gastas e prateadas de *kulaks* parados em frente de cabanas de madeira na Sibéria. Paul explicara que estas fotografias ancestrais tinham sido tiradas por fotógrafos ambulantes que eram pagos em couves e batatas. Havia uma impressão a sépia de um rapazinho com, no máximo, três anos de idade num fato pesado e escuro junto a uma cerca feita de paus. Era a única fotografia de infância de Vanya antes de a família ter emigrado para a América, de acordo com Paul. Havia as fotografias obrigatórias da primeira comunhão e confirmação do Vanya adolescente, uma fotografia da turma de finalistas do liceu e uma série de fotografias do Exército dos Estados Unidos, incluindo uma de Vanya numa pequena cidade alemã durante a Segunda Guerra Mundial. Isso explicaria as medalhas, pensou. Depois da guerra, uma fotografia do casamento com Zenaida e uma história pictográfica da vida de Paul: o bebé com o biberão na boca, o rapazinho sorridente com calções brancos, os anos de escola, sentado num trenó de madeira no Inverno, a brincar com o cão. A sua preferida era uma fotografia colorida à mão do bebé Paul no berço com um cobertor que tapava tudo menos a pequena cara redonda e os dedos minúsculos.

As fotografias eram a história visual de uma família imigrante normal, crescendo numa pequena cidade e eram também uma recordação terrível do que tinha perdido. Todas as esperanças numa vida normal e num novo futuro tinham morrido com Paul e sido enterradas com os rituais estrangeiros de um padre barbudo russo.

Restava alguma coisa que a mantivesse ali?

Subiu até ao pequeno quarto de hóspedes, o seu refúgio durante as duas noites anteriores. Tinha sido o quarto de Paul enquanto crescia e ainda estava repleto dos tesouros da sua vida. Era a única divisão em toda a casa onde ainda podia sentir a sua presença, como se parte dele tivesse ficado

colada às coisas que mais amava como uma sombra se fixa num negativo fotográfico.

Recordou as lágrimas nos seus olhos quando falava do caos em que os vândalos tinham deixado o seu quarto e em como tinha levado dias até pôr tudo no sítio correcto. Incrivelmente, dissera-lhe, parecia que nada tinha sido roubado.

O quarto estava exactamente como ele o tinha restaurado. Estrelas luminosas coladas ao tecto. Prateleiras embutidas com compartimentos e gavetas magníficos cheios com montes de velhos cartões de basebol, uma bola de futebol americano vazia assinada por um obscuro jogador profissional, um par de patins de gelo ferrugentos, uma farda de escuteiro, revistas de banda desenhada amareladas que ele dizia serem peças de colecção e até uma gaveta com os seus brinquedos de bebé. Era a maneira russa, dissera. Nunca se deita nada fora porque nunca se sabe quando as coisas voltarão a fazer falta.

Estes objectos eram a história da vida dele. E cada peça individual evocava nela uma reacção. Sentia-se reconfortada quando tocava nas coisas que ele amara. Era um ritual que tinha iniciado na manhã a seguir à sua morte. Tinha começado pelo fim, dos objectos mais recentes para os mais antigos, tal como um arqueólogo faria, seguindo a vida de Paul até aos seus primeiros momentos. Já tarde na noite anterior, chegara à última gaveta com os objectos mais remotos relacionados com o seu marido. Continha brinquedos de bebé, uma roca e uma rodela de borracha para morder e até um vestido de baptismo dobrado e encaixotado com esmero.

Em nenhum lado encontrou uma pista, um pedaço de papel que sugerisse a existência do cofre ou do seu conteúdo.

Chegou a um momento em que não havia mais nada para examinar. Não havia mais gavetas fechadas ou caixas escondidas que revelassem mais acerca do passado do marido.

Tinha chegado a altura, pensou, de descobrir que segredos estavam trancados dentro do cofre do banco.

## *Doze*

A investigação da morte de Vanya conduziu Rhostok até um recanto com bancos cobertos de plástico gasto na secção de não-fumadores do centro local da Legião Americana<sup>7</sup>. Estava-se a meio da tarde e o resto

---

<sup>7</sup> Organização de veteranos de guerra dos Estados Unidos. (N. do T.)

do bar estava vazio à exceção de um punhado de homens que viam o jogo na televisão. Sentado em frente de Rhostok estava Roman Kerensky, o historiador oficial da Legião Americana de Middle Valley. Um tubo de oxigénio ia do nariz do velho até um tanque portátil a seu lado. Os pulmões de Roman tinham sido destruídos pelo enfisema e a luta diária pelo fôlego reduzira-o a um destroço frágil do homem poderoso que fora outrora.

Com uma mão rodeando de forma protectora uma garrafa de cerveja, Kerensky descrevia calmamente o homicídio de outros dois octogenários que tinham vivido em Middle Valley no passado.

— Ouvi a história à mulher do Florian Ulyanov, — disse Kerensky. — Viviam numa caravana em Kingman, Arizona. O Florian era maquinista reformado. Ele e a Irene eram autênticas “aves migratórias.” Passavam os Verões nas montanhas do Arizona e os Invernos no México. — A voz de Kerensky era acompanhada por um silvo e tinha de fazer pausas regulares para recuperar o fôlego. — A mulher voltou do Wal-Mart<sup>8</sup> um dia e encontrou o Florian morto. Tinha o crânio esmagado e os cinco dedos da mão direita tinham sido cortados. A autópsia revelou que os dedos tinham sido amputados antes da morte. Isto aconteceu três semanas antes do alegado suicídio do Vanya.

Rhostok esperou enquanto Kerensky bebia um longo gole de cerveja e limpava a espuma dos lábios com a língua. — Tive de deixar de fumar por causa do enfisema mas, pelo menos, ainda posso beber uma boa cerveja.

Depois de ajustar o tubo de oxigénio ao nariz, continuou. — Pode dizer-se que foi coincidência o Florian e o Vanya terem morrido com três semanas de intervalo. Mas quinze dias antes de matarem o Florian, o Boris Cherevenko foi encontrado afogado na sua cave em Ocala, Florida. O Boris vivia sozinho. Tinha uma mangueira de jardim enfiada pela garganta abaixo e a água ainda corria quando um vizinho encontrou o corpo. Por essa altura já o Boris flutuava em água com um metro de altura. Os dedos da mão direita tinham sido esmagados, cada osso reduzido a estilhaços como se o assassino os tivesse atingido com um martelo. — Kerensky descreveu a cena com a voz ponderada de um velho veterano que conhecia melhor a morte do que qualquer polícia poderia alguma vez conhecer.

— E acha que as mortes deles estão de algum modo relacionadas com a do Vanya? — perguntou Rhostok. Já tinha chegado a essa conclusão sozinho mas queria ouvir o resto do que Kerensky soubesse.

— Claro que sim, — disse Kerensky. — Cresceram juntos. Aqui mesmo em Middle Valley. Eram amigos. Mantinham-se em contacto. É o Florian

---

<sup>8</sup> Cadeia de supermercados. (N. do T.)

sabia do homicídio do Boris. Falou disso à mulher e a mulher jura que o ouviu ao telefone a discutir o assunto com o Vanya.

— Posso verificar os registos telefónicos, — disse Rhostok. — Para ver quando a chamada foi feita. Mas tenho de o fazer através da polícia de Kingman. Sabe se a polícia local apontou suspeitos?

— Ninguém em específico, de acordo com a mulher do Florian. — Kerensky esboçou um sorriso amargo. — A polícia lá em baixo na Florida achou que o Boris podia ter sido assassinado por um refugiado haitiano. Ou talvez dominicano. Há muitos refugiados na área e, supostamente, têm reputação de cometer crimes de uma violência brutal.

— Parece-me que fazem ideia de quem foi. Então e a mutilação dos dedos da mão direita?

— Disseram que talvez tivesse dinheiro escondido algures e que o assassino pode tê-lo torturado para revelar o esconderijo.

— Estão a adivinhar às cegas, — disse Rhostok. — E quanto ao Florian? Há suspeitos?

— Não vai acreditar nesta, — riu-se Kerensky. — A viúva diz que os polícias arranjaram um mandado de busca e revistaram o sítio à procura de droga. Aquelas viagens todas ao México levaram-nos a pensar que fosse um passador.

— Não me lixem, — rosnou Rhostok, — um velho de oitenta anos a passar droga?

— Foi exactamente isso que a viúva disse. Os polícias disseram-lhe que havia muitos casos assim no no Sudoeste. Disseram que os velhos são os melhores passadores por parecerem respeitadores e respeitáveis e, por isso, ninguém suspeita deles. E a um tipo que vivia com uma reforma dos caminhos-de-ferro dava jeito o dinheiro extra.

— E os dedos a menos?

— Foi isso que os fez suspeitar que fosse negócio de droga que tivesse azedado. Ao que parece, quando um passador rouba aos cartéis mexicanos, o castigo é cortar uns dedos ou a mão inteira, dependendo da quantia roubada. Como na Arábia Saudita.

— Então temos três mortos, todos com a mesma idade, todos com mãos direitas mutiladas, — murmurou Rhostok.

— E foram todos criados aqui mesmo em Middle Valley e foram à escola aqui, — acrescentou Kerensky.

— Além disso, há o telefonema para o Vanya antes da morte do Florian, — recuou Rhostok. — A mulher do Florian ouviu muito dessa conversa?

— Só a parte acerca da morte do Boris. Mas disse que o Florian parecia assustado depois disso como se receasse ser o próximo.

— Infelizmente, acertou, — disse Rhostok. — Mas, mesmo assim, se

as famílias Ulyanov e Cherevenko costumavam viver aqui, surpreende-me nunca ter ouvido falar deles antes.

— Não os conheceu, — disse Kerensky. — Foi muito antes do seu tempo, Rhostok. Há mais de cinquenta anos. E as famílias não ficaram muito tempo por cá. Vieram da Rússia no início dos anos trinta.

— Durante a fome, — tornou Rhostok.

— A fome lá, a Grande Depressão aqui. — Pulmões frágeis acrescentavam um assobio às palavras de Kerensky. — Nesse tempo, ainda havia alguns empregos nas minas de carvão. Não pagavam muito mas era trabalho garantido e, pelo menos, punha comida na mesa.

Apesar de Kerensky parecer ter dificuldades em falar, anos com o tanque de oxigénio tinham-no ensinado a controlar o ritmo.

— Foi só depois da Segunda Guerra Mundial que as minas começaram a fechar e que muita gente se foi embora. Sobretudo os veteranos e as famílias. Os Ulyanovs foram para Detroit trabalhar nas fábricas de automóveis. A família Cherevenko mudou-se para Levittown em Long Island. Mas isso foi há muito tempo. Foi por isso que tive tantas dificuldades em localizar o Florian e o Boris. Queria contactá-los para lhes contar do Vanya.

— Então eram seus amigos? Não apenas o Vanya mas os três?

— Não os conhecia muito bem no liceu, — recordou Kerensky. — Andavam uns anos mais à frente. E alistaram-se os três no dia a seguir a terem acabado os estudos. Eu fui só no Verão de 44, mesmo a tempo de fazer a recruta e ser enviado para as Ardenas. Mas conheci-os melhor depois da guerra. Bebíamos juntos antes de ir cada um para seu lado.

— Dizia no obituário que o Vanya era pára-quedista, — Rhostok falava devagar, dando tempo a Kerensky para recuperar o fôlego.

— Eram os três, — disse Kerensky. — Serviram na 101ª Divisão Aerotransportada que, naquele tempo, tinha a alcunha “Águias Gritantes.” — Ajustou novamente o tubo de oxigénio antes de continuar. — Foi uma das unidades mais condecoradas da guerra. E esses três homens também tiveram a sua quota-parte de medalhas.

— Espere um minuto, — Rhostok queria assegurar-se de que ouvira bem. — Disse que fizeram a guerra juntos? Na mesma divisão?

— Na mesma divisão? — Kerensky forçou uma gargalhada. — Raios, eles estavam no mesmo pelotão. O Pelotão Especial de Reconhecimento do 506º Regimento de Infantaria Pára-Quedista.

Rhostok bebeu um gole lento de água gelada enquanto ponderava o significado do que o veterano lhe contava.

— Não é estranho? — perguntou. — Três homens da mesma terra acabarem no mesmo pelotão?

— Bom, é verdade que se alistaram no mesmo dia e ofereceram-se jun-

tos para os pára-quedistas, por isso não é assim tão estranho, não naqueles tempos quando havia alistamentos em bloco. Mas se levar em conta que o treino original das tropas aerotransportadas era tão duro que dois em cada três homens desistia, tenho de admitir que sim. É invulgar. Mas eram homens invulgares.

— Houve outros homens de Middle Valley na mesma unidade? — perguntou Rhostok. — Ou de cidades vizinhas?

— Claro. Cerca de uma dúzia de rapazes locais foi parar ao 506º, — replicou Kerensky. — Mas nenhum sobreviveu à guerra. — Referiu-se às baixas com a certeza que lhe advinha do papel de historiador militar. — Seis morreram na primeira semana de combates na Normandia, quatro foram mortos na Holanda, dois na Bastonha e um outro morreu num acidente fora de combate em Inglaterra.

O veterano fez nova pausa mas, desta vez, não foi para recuperar o fôlego.

— E agora os três que restavam também estão mortos, — disse. — Que Deus guarde as suas almas.

Kerensky ajustou uma válvula e o tanque de oxigénio reagiu com um silvo. A cerveja repousava esquecida sobre a mesa enquanto se perdia em pensamentos silenciosos com os olhos pousados nalgum local a milhares de quilómetros de distância. Estaria a pensar na carnificina de uma guerra passada? Ou nas mortes mais recentes de três velhos guerreiros?

— Porque não me disse isto mais cedo, Roman? — perguntou Rhostok. — Porquê esperar até agora?

— Como disse ao telefone, só descobri na semana passada quando finalmente consegui localizar a viúva do Florian. E, francamente, estava assustado.

— Assustado? — continuou Rhostok. — Assustado porquê?

— Bom, porque esses três tipos eram meus amigos. Quem quer que tenha matado o Florian e o Boris deve ter feito o mesmo ao Vanya. O que significa que o assassino ainda deve andar por esta zona, talvez esteja mesmo aqui em Middle Valley. E se eu for o próximo?

Rhostok não conseguiu encontrar palavras para o tranquilizar.

— Não está certo, — silvou Kerensky. — Aqueles tipos andavam todos pelos oitenta anos. Mais velhos do que eu. Se alguém os queria mortos, bastava esperar mais uns anos e deixar a natureza seguir o seu curso.

Kerensky abanou a cabeça lentamente de lado a lado. Por um momento, Rhostok julgou que o veterano empedernido fosse chorar.

— Não faz sentido, — disse Kerensky com os olhos estreitando-se de repente e a voz assumindo uma dureza súbita. — Homicídios isolados, crimes passionais, até assaltos conseguia compreender. Mas um assassino que os mata aos três? Recuso-me a acreditar.

— Porquê? — perguntou Rhostok.  
Kerensky soltou uma gargalhada baixa e ameaçadora.  
— Porque não eram idosos comuns. — A gargalhada transformou-se num sorriso malévolo. — Eles próprios eram assassinos.

### *Treze*

O Banco Estatal de Middle Valley era uma relíquia de uma era passada na história da banca, construído ao estilo de uma fortaleza de betão popular com os banqueiros do início do século vinte. Pesadas portas de aço guardavam a entrada estreita. Lá dentro, as divisórias dos balcões estavam adornadas com complexas grelhas de ferro forjado desenhadas para proteger os caixas originais dos seus clientes.

O guarda do banco encaminhou Nicole até uma mulher frágil e empoeirada que parecia ter passado há muito a idade da reforma. A espessa camada de maquilhagem na sua cara não conseguia esconder as covas nas bochechas e muito menos os tremores que lhe abanavam a cabeça. A mão que estendeu em cumprimento estava tão dissecada como o resto do corpo e parecia tão delicada que Nicole receou partir-lhe algum osso se a apertasse com força a mais. Apesar de tudo isso, a mulher era lúcida e de movimentos rápidos.

Apresentou-se como Sonya Yarosh e explicou que era responsável pelo apoio ao cliente. Depressa comprovou que a chave de latão que Nicole lhe apresentou tinha sido realmente emitida pelo Banco Estatal de Middle Valley. Examinou o testamento reconhecido em notário de uma única página que Nicole lhe deu, o que Paul tinha assinado após o casamento por insistência de Vassily. Parecia estar tudo em ordem. Mas, depois de consultar um grande livro de registos verde com lombada de tecido, a velha parecia intrigada. Levou Nicole até à secretária de Harold Zeeman, colocando o livro, a chave e o testamento à sua frente.

Zeeman era um homem magro com cara estreita, nariz aguçado e queixo pontiagudo, tudo elementos que o identificavam como descendente do fundador do banco, cujo retrato enorme pendia da parede atrás dele em posição de relevo. Estava sentado atrás de uma grande secretária de pau-santo, também duplicada no retrato do fundador, que o fazia parecer minúsculo.

— Lamento muito o falecimento do seu marido, — disse Zeeman, levantando-se para a cumprimentar com um aperto de mão débil. — Por

favor, aceite as minhas condolências. — A sua voz tinha um timbre nasal que se adequava perfeitamente à aparência.

Com um gesto, Zeeman indicou a Nicole uma das cadeiras em frente da secretária. Sonya Yarosh apressou-se a trazer-lhe outro livro de registos, muito mais velho do que o anterior, que ele examinou com interesse ainda maior. Cerrou os lábios e abanou a cabeça em espanto aparente.

— Receio ter de alertar as autoridades, — disse Zeeman. Sonya Yarosh regressou ligeira à sua secretária para fazer a necessária chamada telefónica.

— Há algum problema? — perguntou Nicole com voz cautelosa.

— Existem determinados procedimentos que temos de seguir aquando do falecimento de um cliente proprietário de um cofre, — explicou Zeeman. Fez uma pausa para ouvir Sonya a sussurrar instruções urgentes para o telefone. — Espero que não leve muito tempo, Sra. Danilovitch, — disse. — Compreendo como se deve sentir. Sei que o seu marido sofreu um ataque cardíaco enquanto via televisão. Uma tragédia terrível. Especialmente tão pouco tempo após o casamento. Lamento imenso.

Tinha sido aquela a história que o médico-legista tinha posto a circular. Tinha sido repetida com simpatia pela gente enlutada que tinha vindo prestar os seus respetos ao funeral mas Nicole sabia que ninguém acreditava nela.

— De que tipo de procedimentos fala? — perguntou.

— Precisamos de uma testemunha no momento da abertura, — disse. — Precisamos de um inventário do conteúdo para efeitos fiscais. O governo quer certificar-se de que recebe o seu quinhão. A minha secretária está a ligar para o Departamento de Finanças da Pensilvânia neste preciso momento.

— Talvez seja melhor voltar noutra altura, — disse, nervosa.

— Não há qualquer problema, Sra. Danilovitch. É apenas uma formalidade. Mesmo que a sua assinatura estivesse na ficha, teríamos de fazer o mesmo. Sempre que o signatário individual de um cofre morre, este é selado para evitar a remoção de valores como dinheiro, moedas de ouro, jóias, títulos de tesouro ou quaisquer outros itens que possam ser sujeitos a imposto estatal e federal. Não tem nada a ver com o seu direito de reclamar a propriedade. É uma simples exigência legal que o conteúdo seja inventariado para que não haja disputas fiscais futuras. Como única herdeira do Paul, será livre de sair daqui com o que quer que tenha sido guardado na caixa-forte, desde que assine o formulário apropriado.

A caixa-forte estava ao fundo do corredor. Quem lá entrasse, teria de passar pela secretária de Harold Zeeman depois de assinar o formulário apropriado.



— Quer dizer que selaram o cofre logo que souberam da morte de Paul?  
— perguntou.

Zeeman esboçou um sorriso nervoso, um ligeiro arrepiar de lábios que revelava as filas perfeitamente alinhadas dos seus dentes de coroas perfeitas.

— A verdade é que o cofre foi selado antes da morte do seu marido,  
— disse. — Foi selado há dois meses atrás.

— Não compreendo.

— Originalmente, o cofre foi alugado por Vanya Danilovitch, o pai de Paul. Quando morreu, foi selado de acordo com o nosso regulamento interno. Esperámos que Paul nos visitasse com a chave do pai para fazermos o inventário oficial.

— E nunca veio? — perguntou Nicole.

— Não.

— Talvez não soubesse que existia.

— Talvez. E, se for esse o caso, apresento-lhe as minhas desculpas pessoais por não o ter contactado.

— Então o cofre não foi aberto desde que o pai do Paul morreu?

— Há mais tempo do que isso, — disse Zeeman, abanando a cabeça.  
— Como a Senhorita Yarosh acaba de me indicar, o cofre em questão não foi aberto por ninguém desde que Vanya Danilovitch o alugou.

— E há quanto tempo foi?

Zeeman olhou para baixo, para o livro aberto sobre a secretária.

— Este cofre em particular foi alugado em 1946. 16 de Outubro, de acordo com os registos. Vanya Danilovitch alugou-o e pediu para deduzirmos os encargos anuais da sua conta até 1985, quando passou a ser elegível para o nosso Clube Anos Dourados. Oferecemos aos clientes idosos cheques e cofres gratuitos. — Zeeman levantou os olhos do livro de registos e sorriu. — O que revelou ser bastante vantajoso para o Vanya. Teve um cofre de graça durante, deixe cá ver, dezoito anos.

— E nunca o abriu em todo esse tempo? — perguntou. — Nunca pôs alguma coisa lá dentro nem nunca retirou nada?

— Não de acordo com os nossos registos. Será a primeira pessoa a abrir aquele cofre em mais de meio século. É quase como abrir uma cápsula temporal.

## *Catorze*

Roman Kerensky ergueu-se de forma insegura. Ajustou o tubo ao nariz, inclinou com cuidado o tanque de oxigénio sobre as rodas e fez sinal a Rhostok para que o seguisse.

— Venha daí, — disse. — Vou mostrar-lhe de que tipo de homens estamos a falar.

Encaminhou-se por um corredor estreito até uma porta trancada nas traseiras que dava para aquilo a que chamava Sala de Troféus. De todas as vezes que Rhostok estivera no edifício da Legião, fosse para a costumeira fritada de peixe das sextas à noite, para se encontrar com amigos ou a responder a chamadas do 911 para separar brigas entre membros bêbados, nunca tinha desconfiado da existência da Sala de Troféus. Aparentemente, era acessível apenas a membros autorizados.

O ar na sala estava quente e bafiento. Kerensky ligou as luzes fluorescentes no tecto, revelando paredes cobertas com uma colecção copiosa de lembranças das duas guerras mundiais, da Guerra da Coreia, da Guerra do Vietname, da Operação Tempestade no Deserto e das operações de manutenção de paz das Nações Unidas na Somália e na Bósnia. Cada objecto estava cuidadosamente etiquetado com o nome do veterano que o tinha doado. A colecção incluía uma braçadeira alemã com suástica, furada pelo que parecia ser um buraco de bala, uma espada de samurai japonesa, um uniforme de Inverno estofado da China comunista, um capacete cerimonial alemão com espigão de ferro, vários estandartes de batalha, várias mochilas, cantis e outro equipamento dos exércitos do mundo.

Vitrinas trancadas exibiam uma Luger alemã, um *Colt* Modelo 1911 .45 automático, uma *Kalashnikov* russa, uma *Enfield* britânica, uma pistola-metralhadora *Mitsui* japonesa, uma *Sten* israelita, uma M-1, uma metralhadora de baixo calibre *Thompson*, uma *Krag* alemã, uma *BAR*, um lança-granadas, várias baionetas e um sortido de granadas desactivadas, tudo com etiquetas impecáveis.

No extremo oposto da sala havia estantes de madeira contendo filas de enormes livros de recortes encadernados a couro. Estes eram os arquivos mantidos por Roman Kerensky e os historiadores militares que o tinham precedido.

Roman empurrou o tanque de oxigénio até ao fundo da sala. Bateu com o dedo num dos livros de recortes mais grossos. Era parte de um conjunto de três volumes relativos ao ano de 1944.

Rhostok retirou o livro e carregou-o até à mesa de leitura, onde Kerensky foi lesto a passar as enormes páginas. O livro estava repleto com recortes de jornais amarelados, ordens e louvores militares oficiais, aerogramas, tele-

gramas e fotografias que iam desde pequenos instantâneos a preto e branco até grandes retratos coloridos à mão.

Kerensky apontou para uma fotografia lustrosa de cerca de duas dúzias de jovens em uniforme de combate, fazendo pose em frente ao que identificou como sendo um avião de transporte de tropas C-47. Há meio século atrás, alguém tinha escrito os nomes de cada soldado por cima das suas cabeças.

— Este é o Pelotão Especial de Reconhecimento, — disse Kerensky. — A fotografia foi tirada em Maidenfern, Inglaterra, mais ou menos um mês antes do Dia D. Aqui estão o Vanya, o Boris e o Florian à esquerda.

Boris Cherevenko tinha o maior sorriso do grupo. Os olhos de Florian Ulyanov estavam fechados no momento há muito passado em que a fotografia fora tirada. O homem que Kerensky identificou como sendo Vanya era o mais baixo dos três e o mais sério. Tinha o rosto quadrado e com o queixo esticado para a frente em desafio. Parecia familiar mas o nome sobre a sua cabeça não era o que Rhostok conhecia.

— Se este é o Vanya, o nome está errado, — disse Rhostok.

— Não. Este é o nome que usava naquela altura. — Kerensky sorriu. — Vince Daniels. Americanizou o nome quando estava no liceu como fizeram muitos outros imigrantes. Vanya Danilovitch tornou-se Vincent Daniels. Foi com esse nome que se alistou e é assim que os registos militares o referem. Depois da guerra, voltou ao original russo. Esta fotografia foi tirada cinco dias antes do Dia D, precisamente antes de cortarem o cabelo.

— Cortes de cabelo antes do Dia D? — perguntou Rhostok.

— Era bravata, — Kerensky sorria. — Rapavam o cabelo todo, deixando uma faixa ao meio da cabeça para parecerem guerreiros índios Mohawk a caminho da batalha.

Voltou a página para a fotografia de um grupo de pára-quedistas com penteados Mohawk e caras enegrecidas pela camuflagem em diálogo com Eisenhower.

— Estes tipos eram os mais duros dos duros. Ofereceram-se para serem batedores, os que vão à frente do grupo principal de pára-quedistas com a missão de iluminar os pontos de salto. Aterraram perto de Sainte Mere-Eglise às 0015 no Dia D, — disse Kerensky. — É um termo militar para dizer quinze minutos depois da meia-noite. Foram as primeiras tropas americanas em França. Estes três homens estavam no solo a lutar com os alemães seis horas antes de as primeiras tropas Aliadas terem desembarcado nas praias.

— Fizeram um filme sobre isso, — murmurou Rhostok.

— Fizeram vários, — corrigiu Kerensky. — Mas nunca andaram perto da verdade.

— A realidade foi pior.

— Muito pior, — disse Kerensky. — Ponha-se no lugar deles por um momento. Oito meses depois de acabar o liceu, metem-no num avião para Inglaterra com doze outros miúdos. Duas horas depois, logo a seguir à meia-noite, salta do avião sobre a Normandia. À sua espera na escuridão lá em baixo está o que parece ser o raio do exército alemão inteiro. Começam a disparar contra si, metralhadoras, antiaéreas, oitenta e oitos, tudo o que têm. Vê um monte de camaradas serem mortos antes de chegarem ao chão. Alguns dos seus amigos explodem no ar quando as balas atingem as suas bolsas de granadas.

O terror de uma noite passada há tanto tempo reflectia-se na voz de Kerensky. As palavras começaram a fluir com maior rapidez. Aparentemente revitalizado pelo drama dos eventos que descrevia, parecia ter esquecido o tanque de oxigénio a seu lado.

— Por algum milagre, consegue aterrar em segurança. O primeiro problema é que está perdido porque os pilotos o fizeram saltar no sítio errado. A meio da noite, restam apenas algumas dúzias de batedores vivos espalhados pelo campo e está rodeado por milhares de soldados alemães que, por essa altura, andam todos à sua procura. De alguma forma, tem de encontrar e iluminar os pontos de salto para o corpo principal de pára-quedistas e planadores. Oitocentos e quarenta e dois aviões e planadores já estão a descolar de Inglaterra, cada um carregado com tropas e equipamento e, se não conseguir instalar os sinais de rádio para os guiar, o assalto será uma catástrofe. Ouve tiros e sabe que são mais colegas seus a perder a vida mas lá consegue montar os sinais e, por volta das duas da manhã, o corpo principal de pára-quedistas começa a saltar. Mas isso é só o início. Quando o resto da divisão chega, é suposto juntar-se a eles e atacar o exército alemão para evitar que reforcem as praias da Normandia onde a principal força de invasão deve desembarcar de madrugada.

— Só tinham dezoito anos? — Rhostok abanou a cabeça. — Cristo, eram apenas adolescentes. Hoje em dia, miúdos da mesma idade divertem-se com jogos de vídeo e concertos de rock.

— É isso mesmo, — concordou Kerensky. — Mas, não se sabe como, estes miúdos acabados de sair do liceu e sem nunca terem combatido conseguiram atingir os seus objectivos até as forças invasoras conseguirem sair das praias.

Kerensky estava cada vez mais emocionado, completamente preso na história dos acontecimentos. Voltava as páginas para mais recortes, mais fotografias das “Águias Gritantes.”

— Dois meses mais tarde, estão noutra avião. Desta vez, serão lançados atrás das linhas inimigas na Holanda. É a Operação Market Garden. O plano

mais estúpido de toda a guerra. Outra das ideias brilhantes do Montgomery. Sem que ninguém soubesse, os alemães tinham algumas das tropas mais duras e tanques *Panzer* à espera. A operação inteira foi um desastre. Mas entre cinquenta mil tropas americanas e britânicas, a 101ª foi uma das poucas unidades que conseguiu conquistar todos os objectivos e aguentá-los até o Eisenhower ganhar juízo e ordenar ao Monty que retirasse.

— Eram tipos duros, — disse Rhostok, sem tentar ocultar a admiração espelhada na voz.

— Isso é dizer pouco, — disse Kerensky.

Voltou as páginas até chegar a recortes de jornais dos meados de Dezembro de 1944. Os títulos referiam-se à Batalha do Bulge.

— Agora o Vanya e os amigos estão na França Ocidental, pouco antes do Natal, — prosseguiu Kerensky. — Estão-lhes a tratar dos ferimentos e a maior parte do armamento está a ser reparado. A 17 de Dezembro, Hitler lança a maior contra-ofensiva da guerra. Envia duzentas e cinquenta mil tropas de infantaria, duas divisões *Panzer* e três divisões de artilharia para a Bélgica. Apanham a 17ª Divisão Americana completamente de surpresa. É um desastre. As tropas americanas entram em pânico. Abandonam as armas e fogem, correndo em direcção à retaguarda. Eisenhower envia a 101ª para a Bélgica no que parece ser uma missão suicida. O objectivo é segurar um cruzamento importante numa cidadezinha chamada Bastonha. Os abastecimentos são limitados e os pára-quedaistas têm de mendigar armas e munições às tropas que batem em retirada. Horas depois de chegarem a Bastonha, os alemães já os cercaram. Neva, o chão está gelado e os nossos rapazes nem sequer tinham cobertores ou uniformes de Inverno graças às trapalhadas do quartel-general. As munições estão-se a acabar e a cobertura de nuvens impede que a Força Aérea lance abastecimentos do ar. Estão a lutar contra tanques *Panzer* com espingardas e cocktails *Molotov*. As coisas estão tão más que as mulheres da terra lhes dão lençóis para usarem como camuflagem na neve. De alguma forma, conseguem resistir a tudo o que os alemães lançam contra eles. Em desvantagem numérica, com armamento inferior e cercados, estes tipos conseguem parar a nata do exército alemão. E, a seguir, continuam com o ataque durante o mês seguinte, ajudando a empurrar os nazis de volta para a Alemanha.

Kerensky fez finalmente uma pausa, apesar de parecer mais uma pausa para organizar pensamentos do que para recuperar o fôlego. Voltou as páginas de recortes para a fotografia de uma imposição de medalhas em três homens por um general chamado MacAuliffe.

— Vês a que me referia? — perguntou Kerensky. — Aqueles três foram heróis de guerra. Heróis de guerra genuínos. Passaram por alguns dos combates mais sangrentos e, entre eles, ganharam duas Estrelas de Prata, uma Medalha por Distinção no Serviço, três Estrelas de Bronze, dois Corações

Púrpura e nove Estrelas de Batalha. E estas foram apenas medalhas individuais. Como divisão, a 101ª foi a unidade mais condecorada da guerra, recebendo o Louvor Presidencial e as mais distintas medalhas entregues pelos governos francês, britânico, holandês e belga.

— Compreendo o que dizia sobre não serem idosos comuns, — disse Rhostok.

— É por isso que não faz sentido, — continuou Kerensky. — Os nazis não os conseguiram matar. Enfrentaram tanques *Panzer*, ataques com mísseis, metralhadoras, minas, armadilhas, atiradores furtivos, morteiros e artilharia pesada. Travaram as batalhas todas atrás das linhas inimigas. Estiveram sempre cercados, sempre em desvantagem numérica, sempre com armamento inferior. Mas sobreviveram. E sabe porquê? Talvez não seja uma coisa agradável de se dizer mas eram muito bons a matar gente. Se ler as citações deles por valor, vai ver que foram responsáveis por uma montanha de alemães mortos. Claro que o que faziam era apenas matar gente que os tentava matar a eles. Mas isso não é alguma coisa que se esqueça. Não eram o tipo de homem que deixaria um assassino aproximar-se deles de forma furtiva.

— Mas eram velhos, — contrapôs Rhostok, — na casa dos oitenta anos. A guerra deles tinha acabado há muito tempo.

— O que se aprende em combate fica connosco para sempre. Aprende-se a farejar o perigo. Torna-se instintivo.

— Até os melhores de nós se descuidam às vezes, — disse Rhostok.

— Um deles é apanhado, está bem. Admito que possa acontecer, — disse Kerensky. — Talvez até dois. Mas os três? Especialmente quando sabiam que alguém andava atrás deles? Não me parece.

— Mas aconteceu, — recordou-lhe Rhostok. — Alguém conseguiu apanhar os três.

Kerensky pensou por alguns instantes sem responder.

— Então teria de ser alguém que fosse melhor a matar do que eles eram, — acabou por dizer. — E não há muita gente assim por aí.

— Um profissional?

— E dos bons, — tornou Kerensky.

Era difícil discordar da lógica do historiador militar. Mas isso deixava outra questão por responder.

— Eram velhos, — disse Rhostok, tentando perceber. — Não tinham dinheiro que pudesse despertar cobiças. Porque viria um assassino profissional atrás deles?

— Como disse, essa é a parte que não faz sentido nenhum.

Kerensky bebeu outro gole de cerveja, lambeu os lábios e, finalmente, atreveu-se a fazer outra pergunta que o perturbava.

— Acha que o Vanya podia não estar realmente maluco? — perguntou.  
— Quer dizer, à parte a doença de Alzheimer.

— Tinham-no trancado numa cela almofadada, — esclareceu Rhostok.  
— Não costumam fazer isso com gente normal.

— Exactamente, — disse Roman. — O tipo consegue que o ponham numa área de segurança máxima, protegido por guardas e portas trancadas.

— Não estou a perceber.

— Bom, eu verifiquei as datas do telefonema do Florian e a entrada do Vanya no hospital psiquiátrico. Teve a alegada crise psicótica violenta dois dias depois. Penso que não tenha sido necessariamente uma coincidência.

— Pode ter sido o factor que desencadeou a crise. Talvez aquilo a que chamam ataque de pânico.

— E também penso que pode ter sido uma coisa que planeou de forma muito cuidadosa, — disse Roman. — Lembre-se de que estamos a falar de um homem que passou grandes períodos de tempo sob ataque inimigo. Quando estava no exército, havia uma técnica chamada “retirada estratégica.” Quando se é apanhado numa posição exposta e não se pode responder com fogo eficaz porque não se sabe onde está o inimigo, recua-se para uma posição mais fácil de defender.

— Está a dizer que o Vanya fingiu a crise porque queria ser internado em Lackawanna?

— Pense nisso, Rhostok. Um octogenário dá consigo a ser perseguido por um assassino. Acha-se velho demais para dar luta. O que poderia ser mais seguro do que estar fechado numa cela de segurança máxima com guardas a vigiá-lo vinte e quatro horas por dia? Acho que foi uma tática muito inteligente da parte dele.

— Só que não funcionou, — disse Rhostok.

## *Quinze*

O agente do Departamento de Finanças da Pensilvânia só chegou vinte minutos depois das cinco. O banco já tinha fechado as portas e todos os funcionários se tinham ido menos Zeeman, Sonya Yarosh e o guarda. O sistema de ar condicionado desligou-se automaticamente às cinco. Não tardou até um calor desconfortável se começar a abater sobre o banco à medida que as paredes de betão libertavam o calor que tinham acumulado depois de estarem expostas durante todo o dia ao sol tardio de Verão.

— Está ligado a um sistema automático, — explicou Zeeman. — O ar condicionado não é necessário quando o banco está fechado. Pode parecer um pormenor sem importância mas poupa-nos cerca de quatro mil dólares por ano, talvez até mais agora que os verões parecem tornar-se cada vez mais quentes.

O agente fiscal já suava quando entrou. Wendell Franklin era um homem baixo, com um estômago que há muito se tinha tornado grande demais para ser acomodado pelo casaco do fato. Uma camada de gordura do pescoço espremia-se para fora do colarinho. Tinha cara de sapo, com lábios grossos, bochechas pesadas e olhos protuberantes ampliados por óculos de lentes grossas.

Começou por pedir desculpa por ter levado tanto tempo a chegar desde os escritórios regionais em Scranton. Atribuiu as culpas às obras na Estrada 81 que reduziam o trânsito para norte a uma faixa perto da universidade.

— Mas não me avisaram com antecedência, — apressou-se a acrescentar como se a ideia de pedir desculpas não lhe agradasse. — Chamam-me às três e meia e esperam que venha a correr como se não tivesse mais nada para fazer.

Franklin ergueu os óculos e limpou o suor em redor dos olhos com um lenço cuidadosamente dobrado. Depois, voltou a dobrá-lo de forma a que a zona manchada de suor ficasse para dentro.

— Não era preciso ter vindo pessoalmente, — contrapôs Zeeman. — Podia ter-me autorizado a levar a cabo o inventário. Não há nada no regulamento que diga que um agente tem de estar fisicamente presente desde que tenha sido informado de que se vai proceder a uma abertura.

O agente fiscal voltou-se para examinar Nicole, com os olhos a medir-lhe a figura sem qualquer vergonha.

— É esta a mulher que quer abrir o cofre? — perguntou.

Nicole forçou um sorriso. Não gostava do homem.

— Esta é a Sra. Danilovitch, — disse Zeeman. — O marido faleceu, deixando-lhe a posse da chave.

— Tem uma certidão de óbito? — perguntou Franklin.

— Posso assegurar-lhe que o marido faleceu, — disse Zeeman. — O funeral realizou-se hoje de manhã.

— A sua secretária disse qualquer coisa ao telefone sobre haver um nome diferente no cofre.

— O nome é do locatário original, o pai do falecido marido da Sra. Danilovitch. Morreu há dois meses atrás. Selámos o cofre nessa altura. Tecnicamente, claro, o conteúdo do cofre faz agora parte dos bens do marido mas a Sra. Danilovitch apresentou um testamento nomeando-a como única herdeira e tem direitos sobre o dito conteúdo.



— O testamento ainda não foi validado, — disse Franklin. — E quanto a outros possíveis herdeiros do proprietário original que possam contestar o testamento? Filhos? Talvez uma ex-mulher algures? A mãe?

— Não há parentes vivos, — disse Zeeman. — A pessoa que alugou o cofre originalmente foi Vanya Danilovitch. Era o único filho de Peter e Galina Danilovitch. Vieram para cá os três da Rússia em 1918, um ano após a revolução. A esposa de Vanya Danilovitch morreu em 1955. O Paul era o seu único filho. Tanto quanto sei, não tinha primos, tias, tios, meios-irmãos ou meias-irmãs. A Sra. Danilovitch tem a chave e o testamento reconhecido pelo notário e, ao que tudo indica, é a única pessoa que pode reclamar os bens.

— Parece que sabe tudo sobre esta gente, — disse Franklin.

Harold Zeeman ergueu o queixo e estreitou os olhos, parecendo ressentir-se de que alguém questionasse a sua integridade.

— O Banco Estatal de Middle Valley pertence à família Zeeman há cento e dois anos, — disse. — A minha família fazia negócios aqui antes de os irlandeses chegarem, antes de os polacos chegarem, antes de os russos chegarem. Há muito pouco do que acontece nesta cidade que eu não saiba.

— Está bem, está bem, — Franklin ergueu uma mão. — Aceito a sua palavra. — Tirou um documento da pasta e passou-o a Nicole. — Vou precisar da sua assinatura antes da abertura, — disse. — A assinatura completa, incluindo nome de solteira e também o número da Segurança Social.

O papel era um formulário mal impresso com um parágrafo curto de palavreado legal e linhas para a sua assinatura e para as assinaturas de duas testemunhas.

Nicole hesitou.

— É só uma formalidade, — explicou Zeeman. — Querem que reconheça que não retirou nada do cofre do seu marido após a morte deste e que não se vai desfazer de nenhuma parte do conteúdo sem avisar as Finanças ou o tribunal fiscal.

— Mas eu nem sequer sei o que está na caixa, — protestou Nicole.

— Era casada com ele e ele nunca lhe disse? — A curiosidade de Franklin tinha sido despertada.

— Acho que o meu marido também não sabia disto, — disse ela.

— Quer dizer que era como um cofre secreto? — perguntou Franklin.

— Se a senhora tinha ou não conhecimento é irrelevante, — lembrou Zeeman. — Como cônjuge sobrevivente, a Sra. Danilovitch tem o direito reconhecido por lei de abrir o cofre.

— Muito bem. Agora que temos a sua palavra, acho que está tudo resolvido, — disse Franklin num tom sarcástico. — Que se lixe. Assine lá o papel e vamos a despachar isto.

— E se não assinar? — perguntou Nicole. Fitava com irritação os olhos proeminentes que se escondiam por trás das lentes grossas de Franklin.

O outro não pestanejou. Parecia estar acostumado a lidar com gente irritada. — Então volto com um mandato e abro-o eu, — disse. — Confiscamos os bens, vendemo-los em leilão, deduzimos os impostos sucessórios devidos e damos-lhe o que sobrar. Presumindo que tenha direito a isso, claro. É esse o procedimento habitual quando alguém tenta impedir-nos de fazer o nosso trabalho.

— Lamento muito que tenha de passar por tudo isto, — desculpou-se Zeeman a Nicole. Parecia determinado em acabar com a discussão, apressar as coisas e fazê-los sair do seu banco para fechar as portas. — O melhor será assinar o papel.

— Talvez ela tenha razão para empatar, — provocou Franklin. — Talvez não queira assinar por já saber o que está no cofre. Ou o que lá não está. Talvez já tenha removido o conteúdo.

— Impossível, — ripostou Zeeman. — A Sra. Danilovitch nunca esteve neste banco até hoje. E posso assegurar-lhe que o cofre foi selado há meses.

Zeeman ofereceu uma caneta a Nicole. Esta rabiscou com rapidez a sua assinatura no sítio adequado. Zeeman sorriu e assinou também como testemunha antes de devolver o documento ao agente fiscal.

— Vamos a despachar isto, — disse Franklin.

— Parece-me que também deve assinar, — recordou-lhe Zeeman.

Impaciente, Franklin escreveu o nome de forma apressada na linha do fundo. Os seus dedos suados deixaram manchas no papel baratucho do governo.

O banco estava a ficar desconfortavelmente quente e abafado. Com o ar condicionado desligado e as janelas fechadas em permanência, não havia maneira de deixar sair o calor.

Sonya Yarosh esperava na sua secretária e o guarda do banco observou com tédio desinteressado quando Nicole seguiu os dois homens até à caixa-forte. Dentro da colossal porta redonda de aço, o espaço estava dividido em duas áreas separadas. A área maior, à direita, estava revestida com dúzias de portas de metal com tamanhos variados, parecendo pequenos cofres com pegas negras e fechaduras de combinação.

A área à esquerda, para onde Zeeman os conduzia, era um espaço apertado entre duas paredes subdividido em pequenas portas metálicas idênticas. Cada uma tinha o tamanho aproximado de uma ficha de arquivo. Na frente de cada porta existiam duas aplicações redondas em latão, contendo fechaduras. Mal havia espaço para três pessoas ao mesmo tempo na passagem estreita.

Nicole torceu o nariz ao odor corporal de Wendell Franklin que começava a sobrepor-se ao desodorizante que o homem usava.

As duas fechaduras do cofre número cinquenta e dois estavam seladas com tampas de plástico vermelho. Zeeman usou uma ferramenta especial para as remover e introduziu a chave do banco na fechadura esquerda, indicando a Nicole que deveria introduzir a chave de Paul na outra. À primeira vista, as chaves pareciam não funcionar. Zeeman teve de borrfirar as fechaduras com WD-40<sup>9</sup> antes de conseguir fazer girar as duas chaves ao mesmo tempo.

— Deve ser ferrugem, — explicou, dando puxões à pequena porta que também estava presa. — Temos um sistema desumidificador na caixa-forte mas, depois de estar fechado durante mais de cinquenta anos, é inevitável haver alguma corrosão.

A porta de aço com dois centímetros de espessura acabou por se abrir, revelando a pega de arame de uma caixa metálica cinzenta no interior.

Nicole susteve o fôlego em antecipação nervosa.

Zeeman puxou lentamente a caixa até metade para fora do cofre e levantou-lhe a tampa.

Não conteve um gemido de espanto e afastou-se, repellido pelo conteúdo.

— Que raio é isto? — exclamou.

Instintivamente, passou as mãos pelo casaco como se tentasse limpá-las.

Nicole olhava para o conteúdo da caixa com incredulidade. Sentia um sabor ácido a vômito erguer-se-lhe na garganta.

Querida afastar-se da caixa mas o choque provocado pelo que vira alheara-a de tudo.

Enfiada dentro da caixa de metal estava uma enorme mão humana, maior do que alguma que tivesse visto. Era a mão de um homem, parcialmente envolta num papel grosso e castanho. Tinha sido colocada com a palma para cima e os dedos curvando-se em direcção a ela como se pedisse ajuda.

A mão tinha sido cortada pelo pulso, a meio da junta onde os ossos da mão e do antebraço se uniam outrora. O corte tinha sido directo e ligeiramente inclinado a partir do polegar. A carne ainda estava rosada e com aspecto saudável. Uma aglomeração espessa de sangue por coagular formava-se na extremidade amputada, onde o osso redondo da ligação ao pulso era parcialmente visível. O dedo mínimo, reparou, era ligeiramente deformado. As unhas curvavam-se para dentro.

---

<sup>9</sup> Solução lubrificante e anticorrosiva. (N. do T.)

Um odor seco e fermentado erguia-se da caixa, espalhando-se lentamente pela caixa-forte. Nicole cobriu o nariz com uma mão mas era tarde demais para evitar que o cheiro enojante lhe penetrasse os pulmões.

### *Dezasseis*

Nicole queria gritar. Queria correr. Queria estar em qualquer lado menos ali, naquela câmara metálica sobreaquecida, olhando para a coisa horrível dentro do cofre. Franklin e Zeeman barravam-lhe a saída e, tal como eles, sentia-se estranhamente fascinada pela descoberta grotesca.

— Que raio é isto? — Franklin repetiu a pergunta de Zeeman.

— Parece... parece a mão de um homem, — respondeu Zeeman com voz assustada. — A mão direita de um homem.

— Não se arme em engraçado, — disse Franklin. — Sabe muito bem o que quis dizer. Como é que esta porcaria acabou fechada aqui dentro?

Estendeu um braço para o cofre mas tornou a recolhê-lo num ápice como se o contacto com o metal o tivesse picado.

— O diabo da tampa é aguçado, — murmurou enquanto abanava o dedo dorido. Uma pequena gota vermelha formava-se na extremidade. Aumentou de tamanho e caiu, cedendo imediatamente o lugar a nova gota de sangue. — Devia limar as arestas, — disse a Zeeman. — Podia ser processado por isto.

— A polícia... — tornou Zeeman com voz abalada, — Tenho de chamar a polícia.

— Acho bem que chame, — disse Franklin, irado. — Parece que temos aqui um problema. Não sei que raio se passa mas calculo que retiraram alguma coisa de valor antes de chegarmos. Talvez dinheiro ou jóias. Ou mesmo barras de ouro. Esta... coisa... deve ter sido aqui metida para nos confundir. — Lançou um olhar acusador a Nicole. — De certeza que não esvaziou o cofre logo depois de o seu marido ter morrido?

— Isso teria sido impossível, — interrompeu Zeeman com tom gélido. — Posso assegurar-lhe que a Sra. Danilovitch nunca esteve dentro da caixa-forte. Somos muito cuidadosos com estes assuntos.

— Está bem, são tão cuidadosos que alguém veio aqui deixar uma mão humana. São cuidadosos a esse ponto.

Nicole continuava a fitar a mão.

As unhas estavam tratadas mas havia uma fina linha de terra aprisionada por baixo das extremidades de duas delas. O resto da mão parecia ter

sido cuidadosamente lavado. Algumas gotas de sangue reluziam no papel sobre o qual repousava.

— Não parece surpreendida, — disse o agente fiscal a Nicole em jeito de acusação. — Talvez fosse isto que esperava encontrar? Talvez soubesse da mão antes de cá vir?

— Não. Eu nunca... — confusa e assustada, lutou para encontrar palavras que lhe permitissem responder. — Eu... eu não sei...

— É a mão do seu marido?

— Claro que não!

— Não é necessário ser grosseiro, — interrompeu Zeeman. — A Sra. Danilovitch acaba de perder o marido. Mostre algum respeito pelo seu desgosto.

— Não tem importância, — disse Nicole com voz débil.

— Claro que tem, — continuou Zeeman irado. — Ele representa o Departamento de Finanças da Pensilvânia. Há padrões de comportamento para os funcionários de órgãos públicos. Se não se comporta como deve, terei de apresentar queixa junto dos seus superiores.

— Está bem, está bem. Peço desculpa, — murmurou Franklin. — Foi só o modo como olhava para a coisa. Pareceu-me que a tinha reconhecido.

Nicole encostou-se à parede de metal, sentindo os joelhos a fraquejar.

— Vou chamar a polícia, — disse Zeeman.

Quando o presidente do banco abandonou a caixa-forte, Wendell Franklin sorriu e piscou o olho a Nicole.

— Vá lá, querida. De certeza que não sabe nada disto?

Ela fechou os olhos e desejou que ele desaparecesse. Tudo o que queria era ser deixada sozinha, fechar os olhos, voltar a abri-los e descobrir que tudo aquilo fora apenas um terrível pesadelo.

### *Dezassete*

O primeiro polícia a chegar foi o colosso calvo que tinha aparecido na noite em que Paul morrera. Felizmente, o gigante não fez qualquer tentativa para entrar na caixa-forte sobrelotada.

Atrás dele vinha Viktor Rhostok e, desta vez, Nicole estava feliz por vê-lo. De alguma forma, ter uma cara familiar por perto, mesmo sendo alguém com uma farda da polícia, tornava a situação menos ameaçadora. Tentou receber Rhostok com um sorriso amistoso mas, se os seus lábios funcionavam de forma correcta, o gesto não pareceu ter qualquer efeito nele.

Nicole teve de se espalmar contra a parede metálica para permitir a Rhostok aproximar-se do cofre aberto. Quando passou por ela, o músculo rígido do seu bíceps direito roçou-lhe o seio esquerdo. O mamilo arrepiou-se em resposta e corou ao senti-lo endurecer-se e tornar-se erecto.

Felizmente, ele pareceu não notar. O seu interesse parecia centrar-se unicamente no conteúdo do cofre.

— Não me parece que esteja aqui há muito tempo, — disse. — À temperatura ambiente, sobretudo sem ar condicionado fora das horas de expediente, não levaria muito tempo até a carne começar a mudar de cor e a inchar. Se passou aqui a noite, haveria já um cheiro bastante forte. Deve ter sido colocada algures durante o dia.

Tocou na mão com a extremidade de uma lapiseira, espetando o bico na carne macia na base da palma da mão. A pele recuperou a forma quando retirou a lapiseira.

— É impossível, — disse Zeeman. — O cofre estava selado. Ninguém poderia ter cá entrado para abri-lo sem o meu conhecimento. Qualquer pessoa que entrasse na caixa-forte teria de passar por mim e consigo ver a porta sem me levantar. Estive sentado à secretária o dia todo e ontem aconteceu o mesmo. Não vi nada de invulgar.

— Então e durante a noite? — perguntou Rhostok. — Ou antes de o banco abrir as portas hoje?

— Temos detectores de movimento e sensores de infravermelhos. Além dos alarmes especiais embutidos na porta da caixa-forte. Como sabe, o sistema de alarmes está ligado directamente à esquadra. Se alguém aqui viesse durante a noite, teriam sido alertados.

Rhostok espetou a lapiseira no pulso ensanguentado. Uma gota de fluido vermelho escuro ficou dependurada do bico. — Olhem para isto, — murmurou. — O sangue ainda não coagulou. A carne ainda está rosada. É impossível que esteja aqui há muito tempo. Dar-lhe-ia um par de horas no máximo. Quem esteve na caixa-forte hoje de manhã?

— Abri a porta pessoalmente às oito horas, — explicou Zeeman. — A fechadura tem um relógio e não a podemos abrir antes dessa hora. Fui eu que trouxe o dinheiro para as caixas como faço todas as manhãs. Mais ninguém entrou na caixa-forte em todo o dia. Excepto a Sra. Danilovitch, claro. Devo sublinhar que nem os funcionários do banco têm acesso a este lado da caixa-forte. Como vê, tem uma porta separada que mantemos trancada para melhor controlar as entradas. — Indicou com a cabeça a porta gradeada atrás deles. — Abrimos a porta apenas quando recebemos um cliente e fechamo-la logo que saem.

— Esta mão não chegou cá sozinha, — ripostou Rhostok. — Quando foi a última vez que Paul aqui esteve?

— Para abrir o cofre? Nunca.

— Mas pensei que... — voltou-se para Nicole. — Este cofre não era do seu marido?

— Talvez não me tenha explicado correctamente ao telefone, — disse Zeeman. — A Sra. Danilovitch tinha a chave mas o cofre foi originalmente alugado pelo pai de Paul.

— O velho Vanya? — Rhostok franziu o sobrolho.

— Sim. Alugou este cofre em 1946.

— 1946? — Rhostok repetiu o ano com incredulidade. — Isso foi há mais de cinquenta anos atrás.

— Exactamente. Voltei a verificar os registos enquanto esperávamos por si. O cofre foi alugado a 16 de Outubro de 1946 e não voltou a ser aberto desde esse dia. Nem uma única vez.

Um silêncio suado abateu-se sobre a caixa-forte sobrelotada.

O odor corporal de Wendell Franklin tornara-se quase insuportável para Nicole. Parecia-lhe que, agora, todos suavam, tanto pela tensão como pelo calor. Sentia uma gotícula da sua própria transpiração deslizar sob o soutien até atingir o espaço entre os seios. Desesperava por sair dali para o ar do fim de tarde que, mesmo sendo quente, era, pelo menos, seco e liberto da mistura de suor masculino e do odor almiscarado que emanava da mão. Lembrava-lhe... o quê? Palha? Cogumelos secos? Nozes?

Foi Franklin que interrompeu o silêncio.

— Bom, alguém deve ter posto esta coisa aqui.

— E não pode ter sido o Vanya, — disse Rhostok. — Há dois meses que está morto.

— Garanto-lhe que ninguém poderia ter entrado na caixa-forte sem o meu conhecimento, — insistiu Zeeman.

— Então e você, Zeeman? — A acusação partiu de Franklin que enxugava a testa com o mesmo lenço que usara para estancar o fluxo de sangue no seu dedo. — O banco é seu. Tem as chaves todas. É você que liga e desliga o sistema de alarmes. Talvez tenha esvaziado a caixa quando não estava ninguém por perto e metido ali a mão para desviar atenções.

— Como se atreve?! — gritou Zeeman. Por um momento, Nicole achou que Zeeman iria agredir fisicamente o agente fiscal. Com a mesma rapidez, recuperou a compostura e baixou a voz. — O único bem que um banco possui realmente é a integridade dos proprietários, — disse. — O dinheiro guardado neste banco está aqui porque o povo de Middle Valley confia em mim, do mesmo modo que confiaram no meu pai e no seu pai antes dele. Nunca faria nada para comprometer a sua confiança. Nunca. Exijo um pedido de desculpas.

— Então e os seus empregados? — Franklin continuou a assediá-lo.

— A sua secretária? É a única que se ocupa dos registos, não é?

Rhostok interpôs-se rapidamente entre os dois, separando-os com os seus ombros largos.

— Não vamos perder a cabeça, — disse. — Não ajuda nada discutirem um com o outro.

— Ele não tem o direito de vir ao meu banco fazer acusações deste teor, — insistiu Zeeman. — Nunca houve a mais mínima discrepância em nenhuma das nossas contas. Os funcionários do meu banco estão todos acima de suspeita. Conheço-os a todos. Conheço as suas famílias. Conheço os seus passados. Cada um foi pessoalmente contratado por mim ou, no caso da Senhorita Yarosh, pelo meu pai. Posso assegurar-lhe que nenhum deles pactuaria alguma vez com alguma coisa tão horrível como isto.

Olhando para Sonya Yarosh, Nicole era forçada a concordar. Era inconcebível que, naquela idade avançada, a velha e frágil criatura que espreitava da secretária fizesse alguma coisa que perturbasse a rotina do banco.

— Concordo consigo, — disse Rhostok ao presidente do banco. Voltando-se para Franklin, acrescentou: — Não faria sentido que um funcionário do banco fosse o responsável por isto. Se tivesse sido alguém de dentro, teria esvaziado o cofre e tê-lo-ia deixado vazio. Ninguém saberia de nada.

— Além disso, são necessárias duas chaves para abrir o cofre, — acrescentou Zeeman. — O banco só tinha uma chave. A Sra. Danilovitch tinha a outra.

— Talvez tenha razão, — Franklin foi forçado a admitir. — Que raio! Os dois únicos homens que saberiam o que estava originalmente no cofre devem ter sido os dois Danilovitches. E estão os dois mortos, por isso, provar que ocorreu um roubo será impossível. Mas isso não explica como uma mão humana foi parar dentro de um cofre fechado na caixa-forte de um banco.

Com a tensão temporariamente aliviada, Rhostok voltou a centrar a atenção sobre o cofre.

— Tenha cuidado para não se cortar com isso, — advertiu Franklin. O agente fiscal pressionava o lenço contra a extremidade do dedo, continuando a tentar parar o fluxo de sangue da minúscula ferida. Já havia uma dúzia de gotas de sangue no chão, algumas pisadas e esborratadas pelos seus sapatos.

Alguma coisa no grosso papel de embrulho pareceu captar a atenção de Rhostok. Com a ponta da lapiseira dobrou o papel para trás.

— Não pode ser... — começou a dizer, parando subitamente, olhando em silêncio para o papel.

Os ombros do polícia bloqueavam a vista a Franklin e Zeeman mas



Nicole conseguia ver o que tinha provocado o comentário surpreendido. Pareciam três palavras mas estavam escritas num tipo de letra e numa língua que não conhecia.

— O que foi? — perguntou Franklin.

Rhostok recuperou depressa.

— Estava só a pensar em voz alta.

— Não. Disse que não podia ser. Eu ouvi-o. O que queria dizer com isso?

Rhostok devolveu o papel à posição original, escondendo as marcas.

— Queria dizer que não consigo perceber como a mão chegou aqui. Parece impossível se levarmos em conta o espaço de tempo e o estado de conservação da carne.

Nicole sabia que estava a mentir. Tinha a certeza de que este comportamento estava relacionado com as estranhas marcas mas decidiu ficar calada por enquanto.

Observou Rhostok a examinar as arestas da pequena porta.

— Parece haver ferrugem à volta, — murmurou. — Foi difícil abri-la?

— Sim. Estava presa e as fechaduras também custaram a abrir, — respondeu Zeeman. — Mas, afinal, já passou meio século desde a última vez que o cofre foi aberto.

— Não pára de dizer isso, — disse Franklin. — Mas o sangue na mão ainda está fresco. Até o polícia diz que não pode estar aí há mais do que algumas horas.

Rhostok debruçou-se, examinando o conteúdo da caixa com maior cuidado. Nicole não acreditava como conseguia aproximar-se tanto do medonho objecto.

— A imprensa terá de ser informada? — perguntou Zeeman. — Seria má publicidade para o banco.

— Ele está obrigado a fazer um relatório, — disse Franklin. — Foi cometido um crime.

— Não sabemos isso ao certo, — murmurou Rhostok, enquanto passava o dedo ao longo das marcas de ferrugem. — Não temos qualquer prova de que tenha sido cometido um crime.

— Tem o raio de uma mão humana enfiada num cofre, — gritou Franklin. — Acha que isso não é um crime? De que prova é que precisa? No mínimo, tem aqui um caso de mutilação. Devia chamar o médico-legista.

— Temos muito tempo para isso, — disse Rhostok. — Até descobrirmos de quem é esta mão e como aqui chegou, não saberemos que tipo de crime foi cometido, se tiver existido algum. Preferia manter o silêncio por enquanto.

— Quanto menos se falar no assunto, melhor, — concordou Zeeman com alívio.

— Não contem comigo para abafar nada, — disse Franklin. — Talvez seja assim que fazem as coisas nesta cidade mas não é assim que trabalho. Vou fazer um relatório mesmo que você não o faça.

Rhostok voltou a cabeça lentamente até pousar o olhar sobre o agente fiscal.

— Vamos esclarecer uma coisa, Franklin. Quem está a conduzir esta investigação sou eu. Não quero que seja revelada qualquer informação sobre o que encontrámos aqui até estar preparado. Por outras palavras, trate de manter a boca fechada. Estamos entendidos?

O agente fiscal, agora suando mais do que nunca, devolveu-lhe o olhar sem responder.

Rhostok pediu ao outro polícia para ir ao carro buscar sacos para as provas e luvas de borracha.

Os sacos para provas revelaram ser grandes sacos de plástico para congelar alimentos. Nicole observou Rhostok enquanto este calçava as luvas de borracha, estendia as mãos para o cofre e, com cuidado, erguia a mão amputada. Colocou-a num dos sacos com a extremidade ensanguentada para baixo e selou-o. O polícia gigante não tentou disfarçar o nojo quando Rhostok lhe passou o saco. Instruiu-o a guardá-lo no congelador da esquadra para evitar a decomposição e voltar ao banco para procurar impressões digitais à volta da tampa aberta da caixa metálica.

Separadamente, Rhostok dobrou com cuidado o papel de embrulho grosso e colocou-o num segundo saco de plástico. Nicole reparou que não deu este saco ao outro polícia.

Finalmente, podiam sair da caixa-forte. Rhostok acautelou-os para que não tocassem em nada enquanto saíam.

O presidente do banco foi o último a sair. Quando fechava a porta de aço, fez-se ouvir um rugido grave, vindo algures das profundezas do edifício. Era um som trovejante e monstruoso que ia aumentando de intensidade até Nicole sentir o chão do banco tremer sob os seus pés.

Através das grades, conseguia ver o cofre estremecer na sua posição meio aberta.

O topo da caixa fechou-se com estrondo.

A caixa vazia vibrou até deslizar para fora da abertura e cair ao chão.

A cara de Wendell Franklin tornou-se branca com o medo.

Em pânico, Nicole procurou Rhostok que, por alguma razão, não parecia assustado.

## *Dezoito*

— Que diabo está a acontecer? — Franklin recuou amedrontado.

O ribombar continuou, grave e ameaçador, até acabar por terminar no que parecia ser um longo suspiro.

— É só um deslizamento de terras, — disse Rhostok. — Mais um túnel da mina a desabar.

— Túnel da mina? — questionou Franklin. — As companhias mineiras foram à falência há cinquenta anos atrás. Era suposto ter sido tudo entulhado pelo estado.

— Está a falar de centenas de quilómetros de túneis em nove níveis diferentes por baixo do Vale de Lackawanna, — explicou Rhostok. — Era impossível entulhá-los a todos.

— Entulharam os que ficavam por baixo de Scranton.

— Pelos vistos, não fizeram o mesmo aos que ficam por baixo de Middle Valley, — disse Rhostok. — Por isso, a natureza faz o que deviam ter sido eles a fazer. Os túneis enchem-se de água, as madeiras apodrecem e dá-se o colapso.

— Parecia um pequeno terramoto.

— O princípio é o mesmo. Normalmente, o deslizamento não provoca estragos mas, de vez em quando, os alicerces de um edifício estalam ou parte-se uma conduta de gás e temos uma explosão.

— Que raio de sítio para viver, — murmurou Franklin. — Mesmo por cima de uma zona de desastre ambiental. É uma sorte não vir cá a EPA<sup>10</sup> decretar a demolição da cidade toda.

— Não é assim tão grave, — Rhostok encolheu os ombros.

Instruiu Zeeman e o guarda do banco a aguardarem até ao regresso de Bruckner que viria tirar fotografias e tratar das impressões digitais. Os restantes podiam ir.

Nicole estava feliz por sair dali para fora. Apesar de o Sol se pôr, ainda faltariam algumas horas para as coisas arrefecerem. Mas o ar fresco era um alívio depois dos confins apinhados e malcheirosos da caixa-forte. Fez uma pausa na escadaria frontal, ainda abalada pelo que tinha visto lá dentro. Wendell Franklin enrolava o lenço à volta do dedo.

— É melhor pedir a um médico para lhe examinar o dedo, — recomendou Rhostok. — Pode precisar de uma vacina contra o tétano.

— É só um corte, — respondeu Franklin enquanto se dirigia para o carro. — Um cubo de gelo há-de fazer parar o sangue.

Nicole encostava-se a uma das colunas de mármore da entrada, inspiando profundamente o ar fresco e enchendo com ele os pulmões.

---

<sup>10</sup> Environmental Protection Agency (Agência de Protecção Ambiental) (N. do T.)

— Sente-se bem? — perguntou-lhe Rhostok.  
— Nem por isso, — admitiu. Por um momento, achei que ia desmaiar.  
— Talvez devesse sentar-se por um minuto. Para recuperar o fôlego.  
— Só quero ir para casa, — disse, procurando as chaves do carro na mala.

— Não devia conduzir, — disse Rhostok. — Não no seu estado. Não me parece que seja seguro.

— Vou ficar bem. A sério. Já me sinto melhor.

— Não parece. Está pálida e tem as mãos a tremer. — Rhostok tirou-lhe as chaves do carro. — Venha, levo-a a casa no carro-patrolha.

Nicole ficou subitamente apreensiva, tendo aprendido há muito tempo atrás que um carro da polícia não era necessariamente um sítio seguro para estar.

— Devolva-me as chaves, — exigiu.

— Estará mais segura no meu carro.

Olhou em redor, procurando uma desculpa para não ir com ele. Mas ele tinha as chaves, as ruas estavam vazias e não queria voltar para dentro do banco.

— Leva-me directamente a casa? Sem desvios nem paragens na esquadra?

— Sem desvios, — prometeu ele. — Levo-a directamente a casa.

Entrou no carro com relutância, sentando-se tão longe dele quanto podia. Como se o curto espaço do banco da frente oferecesse alguma protecção.

— Não devia ter vergonha de admitir estar assustada, — disse ele enquanto ligava a ignição. — A maior parte das pessoas na sua situação estaria a implorar por protecção.

— Porque precisaria de protecção? — Estava acostumada às ofertas de “protecção” vindas de agentes da polícia quando o que queriam era algo muito diferente.

— Encontrar uma mão humana fechada num cofre é suficiente para assustar qualquer um.

Ela puxou a saia num esforço fútil para cobrir os joelhos expostos. Se soubesse que ia viajar no banco da frente de um carro da polícia, teria vestido algo mais modesto.

— Está bem, fiquei chocada, — admitiu. — Ou talvez enojada seja uma palavra melhor. Mas porque devia estar assustada?

— Não lhe pareceu que o que achou no cofre pode estar relacionado com a morte do seu marido? Seja sincera. Não foi esse o seu primeiro pensamento?

Claro que tinha sido mas recusou-se a admiti-lo.

— Não lhe pareceu que pudesse existir uma ligação? — insistiu ele.  
— O meu marido morreu de ataque cardíaco, — respondeu Nicole.  
— Não pode ter a certeza.  
— Foi o que disse o médico-legista.  
— Sem autópsia. Estava só a dar palpites quanto à causa da morte.  
— Não acredita no seu próprio médico-legista?  
— Normalmente acreditaria, — disse. — Mas neste caso em particular... digamos que mantenho as minhas reservas.  
— Acha que o matei? Está bem. Admito. Fui eu.

Recordou aqueles últimos momentos febris de paixão com Paul subitamente a perder o fôlego com a cabeça atirada para trás e ela, para seu desgosto eterno, pensando erroneamente tratar-se apenas do momento da ejaculação. Em vez de parar, o que podia ter-lhe salvo a vida, aumentou com ânsia o aperto das coxas em torno das ancas dele até o seu corpo se tornar inerte e desabar nos seus braços. Poderia tê-lo salvo? Talvez não. Mas sabia que a dúvida a assombraria para o resto da vida.

— Morreu nos meus braços. — Virou a cara para que ele não pudesse ver as lágrimas nos seus olhos. — Estávamos a fazer amos. Ele estava por cima de mim. Se alguém foi responsável pela morte do meu marido, fui eu.

— Talvez fosse precisamente isso que alguém quis fazer parecer, — disse Rhostok.

Ela voltou-se para o esbofetear mas ele agarrou-lhe a mão no ar e apertou-lha até a dor a fazer esquecer a raiva.

— Peça desculpa, — Rhostok libertou-lhe a mão. — Não era suposto ser uma acusação. Estava só a pensar em voz alta.

— Não acha que já me sinto suficientemente culpada do que aconteceu? — Nicole massajava o pulso vermelho.

— Já lhe pedi desculpa.

— Eu sei o que está a fazer. É um dos vossos truques de polícia. Acha que eu assassinei o meu marido e está a tentar comportar-se como se estivéssemos a ter uma conversa privada para ver se consegue que diga qualquer coisa incriminatória. Tem medo que, se me levasse para interrogatório, eu pedisse um advogado.

— Se tivesse advogado, ele aconselhá-la-ia a pedir protecção policial.

— Não preciso de protecção policial. Não preciso de ninguém a vigiar-me. Sei tomar conta de mim.

Rhostok guiava lentamente, seguindo por um caminho sinuoso que serpenteava por entre ruas calmas e ladeadas por árvores. Não parava de olhar para o espelho retrovisor, verificando se alguém os seguia. Era comportamento absurdo para um polícia de uma cidade pequena, pensou ela.

— E agora? — perguntou. — Acha que estamos a ser seguidos?

— Nunca se sabe,  
— Você é um figurão, — disse Nicole. — Não confia em ninguém, pois não?

— É a maneira de ser russa, — respondeu ele. — Somos gente desconfiada por natureza.

— Desconfiados demais para o meu gosto. — Cruzou os braços e deixou-se escorregar no banco. — Esta cidade dá-me arrepios. Desde que cá cheguei, sinto que todos os movimentos que faço estão a ser observados. Como se houvesse sempre alguém escondido a vigiar o que faço.

— A sério? — Ele não parava de olhar para o espelho retrovisor. — Alguma vez chegou a ver a pessoa que acha que a vigia?

— Não disse que era só uma pessoa. Às vezes, acho que é o raio da cidade inteira. Mas talvez seja só paranóia.

— Não necessariamente, — disse Rhostok. — Os seus instintos podem estar certos.

— Deve ser só a minha imaginação. Talvez o problema real seja sentir-me tão deslocada aqui. É tudo tão... russo. Não me consigo enquadrar.

— Mas a sua ascendência é russa. Ou, pelo menos, o nome na sua carta de condução é.

— Baronovich era o apelido da minha mãe. Nunca conheci o meu pai verdadeiro. — Vendo a pergunta formar-se na cara dele, acrescentou: — Preferia não falar sobre isso, está bem? Digamos que achei que vir para aqui fosse bom para mim e acabou por ser um desastre. Tudo o que quero agora é sair da cidade.

— E ir para onde? De volta para Las Vegas?

— Como é que sabe de Las Vegas?

— Foi lá que o Paul a conheceu, não foi?

— Sim. Bom, decididamente não volto para lá. Talvez L.A., talvez São Francisco. Algum lugar onde ninguém me conheça.

— Receio que isso não ajudasse muito. Eles acabariam por localizá-la e ir atrás de si.

— Eles? Quem são *Eles*?

— As pessoas que mataram o seu marido. As mesmas pessoas que mataram o pai dele.

— Eu sei como o meu marido morreu. Estava lá, lembra-se? Não havia mais ninguém no quarto para além de nós os dois. E estou a dizer-lhe que não foi assassinado.

— Podem ter-lhe feito coisas antes de ir para o quarto.

— Você é incrível, — disse ela.

— Não a quero assustar mas pode estar envolvida em qualquer coisa mais perigosa do que se consiga aperceber.

Estava escuro quando chegaram a casa dela. Rhostok encostou ao passeio e desligou os faróis. A vizinhança estava silenciosa com a excepção de um cão que ladrava algures na distância. Os proprietários idosos da casa vizinha, Bogdan Spiterovich e a esposa, Olga, estavam sentados num balouço no alpendre tal como faziam todas as noites. Nicole interrogou-se sobre o que pensariam se pudessem ouvir a conversa inacreditável que estava a ter com este polícia. De qualquer forma, não esboçou nenhum movimento para sair.

— Sabe como morreu o pai do Paul? — perguntou Rhostok.

— Ouvi-o discutir com o O'Malley sobre isso. Acha que foi empurrado mas o O'Malley disse que foi suicídio. Prefiro acreditar no Paul. Ele dizia que deve ter sido um acidente. O pai tinha oitenta anos e a doença de Alzheimer. Pode ter dado um passo para fora do telhado do lar sem sequer saber onde estava.

— Para começar, não era lar nenhum, — disse Rhostok. — Era um hospital psiquiátrico. Em segundo lugar, a doença de Alzheimer do Vanya ainda não estava assim tão avançada. Estava lá porque tinha tido uma crise psicótica violenta. Levantou-se uma manhã, saiu para a rua e despejou os cinco tiros de uma caçadeira num carro estacionado em frente da casa.

— O Paul nunca falou em arma nenhuma, — disse ela.

— O Vanya estava internado numa área de segurança máxima reservada para os pacientes violentos. Na noite em que morreu, conseguiu sair da cela trancada, passar pelos guardas e subir ao telhado. Como acha que um velho de oitenta anos conseguiu isto?

— O polícia é você. Como?

— Não acredito que o tenha feito sozinho. Acho que alguém o levou lá acima. A mesma pessoa que o empurrou do telhado.

— Mas o médico-legista disse que foi suicídio, — insistiu ela como se a repetição tornasse a afirmação verdadeira.

— Os dedos da mão direita do Vanya foram partidos antes da morte. Um homem não faz isso a si próprio se está a pensar suicidar-se.

Enquanto Rhostok falava, Nicole olhava para a casa que albergara os seus sonhos de futuro. O edifício em madeira de dois andares tinha um alpendre frontal e telhados projectados, situado numa rua em que as “casas da companhia” haviam sido outrora idênticas. Com o passar dos anos, as casas tinham sido beneficiadas com anexos, cobertura, pintura e decoração, dando a cada uma o seu carácter individual. O pai de Paul tinha acrescentado um rendilhado complexo à casa. Conferia à estrutura um aspecto marcadamente europeu. Mas o que, de dia, parecia decorativo e encantador, adquiria à noite uma dimensão sinistra.

— O seu marido e o pai dele morreram, — continuou Rhostok. — Agora

abre um cofre e descobre uma mão humana lá dentro. Não lhe parece que isso seja um aviso de alguma espécie? Um sinal de que a sua vida pode estar em perigo?

Nicole continuou a olhar em frente. A luz fantasmagórica da lua cheia iluminava o jardim da frente mas criava sombras negras profundas nos lados da casa. Começava a imaginar que conseguia ver movimento nessas sombras. Mas, de cada vez que focava os olhos no local em que os movimentos pareciam ocorrer, estes paravam. Começava a pensar duas vezes em relação a passar a noite sozinha. Apesar de não o querer admitir, a oferta de protecção policial de Rhostok começava a parecer-lhe cada vez mais apetecível.

— Porque acha que estou em perigo? — perguntou, tentando impedir que a voz revelasse o medo que crescia dentro dela. — Não fiz nada de mal. Não sei nada sobre a mão ou sobre quem a pôs no cofre. Não vejo porque há-de isto ter alguma coisa a ver comigo.

— Já ouviu falar de um homem chamado Ulyanov? — perguntou Rhostok. — Florian Ulyanov?

— Não.

— E de Boris Cherevenko?

— Não.

— De certeza? O Paul nunca lhe falou neles?

— Nunca. Lembrar-me-ia de nomes como esses. Porquê?

— Eram amigos do pai do Paul. Bons amigos. Andaram na escola com o Vanya, aqui mesmo em Middle Valley, e foram juntos para a Segunda Guerra Mundial. Na mesma unidade.

— Nunca ouvi falar deles. Porquê?

— Porque estão mortos. Foram ambos assassinados... nas cinco semanas que antecederam a morte do pai do Paul.

— É horrível. Mas que tenho eu a ver com isso?

— As mãos direitas destes três homens foram mutiladas.

Nicole sabia para onde conduzia a conversa mas recusava-se a aceitar, esperando que houvesse algum engano.

— O que achou no cofre foi a mão direita de um homem, — disse Rhostok. — Isso não pode ser coincidência. É um aviso.

— Porquê? Porque tem de ser um aviso? — Não conseguia evitar o tremor na voz. — Porque está a tentar assustar-me?

— Se há alguém a tentar assustá-la, é quem pôs aquela mão no cofre. Visto que Paul e o pai dele já estão mortos, a única pessoa a quem o aviso podia estar destinado é você.



## *Dezanove*

— Se é um aviso, não pode ter sido destinado a mim, — ripostou Nicole.  
— Nem sequer sabia o que estava dentro do cofre.

— Então como arranjou a chave?

— Eu... achei-a no chão do quarto. — Vendo o cepticismo na face de Rhostok, apressou-se a acrescentar uma explicação. — Estava debaixo da cómoda. Num pequeno envelope amarelo que parecia ter sido colado com adesivo ao fundo há anos atrás. Mas só o encontrei na manhã a seguir à morte do Paul.

— Não lhe pareceu que o timing foi conveniente demais? Depois de estar ali durante anos, a chave cai subitamente ao chão no dia a seguir à morte do seu marido.

— Não consigo explicar. Às vezes, as coisas acontecem assim. É o destino.

— É possível, — concordou Rhostok. — Também é possível que alguém tenha entrado em casa durante a noite e posto a chave onde tinham a certeza de que a iria encontrar.

— Alguém? Quem? — Era inacreditável, pensou.

— O meu palpite é que tenham sido as mesmas pessoas que mataram os três velhos. As mesmas pessoas que vasculharam a casa.

— O Paul disse que tinha sido só vandalismo, — lembrou.

— Pode ter sido o que lhe pareceu. Mas, para mim, parecia mais uma busca. Quem quer que tenha sido, fez as coisas com muito cuidado. Foram do sótão à cave. Até abriram buracos no chão da cave. Não faço ideia do que procuravam mas aposto que acharam a chave colada ao fundo da cómoda.

— Mas... se acharam a chave porque a deixaram lá ficar? — perguntou, continuando a negar a ideia.

— Calculo que quisessem que fosse você a abrir o cofre. De alguma forma, conseguiram entrar no banco, levaram o que estivesse no cofre e deixaram lá a mão. Deixaram-na como aviso dirigido a si.

— Como é possível? No banco disseram que o cofre não era aberto há cinquenta anos.

— Não me importa o que disseram. Baseando-me no estado de conservação da mão, não pode ter lá estado mais do que algumas horas. Alguém deve ter lá entrado hoje de manhã, talvez antes de o banco ter aberto, e esvaziado o cofre. E se não é um aviso, porque outro motivo deixariam uma mão amputada para trás? Porque não esvaziar o cofre e partir? Alguém queria que abrisse o cofre e encontrasse a mão.

— Mas porquê eu? — gemeu ela. — Quase não conheço ninguém na

cidade. Nem sequer tinha ouvido falar de Middle Valley antes. O que pode isto tudo ter a ver comigo?

— Talvez tenha alguma coisa a ver com o facto de se ter casado com o Paul ou com o facto de viver nesta casa.

— Não. Não posso... não quero... acreditar.

— Há um rasto de mortes que conduz do Arizona à Florida até Middle Valley e até esta casa. A casa pertencia ao pai do Paul. Quando foi morto, o Paul herdou-a. Agora, também está morto e a casa é sua. Isso pode querer dizer que será a próxima.

O medo e a tensão que se vinham acumulando dentro dela explodiram finalmente.

— Pare com isso! — gritou, quase se engasgando com as palavras. — Pare de tentar assustar-me! Não quero ouvir mais. Pare. Pare e deixe-me em paz!

Abriu a porta do carro e correu pelo alpendre acima. Com os olhos cobertos de lágrimas, procurou a chave de casa na mala. Sentiu a mão poderosa de Rhostok no seu pulso e tentou libertar-se mas o seu aperto era forte demais.

— Estou a tentar ajudá-la, — ouviu-o dizer.

Nicole lutou para se libertar. Agrediu com os punhos o seu peito sólido e tentou gritar mas tudo o que conseguiu foi um gemido patético.

Finalmente, deixou-se cair contra ele. Ele absorveu-lhe o desgosto em silêncio, permitindo-lhe abandonar-se e chorar de encontro ao seu peito.

O choque e a tensão dos últimos três dias, o horror da morte súbita de Paul, o desintegrar terrível das suas esperanças para o futuro, o horror sentido no banco e agora o medo de que a sua vida pudesse estar em perigo esgotaram-se e deixaram-na a soluçar em silêncio, desejando que ele a abraçasse.

— Vou tentar manter isto abafado, — disse. — Quanto menos se souber do que aconteceu no banco, mais segura estará.

De início, Rhostok deixou ficar as mãos caídas ao longo do corpo, como se receasse abraçá-la. Ela pressionou o corpo ainda mais contra ele, procurando protecção no seu peito. Os seus seios generosos espalmaram-se contra a parede sólida do seu tórax. Conseguia sentir o cabedal do cinturão da pistola contra o estômago.

Qualquer outro homem tê-la-ia arrebatado e levado para dentro, pensou. Mas Rhostok não era como qualquer outro homem. Tudo o que fez foi acariciar-lhe o cabelo e sussurrar-lhe algumas palavras meigas de conforto. Sentia-se segura nos seus braços.

— Vou mandar o Otto Bruckner para aqui quando acabar o que tem para fazer no banco, — disse com gentileza. — Ele vai vigiar a casa.

Nicole agarrou-se mais a Rhostok, receando afastar-se na escuridão, desejando desesperadamente que ele fosse Paul e sentindo-se envergonhada pelo modo como o seu corpo respondia.

### *Vinte*

Nicole não era uma mulher que se deixasse assustar facilmente.

Mas nunca tinha sido avisada de que um assassino podia estar à sua procura.

Insistiu que Rhostok passasse a casa em revista antes de se ir embora, para procurar sinais de intrusos. Seguiu-o de quarto para quarto, observando-o a testar as fechaduras das portas e os fechos das janelas e espreitar para dentro dos armários. Prestou atenção especial à cave, inspeccionando a porta para o quintal, certificando-se de que estava firmemente trancada. Os buracos estranhos que alguém tinha cavado no chão de terra pareciam-lhe agora mais sinistros. Tinham sido abertos ao acaso e tinham formas variáveis. Alguns eram estreitos e profundos como campas, outros rasos. Vendo-os agora, depois do aviso de Rhostok, interrogou-se se algum deles lhe seria destinado.

Quando Rhostok se mostrou satisfeito com a segurança da casa, avisou-a para não abrir a porta a ninguém para além de Otto Bruckner e ele próprio.

Mal saiu, Nicole trancou a porta, acendeu todas as luzes do piso térreo, incluindo as que iluminavam o quintal das traseiras. Jogando pelo seguro, inclinou cadeiras contra as portas da frente e da cozinha. Depois, correu pelas escadas acima e trancou-se no quarto principal. Sem querer deitar-se na cama em que o marido tinha morrido, encolheu-se num canto onde uma janela lhe dava uma vista privilegiada sobre quaisquer intrusos que se aproximassem da casa.

Trancar as portas não tinha feito muito para a ressegurar. Nenhuma tranca podia protegê-la das perguntas inevitáveis que uma mente apavorada coloca a si própria.

O polícia tinha-a avisado de que a sua vida corria perigo. Mas, mesmo assim, não queria que deixasse Middle Valley.

Porque não?

E quanto de tudo o que tinha dito era verdade?

Normalmente, conseguia perceber quando um homem mentia. Mas este polícia tinha uma cara impossível de ler, uma máscara sem expressão

que não revelava nada dos seus sentimentos verdadeiros. Tinha partilhado com ela uma mistura assustadora de factos e ficção mas não havia ansiedade no modo como falava. Só aquela voz desapaixonada e aquela cara franca e de maxilar forte. Pela emoção revelada, podia ter estado a falar do tempo. Mas, ao invés, tinha-lhe falado de um rasto brutal de homicídios que conduzia directamente até à sua porta.

Que razão teria para lhe mentir sobre assuntos tão terríveis?

Apercebeu-se de que as suas palavras a haviam transformado numa prisioneira na sua própria casa, tão assustada que se escondia atrás de portas trancadas.

A casa era tudo o que lhe restava do seu casamento com Paul. Era o único refúgio seguro que encontrara em toda a sua vida, o único sítio onde tinha sido capaz de se esconder do passado que a assombrava.

Agora, até mesmo aquele refúgio se tinha tornado em apenas mais uma estação na viagem tenebrosa que o destino lhe tinha traçado. Haveria uma maldição sobre aquela casa e estaria ela, a proprietária actual, condenada a tornar-se a sua vítima seguinte? Se assim fosse, pensou, talvez pudesse evitar a maldição com a fuga. Rasgar o testamento e sair da cidade tão depressa quanto possível. Parecia-lhe a coisa mais racional a fazer.

E, no entanto, lá no fundo, sabia que fugir não resolveria nada. Tinha-o feito demasiadas vezes antes, apenas para descobrir que mais infortúnio a esperava. Se existisse uma maldição, estava segura de que seria a maldição que o destino havia lançado sobre ela ao dotá-la de atributos que os homens achavam irresistíveis. E agora, encolhendo-se num canto do quarto em que o seu marido morrera, estava convencida de não haver qualquer outra explicação.

Nunca tinha tido problemas em atrair homens. Havia-os até dispostos a pagar qualquer preço para estar perto dela. Mas era aquela mesma beleza, a carne desejada por tantos homens, que a aprisionava, condenando-a derradeira e eternamente, pensou, ao inferno em que a sua vida se tinha transformado. Homens atrás de homens a tinham enganado com promessas falsas, levando-a em viagens de Nova Iorque a Miami e, finalmente, a Las Vegas, viagens que, inevitavelmente, terminavam sempre numa sucessão de quartos de hotel baratos de onde parecia não haver saída.

Outras mulheres que trabalharam com ela procuravam refúgio temporário de desgraças iguais no doce abraço de substâncias alterantes, escolhendo, como se escolhessem refeições de uma ementa, entre uma variedade imensa de produtos farmacêuticos livremente fornecidos pelos seus patronos. Costumava pensar que seria muito mais barato e rápido escapar cortando os pulsos num banho quente. Um banho de espuma tal-

vez. Com espuma até acima que a impedisse de ver a medonha mudança de cor da água. Mas foi sempre incapaz de enfrentar a fatalidade de tal decisão.

Nicole tinha sido aprisionada numa vida que não desejava mas que não se atrevia a terminar. E fora por isso que, quando acordou numa manhã, casada com um homem muito mais velho do que ela, um homem com uma cara longa e com rugas profundas, com cabelo já grisalho, nem sequer protestou. Encarou a situação como uma bênção do destino, uma intervenção na sua vida para lhe oferecer uma segunda oportunidade. Até essa manhã, vira o casamento como algo que lhe seria eternamente proibido, um ritual e um modo de vida apenas destinado a mulheres normais. O seu novo marido tinha orelhas grandes e olhos aquosos e apenas uma reforma como única fonte de rendimento. Mas tinha uma voz suave e um sorriso amistoso e era carinhoso e meigo com ela.

Dadas as circunstâncias do casamento, era impossível que Paul não soubesse que tipo de vida tivera antes mas parecia não se importar. Tudo o que queria era levá-la com ele para a sua cidade natal na Pensilvânia, onde tinha herdado a casa do pai. Ainda não o amava. Isso viria depois. Mesmo assim, parecia-lhe ser a resposta aos seus sonhos. A possibilidade de começar do princípio. A oportunidade para acordar de manhã sem sentir nojo pelo que fizera na noite anterior.

Mas, agora, parecia-lhe mais uma vez que tinha apenas fugido a uma situação má para dar consigo noutra ainda pior. Pelo menos em Las Vegas ninguém tentava matá-la.

O que finalmente a fez sair do canto foi um cheiro mau mas familiar que lhe entrava pelas narinas.

A princípio, pensou que fosse só a sua imaginação a pregar-lhe partidas. Tentou ignorá-lo. Tentou esquecer as memórias amargas que despertava. Mas o aroma acre aumentava de intensidade até ser impossível negar-lhe a presença. Olhou para fora da janela. O polícia que Rhostok prometera já tinha chegado mas continuava dentro do carro à frente da casa, provavelmente a preencher formulários. Mas estava suficientemente perto para responder rapidamente a quaisquer gritos pedindo ajuda.

Silenciosamente, destrancou a porta do quarto e desceu as escadas, recendo o que estava certa de encontrar.

Sentado na cadeira preferida do seu falecido marido estava Vassily Zhamnov, fumando um daqueles cigarros *Red Star* nauseabundos que apenas podiam ser comprados em mercearias propriedade de russos.

Vassily era um homem magro com cara estreita. Tinha o cabelo preto penteado para trás a partir da testa, com uma ligeira onda junto às orelhas. Como era habitual, usava roupa cara mas que, estranhamente, não lhe

assentava bem: uma camisa de seda de azul pálido e calças cinzentas que ficariam melhor a um homem muito mais corpulento.

Era a última pessoa que desejaria ver naquele momento em particular da sua vida.

O homem de que achava ter conseguido finalmente escapar.

— Como entraste aqui? — perguntou ela com voz trémula.

O sorriso de Vassily era mais brutal do que amistoso. O facto de ter conseguido de alguma forma entrar na casa trancada sem ruído não a surpreendia. Muito menos o modo como conseguira entrar sem alertar a polícia lá fora. A cidade era pequena e não estava habituada a homens como Vassily.

— Vim oferecer os meus sentimentos pela morte do teu marido, — disse.

— Vieste de Las Vegas só para me dizer isso? Como é que soubeste?

Vassily encolheu os ombros, esquivando-se às perguntas dela com um movimento de mão. Sugou profundamente o seu cigarro russo e libertou uma corrente lenta de fumo antes de falar.

— Faz favor de me dizer exactamente o que há no cofre.

## *Vinte e Um*

O procedimento policial correcto seria fotografar a mão e enviá-la para a morgue municipal, onde as partes de corpos eram habitualmente armazenadas até poderem ser reunidas com o cadáver adequado. Mas era a primeira pista sólida encontrada pela investigação de homicídio de Rhostok. E, tendo surgido tão cedo após saber dos homicídios na Florida e no Arizona, não estava disposto a deixá-la ir com facilidade. Passou as horas seguintes a contactar os hospitais locais e a consultar os relatórios de acidente da região. Não conseguia encontrar registo de amputações recentes ou de desmembramentos acidentais, nenhuma explicação lógica para a horrenda descoberta.

À medida que a noite progredia, era assombrado pelo pensamento de que a mão lhe era familiar. Estava convencido de ter visto a estranha curvatura do dedo deformado algures ou em alguém. Seria de alguém que conhecesse? Um residente local? Um homem que tivesse visto numa fotografia?

Finalmente, exausto, deixou a mão no frigorífico da esquadra e levou o papel de embrulho para casa, onde poderia estudar a estranha mensagem que continha sem que ninguém fizesse perguntas.

Duas vezes ao longo da noite, acendeu as luzes para estudar as palavras. Apesar de as letras pertencerem ao alfabeto cirílico, não era russo comum. Era eslavo eclesiástico, a língua antiga agora apenas reservada para utilização em igrejas Ortodoxas. Apesar de a versão falada ser bastante parecida com o russo moderno, a versão escrita não era inteligível pelos não-iniciados. Estudou cuidadosamente a inscrição para ter a certeza de que a lera correctamente. Para confirmar o nome que recordava das histórias contadas pelo seu avô.

Interrogou-se sobre o que o avô pensaria acerca do conteúdo do cofre. Provavelmente, teria enterrado tudo no cemitério russo: a mão, o papel e até a própria caixa, entregando tudo à terra, talvez com uma oração. Teria sido perfeitamente compreensível, talvez fosse até uma reacção previsível da parte de alguém que seguia os velhos costumes.

Mais tarde, talvez sobre um copo de chá e um cachimbo cheio com tabaco fresco, ter-lhe-ia contado mais uma vez a história bizarra do “Santo Demónio” que emergiu da vastidão siberiana para exercer o seu estranho poder sobre o trono imperial. Era a história de um monge rude e quase analfabeto que, durante algum tempo, se tornou o homem mais poderoso da Rússia. Chamavam-lhe abençoado e mulherengo, bêbado e profeta, um milagreiro considerados por muitos como sendo o Anticristo e venerado por outros como santo.

O velho cossaco teria especulado que a mão pudesse ter pertencido a essa figura infame, o homem cujo nome tinha sido inscrito com grossos traços de lápis no papel de embrulho.

E aí, algures na complicada mistura de mito e história tão típica das reminiscências do velho, encontraria um pormenor obscuro que pudesse eventualmente conduzir a uma resposta à pergunta que mantinha Rhostok acordado.

Mas o velho estava morto e enterrado, incapaz de oferecer o seu conselho. E Rhostok, apesar de criado na tradição russa de misticismo e superstição, tinha uma mente lógica que procurava respostas racionais. Dada a condição da mão no cofre, era-lhe impossível acreditar que pudesse ter pertencido ao lendário Monge Louco, apesar do que as letras em cirílico no papel pudessem dizer.

Afinal, Grigorii Effimovich Rasputine fora assassinado na Rússia quase um século antes, numa noite nevosa de Dezembro no ano de 1916.

*Mas como pôde Rasputine tornar-se o homem mais poderoso da Rússia? — perguntou o rapaz. — De certeza que o Czar era mais poderoso. Não era o Czar que comandava os exércitos, o povo e todas as terras do Império Russo? O velho sorriu. O rapaz aprendia bem as suas lições.*

— O poder do Czar limitava-se às coisas deste mundo, — explicou o velho. — Rasputine tinha poderes que iam além da capacidade de compreensão de homens mortais. Conseguia prever o futuro. Conseguia ler mentes. Era capaz de curar os doentes. Presenciava aparições de Nossa Senhora. Tinha o poder de controlar os pensamentos das pessoas, fazendo-as cumprir a sua vontade.

— Houve outros homens na História que também tiveram essas habilidades, — disse o rapaz. — Nostradamus e os santos. Também tinham os mesmos dons, não tinham?

O velho alegrou-se com os comentários do rapaz. Mostravam que o pequeno desenvolvia a capacidade de pensar por si próprio.

— Mas a cada uma dessas pessoas foi concedido apenas um único dom de Deus, — disse. — A Nostradamus foi dado o dom da profecia. Santa Bernadette foi abençoada com visitas da Virgem. São Francisco recebeu o poder de curar os doentes. Mas Rasputine tinha todos esses dons e ainda mais.

— Foi assim que se tornou tão poderoso? — perguntou o rapaz.

— Foi assim que conseguiu atrair as atenções do Czar e da Imperatriz, — disse o velho. — Reconheceram-no como santo. Mas o que os fez ajoelhar perante ele foi um dom muito especial conhecido como zagovariat krov.

— O poder de falar com o sangue? — perguntou o rapaz, ansioso por mostrar o seu domínio crescente da língua russa.

— Sim, — disse o homem. — O zagovariat krov. Rasputine conseguia parar o fluxo sanguíneo apenas por falar com a vítima. E foi isso que lhe deu tamanha influência sobre o trono da Rússia.

## **Vinte e Dois**

Depois de uma noite sem sossego, Rhostok não gostou de ver na manhã seguinte o noticiário do Canal Um à sua espera na esquadra.

Nunca era bom sinal quando vinha gente da televisão a Middle Valley. A última vez que tinham aparecido fora para entrevistar as famílias dos quatro alunos do liceu que morreram num acidente de viação na noite do baile de finalistas. Antes disso, fora para captar imagens dos escombros da casa destruída por uma explosão de gás. Visto que não tinha sido informado de nada tão desastroso durante a noite, restava-lhe concluir que o repórter tinha, de alguma forma e apesar dos seus esforços para abafar o assunto, ouvido falar do conteúdo do cofre e queria informações adicionais.

A carrinha estava estacionada no parque da polícia, mesmo por baixo do sinal que dizia “Exclusivamente para Uso Oficial.” Quem quer que a ti-



vesse deixado lá, provavelmente desculpar-se-ia dizendo que não reparara no sinal. Considerou passar uma multa mas achou melhor não o fazer. Não servia de nada arranjar inimigos na comunicação social.

Inspirou fundo e endireitou os ombros antes de entrar no edifício.

Felizmente, não havia operador de câmara lá dentro.

Apenas uma jovem loura atraente, impecavelmente vestida com casaco e saia de vermelho brilhante que a cobriam até meio das coxas. Voltou-se e presenteou-o com o mesmo sorriso brilhante que a tinha visto usar na televisão.

Reconheceu-a de imediato. Chamava-se Robyn qualquer coisa... Robyn Cronin. Era isso. Não era um dos pivots, nem sequer um dos repórteres principais que substituíam os pivots ao fim-de-semana. Tinha aparecido pela primeira vez no ecrã há alguns meses atrás, cobrindo *faits divers*. Às vezes eram coisas sobrenaturais como a história da rapariguinha que voltara à vida depois de ter estado clinicamente morta durante dezasseis minutos e que dissera mais tarde aos médicos que tinha entrado num túnel luminoso, encontrando-se com a avó morta.

Cumprimentou-a pelo nome, o que aumentou o brilho do sorriso.

Era mais baixa do que esperava. Na televisão parecia mais alta. Mas depois lembrou-se de ter lido algures que as pessoas que apareciam na televisão e nos filmes costumavam ser baixas. Faziam-nos parecer que tinham estatura normal através de truques de câmara.

Encaminhou a repórter para o seu gabinete, uma pequena divisão decorada com mobília desemparelhada de madeira e metal que parecia ter vindo do Exército de Salvação. O único objecto pessoal que trouxera com ele quando herdara o gabinete tinha sido a gaiola de arame ao canto onde se alojavam os dois canários mineiros que Rhostok mantinha como memorial à morte desnecessária do pai. Os canários, descendentes de outros cuja sensibilidade a gases explosivos salvara a vida a gerações de mineiros, romperam num chilrear estridente para saudar a chegada de Rhostok.

Abriu o fecho do casaco e atirou o chapéu para a estante repleta de velhos livros empoeirados sobre as leis da Comunidade da Pensilvânia, indicando à repórter a cadeira pesada em frente à sua secretária. Esta pousou a mala sobre o tampo entre os dois. Era uma mala cara de cabedal preto com uma corrente dourada e deixada aberta de forma descuidada.

Tal como receava, começou de imediato a fazer perguntas sobre os acontecimentos do dia anterior no banco. A centelha de alerta que lhe surgiu subitamente nos olhos alertou-o para que tivesse cuidado. Andava à procura de uma história e, provavelmente, estava disposta a torná-lo parte dela se se intrometesse no caminho.

— Como soube tão depressa? — perguntou Rhostok.

— Foi uma fonte confidencial.

Voltava a oferecer-lhe o mesmo sorriso espevitado que usava na televisão, inclinando a cabeça para ele como se fosse suposto serem velhos amigos ou coisa parecida.

Provavelmente o guarda do banco, pensou Rhostok. Ou ele ou o idiota do Departamento de Finanças.

Voltou-lhe as costas e deitou alpista aos canários num recipiente de plástico.

— Espero que não pretenda falar disso na televisão, — disse-lhe com as costas voltadas.

— Porque não? — perguntou ela.

— Middle Valley é uma cidade pequena, — disse, tentando manter a calma, esperando que ela perdesse o interesse e se fosse embora. — Não me parece correcto excitar as pessoas sem motivo.

— Ainda não contactou o gabinete do médico-legista, — desafiou ela. — Porquê?

— Porque, tanto quanto sei, ninguém morreu. Não temos cadáver.

— Apenas parte de um.

— Isso mesmo. Mas não há nada de estranho nisso. — Dava o seu melhor para parecer casual, tentando minimizar a importância da descoberta. — Achamos todo o tipo de coisas pela cidade. Sobretudo na Primavera, quando chega o degelo. Ficaria surpreendida com o que se perde na neve. Carteiras, jóias. Até animais perdidos. Fomos informados do desaparecimento de um Labrador premiado há dois anos atrás. O dono jurava que tinha sido roubado e que valia três mil dólares. Um cão treinado. Encontraram-no ao fundo do jardim quando a neve derreteu. Deve ter ido lá fora mijar e um limpa-neves passou e enterrou-o.

Depois de se assegurar de que os canários estavam felizes e saudáveis, Rhostok contornou a repórter e abriu a tampa da máquina de café, substituindo o filtro de papel. Ela voltou-se na cadeira, ficando de frente para ele. Tinha a mala no colo.

— Não estamos na Primavera, — disse. — E não estamos a falar de um objecto perdido na neve. Estamos a falar de uma mão humana encontrada dentro de um cofre trancado na caixa-forte de um banco.

Rhostok deitou quatro colheres de café para dentro do filtro, acrescentou uma colher de chicória e duas chávenas de água.

— E foi por isso mesmo que conseguimos encontrá-la, — disse, tentando fazer uma piada com a descoberta, ainda com esperança de a convencer a não levar a coisa a sério. — Se estivesse na rua, os mapaches tinham dado conta dela. Ou as doninhas. Ou o cão de alguém. Não restaria nada para encontrarmos. — Voltou-se e sorriu. — Espero que goste de café forte.

Costumo fazê-lo à maneira dos cossacos, com café a dobrar e uma parte de chicória.

Era uma mulher bonita, pensou Rhostok, se se ignorasse a baixa estatura, não mais de metro e meio. Não era uma beleza natural como Nicole Danilovitch. Ao invés, como a maior parte das mulheres que via na televisão, o uso engenhoso de cosméticos realçava-lhe os seus melhores traços. As sobrancelhas tinham sido cuidadosamente aparadas e desenhadas. A aplicação de sombra azul acinzentada fazia-lhe os olhos parecerem maiores e mais convidativos do que na televisão. Uma pincelada de pó-de-arroz realçava-lhe as maçãs do rosto e dava a ilusão de uma face mais estreita. O vermelho berrante dos lábios parecia ter sido aplicado a pincel com o lábio superior mais claro do que o inferior de forma quase imperceptível. Era muita maquiagem para uma manhã, pensou. Mas era provável que tivesse de estar preparada para aparecer na televisão a qualquer hora. Calculou que o cabelo louro não fosse natural porque ninguém que conhecia tinha cabelo de um dourado tão perfeito. Dava-lhe um prazer estranho estar tão perto de uma celebridade televisiva, tão perto que conseguia cheirar o perfume delicado e, provavelmente, muito caro que a rodeava.

A máquina de café estalou e silvou enquanto a água fervia e pingava através do café moído, fazendo com que o aroma forte se sobrepusesse ao perfume dela com rapidez.

Rhostok soltou um grande suspiro e deixou-se cair outra vez na cadeira. Tinha um longo dia à sua frente e queria tirá-la dali sem revelar mais do que o necessário.

— Acha que estou a encobrir alguma coisa, não é? — desafiou.

— Não disse isso.

— Sei que está à procura de uma história, — disse ele com o que esperava ser um sorriso amigável. — É o seu trabalho. Mas o facto é que não há história nenhuma aqui. — Sentindo que ela não estava a acreditar nas suas negações, fez um último esforço. — Pelo menos, não há história nenhuma que valha a pena referir na televisão.

— Gostava de ver a mão, — disse ela.

— O café está quase pronto.

— Obrigada, mas quero ver a mão.

— Acha que isso lhe vai dizer alguma coisa? É só um pedaço de carne.

— É um ponto de partida.

— Não há nenhuma lei que me obrigue a mostrar-lha.

— Se recusar, a história torna-se ainda melhor, — contrapôs ela. — Posso ter aqui uma equipa de reportagem em meia hora. A sua recusa em cooperar estará no noticiário do meio-dia.

A voz dela era fria, como se não lhe importasse se colaborava ou não.

Apeteceu-lhe mandá-la para o diabo mas teve medo de que o pudesse citar. E que, depois, andasse a bisbilhotar pela cidade para ver o que conseguia descobrir por terceiros.

Não era preciso um génio para perceber o que faria a seguir. Nicole Danilovitch estava em casa na Rua Dundaff com Otto de guarda à porta. Era provável que estivesse assustada e sentindo-se sozinha, mesmo que tentasse não o mostrar. Se a repórter lá fosse, a viúva pensaria que Rhostok não tinha cumprido a promessa de manter a história abafada e poderia acabar contando-lhe tudo sobre como lhe dissera que o marido e o pai dele tinham sido assassinados e como a mão seria um aviso do assassino.

Cristo, quase podia imaginar o que veria na televisão. *Os homicídios de Middle Valley no Noticiário das Seis*. Ou talvez: *Assassino em série à solta em comunidade russa! Não perca a reportagem exclusiva*. A cidade entraria em pânico. As caçadeiras saíam dos armários, prontas a abater o carteiro se não se identificasse imediatamente. Repórteres do programa *Os Mais Procurados da América*, talvez até do *Dateline* ou do *48 Hours* apareceriam e começariam a entrevistar os velhos, alimentando-lhes os medos e superstições até se trancarem em casa.

Já tinha tentado mentir à repórter. A única opção que restava, tanto quanto Rhostok conseguia perceber, era fingir colaborar e dar-lhe factos insignificantes, pedindo-lhe para adiar a reportagem até conseguir adiantar a investigação. Valia a pena tentar.

Trouxe a mão do congelador do frigorífico na sala das traseiras. Cristais de gelo tinham-se formado dentro do saco de plástico, obscurecendo parcialmente o conteúdo. A mão estava congelada e a pele rosada coberta com uma camada de gelo esbranquiçado.

— Pu-la no congelador para a conservar, — explicou. — Não me pareceu boa ideia mandá-la para a morgue. O gabinete do médico-legista já tem trabalho a mais. Não vale a pena incomodá-los com uma trivialidade destas.

Estendeu-lhe o saco para que o pudesse examinar melhor mas, a princípio, a repórter declinou a oferta. Ouviu-se um ruído gelado quando o deixou cair, com casualidade exagerada, sobre o tampo da secretária à frente dela e ao lado da mala. Viu como tentava esconder o nojo e ajustou a posição do saco para que pudesse ver melhor a mão.

— Estava assim quando a encontrou? — perguntou. — Com os dedos parcialmente dobrados?

— É essa a posição normal dos dedos humanos quando a morte faz relaxar os músculos. Todos os cadáveres têm os dedos assim.

Os cristais de gelo começaram a derreter no calor do gabinete, enevando o plástico.

— Quer que abra o saco para ver melhor? — perguntou ele.

A repórter fez uma cara de desagrado e abanou a cabeça, parecendo não estar preparada para esta nova oferta. Rhostok encostou-se para trás na cadeira e sorriu.

— O que planeia fazer com ela?

— Não sei, — Rhostok encolheu os ombros. — Guardá-la e esperar que alguém a reclame, acho eu.

— Assim parece coisa dos perdidos e achados.

Os olhos dela não se afastaram por um segundo do saco de plástico. O polícia surpreendeu-se com a intensidade do seu olhar.

— Não podemos fazer muito mais, — disse. — Depois de um período de tempo razoável, se não conseguirmos perceber a quem pertence a mão, temos de nos livrar dela. Cremá-la, talvez, ou enterrá-la no cemitério onde pertence.

— Já fez testes?

— Tirámos-lhe as impressões digitais antes de a congelarmos. Vamos verificá-las com o FBI para ver se conseguem identificá-las.

— Quanto tempo vai levar?

Aproximou-se do saco. Pelo modo como se comportava, era como se achasse que estava viva. Rhostok observava divertido, à espera de ver o que faria a seguir.

— Verificar as impressões digitais leva talvez quinze minutos com o sistema informático que têm. Mas as hipóteses de conseguirem uma identificação são mínimas. As únicas impressões digitais que têm arquivadas pertencem a criminosos, veteranos de guerra e funcionários públicos como eu que têm um motivo para ter as impressões recolhidas. Estamos a falar de números muito pequenos quando comparados com o que o FBI gostaria que pensássemos.

Conseguia perceber que a repórter tentava reunir coragem para abrir o saco. Tinha os lábios apertados numa linha recta, aqueles lábios vermelhos bonitos subitamente estreitos e determinados.

— Não cheira a nada, — assegurou-a. — Está congelada.

Era jovem para ser repórter, pensou, mas a televisão funciona de maneira diferente. A maior parte dos jornalistas que conhecia eram do *Scranton Times and Tribune*, tipos mais velhos que tentavam fingir que já tinham visto tudo, como se fossem importantes demais para ficarem excitados com um incêndio, um acidente de viação ou um suicídio. Tudo o que queriam era o nome, a idade, a hora a que acontecera e a causa da morte e lá iam eles de volta para Scranton, como se houvesse por lá acontecimentos mediáticos a sério à espera de acontecer. Mas esta rapariga, que devia rondar os vinte e tantos, estava ali sentada, tentando disfarçar o

nojo enquanto olhava para a mão como se esta fosse revelar qualquer coisa sobre si própria.

Tinha de a respeitar por isso.

— Isto é normal? — perguntou ela. — O modo como o pulso está cortado? Parece quase cirúrgico.

— Depende de como aconteceu, — respondeu ele. — Imagine que ficou presa numa desbastadora. O tipo põe lá a mão para soltar a lâmina e lá vai ela. Uma desbastadora de alta potência era capaz de a cortar assim.

Ela continuava a não abrir o saco como se receasse que, de alguma forma, o conteúdo pudesse contaminá-la.

— Cortada por uma desbastadora e acaba no cofre de um banco? — Abanou a cabeça. — Tem de fazer melhor do que isso.

— Está enganada, — disse Rhostok. — Não tenho de fazer nada. Não tenho indícios de que tenha sido cometido um crime. Pode ter sido um acidente. Mas, a menos que apareça alguém sem a mão direita, nunca sabemos. Enterra-se e esquecemos o assunto.

O café tinha acabado de pingar e encheu duas chávenas de plástico.

— Quer açúcar? — perguntou.

— Um pouco de adoçante, se tiver.

— Natas?

— Não, obrigada.

Deitou uma colher de natas artificiais *Coffeemate* na sua chávena, o suficiente para chegar ao bordo. Pousou a outra chávena em frente dela e voltou a sentar-se, esperando-lhe o próximo movimento.

Ela virou o saco de plástico e examinou a mão de ângulos diferentes. O gelo derretia rapidamente, permitindo-lhe ver melhor os pormenores. Rhostok observava-a enquanto ia beberricando lentamente o café, com cuidado para não queimar a língua. Ao fundo, os canários chilreavam satisfeitos enquanto iam saltando dos poleiros para a alpista.

— É melhor deixar-me guardá-la, — acabou por dizer. — Não quero que descongele.

De forma relutante, ela devolveu-lhe o saco. Este fez deslizar os dedos pela abertura, certificando-se de que não tinha sido aberto acidentalmente.

— É uma grande mão, — disse ela. — A mão de um homem forte, imagino. Os dedos são grossos e há uma espécie de cicatrizes de bexigas nas costas. Parece que fez trabalho manual nalgum ponto mas não recentemente. Não há calos na palma e as unhas estão cuidadosamente tratadas.

— Parece um polícia, — replicou Rhostok. — Ensinaaram-lhe isso na escola de jornalismo?

Ela olhou para ele e soprou sobre o café para o arrefecer. Com os lábios assim, parecia que lhe estava a soprar um beijo. Era engraçada..

— Claro que também reparou nesses pormenores, — disse ela. — Talvez os tenha todos anotados num relatório algures.

Estava outra vez à pesca, pensou ele.

— Tomei algumas notas, — respondeu com cautela.

Bebia outro gole de café, sentindo-se bem com o modo como estava a conseguir lidar com a repórter quando ela lhe voltou a mostrar aquele sorrisinho empertigado.

— Pelo que sei, a mão estava embrulhada em papel pardo, — disse. — E tinha qualquer coisa estranha escrita. Era em russo?

Rhostok parou com a chávena encostada à boca. Tentava desesperadamente pensar numa resposta que impedisse nova torrente de perguntas e percebia que não havia nenhuma.

### *Vinte e Três*

— Não posso discutir isso, — disse Rhostok.

O brilho súbito nos olhos dela fê-lo perceber que não era a melhor coisa a dizer.

— Então confirma que havia uma mensagem no papel?

Deixou-se ficar calado, receando negar por não saber o que a repórter já sabia.

— Interpreto isso como um sim, — disse ela, alterando de repente a linha das perguntas. — Falemos de Nicole Danilovitch, a mulher que encontrou a mão.

— O que tem ela?

— Bom, é ela que está no centro de tudo isto, não é? Uma espécie de mulher misteriosa pelo que ouvi dizer. Apareceu como noiva de um filho da terra há quatro semanas atrás. De repente, fica viúva e está a verificar o conteúdo do cofre do marido. De onde veio? Presumo que lhe tenha investigado o passado. — A repórter loura inclinou-se por cima da secretária e esboçou um sorriso cúmplice para Rhostok. — Vá lá, fale-me dela.

Automaticamente, Rhostok fez rodar a cadeira para trás até as rodas saírem do tapete de plástico protector. Queria manter distância entre si e a atraente jornalista para ter tempo de pensar.

— Não há lei que me obrigue a dizer-lhe o que quer que seja, — murmurou.

— Uma corista de Las Vegas casa com um cidadão local e, um mês depois, morreu, — prosseguiu ela. — O que achou disso?

— Tive pena dela.

— E dele? Quer dizer, o modo como morreu foi mais ou menos... bom... invulgar, não foi?

— Nem por isso. Muitos homens morrem assim. Mulheres também.

— Mas, mesmo assim, suspeitou. Pediu análises ao sangue.

— Um teste padrão de toxicologia. Não há nada de invulgar aí.

— Foi a segunda morte na família no espaço de dois meses, — continuou. — E quanto ao modo como o pai do marido morreu? Também achou que houvesse qualquer coisa estranha nisso, não achou?

O rumo das questões, a quantidade de informação que tinha e o modo como começava a relacionar os factos apanharam-no de surpresa. Rhostok tinha alguma experiência com a comunicação social mas apenas em assuntos rotineiros. Nunca se tinha cruzado com uma repórter como Robyn Cronin.

— Como sabe isso tudo? — perguntou.

— Isso é confidencial.

— Tretas. Foi informada por alguém no gabinete do médico-legista.

— Não podemos revelar as nossas fontes, — disse em tom altivo. — Somos obrigados a manter as suas identidades em segredo a não ser que nos indiquem expressamente o contrário.

— Quer manter as suas fontes confidenciais mas não quer que lhe escondam nada. Não devia funcionar para os dois lados?

— Então admite que está a esconder alguma coisa?

Ela ergueu-se e contornou a secretária, conseguindo aprisioná-lo de encontro à parede. Sentou-se no tampo, com a carne macia das suas nádegas moldando-se de encontro ao ângulo aguçado da madeira. O movimento puxou a saia já curta para cima, expondo-lhe perigosamente e ainda mais as coxas. Pareceu não reparar. Ou então, pensou ele, talvez fosse intencional.

— Só porque não lhe conto alguma coisa, não quer dizer que a esteja esconder, — disse ele.

— Agora está armado em Bill Clinton.

Sorria e parecia brincalhona, talvez mesmo namoriscando um pouco como se aquilo fosse um jogo. Estava tão perto que ele poderia ter estendido a mão se quisesse e tocado as meias brilhantes pretas que lhe envolviam as pernas. Tão perto que podia sentir, misturado com o aroma floral do perfume, o odor almiscarado a carne de mulher. Forçou-se a não olhar para o limite da saia. Concentra-te na cara, disse para si próprio. Não era altura para fantasias sexuais. Conseguia ver uma fina película de transpiração por cima do lábio superior dela, brilhando sobre a pele maquilhada. Parecia algo nervosa, pensou. Voltou a mover a mala, mantendo-a entre eles. Como se receasse que alguém a roubasse ali dentro.



— Parece-me que não estamos a progredir muito, Chefe Rhostok. Vamos começar do princípio, está bem?

— Não me chame chefe, — disse ele. — Sou só o chefe de polícia interno. É um trabalho temporário e não quero que ninguém pense que estou a ocultar esse facto. Chame-me Rhostok como todos fazem.

— Está bem, Rhostok, — disse ela com impaciência. — Voltemos ao princípio. Sabe de quem era a mão?

— Não.

— Tem palpites ou suspeitos?

Palpites? Pelo amor de Deus, onde teria ela achado este tipo de linguagem? Em filmes antigos?

— Não.

— Faz ideia do motivo pelo qual a mão estava fechada num cofre do banco?

— Não.

O sorriso desapareceu-lhe da face.

— Não me está a facilitar a vida, disse.

— Estou a ser sincero.

— Está bem. E a mulher que tinha a chave do cofre?

— O que tem ela? — ripostou ele. — Acaba de enterrar o marido. Quer visitá-la e espetar-lhe um microfone na cara? Quer perguntar-lhe: “Como se sente em relação ao seu marido, Sra. Danilovitch?” Para ver se consegue fazê-la chorar em frente das câmaras?

— Só estou a tentar chegar à verdade, — disse a repórter.

— Está a tentar fazer uma tempestade num copo de água.

— A verdade nunca fez mal a ninguém.

— Não tem razão, — disse Rhostok. — Há pessoas que são mortas a tiro, que se divorciam, vão para a prisão ou se suicidam porque alguém descobre a verdade sobre elas. Às vezes, é melhor guardarmos a verdade para nós próprios como os padres fazem na confissão.

— Você não é um padre. É um polícia. E eu sou jornalista. E sei que há aqui uma história. E posso fazer a coisa de duas maneiras. Posso pô-lo a fazer boa figura, um polícia esperto a fazer um belo trabalho. O tipo de profissional esforçado que merece ser promovido a chefe de polícia.

Mudou de posição na secretária para se aproximar dele. Conseguiu ouvir o raspar suave das meias enquanto se movia. Concentração, exigiu a si próprio. Mantém a concentração e não te deixes distrair pelos movimentos dela. Deve fazer tudo parte da técnica para sacar a informação que quer.

— Qual é a outra maneira? — perguntou.

— A outra maneira não é muito boa. Posso dar a entender que está a

encobrir as coisas, a tentar empatar a investigação à espera que o assunto seja esquecido.

E ali estava ela. A ameaça. Era sempre assim que funcionavam, pensou ele. Tal e qual como os do *60 Minutes*. Se não se colaborar com eles, ameaçam pôr-nos a fazer má figura na televisão.

— Porque está a insistir tanto nisto? — perguntou ele. — Porque não espera até eu descobrir o que se passa? Acha que outro repórter qualquer vai chegar aqui e roubar-lhe a história?

— Podia ir para o ar agora com o que já tenho, — disse ela. — A mão no cofre, a viúva misteriosa, as mortes suspeitas do marido e do sogro. É uma história do raio.

— Não tem história nenhuma. Tudo o que tem é um punhado de factos isolados.

— Não preciso da história toda. Não é assim que a televisão funciona. Só preciso de fazer no ar as mesmas perguntas que lhe fiz aqui. E depois basta-me dizer que se recusou a responder-me.

— Quando mete uma coisa na cabeça, não desiste, pois não?

— Nunca desisto, — foi a resposta enquanto se aproximava mais deslizando sobre o tampo da secretária e cruzando as pernas. — Mas posso manter a história fora do ar por agora se colaborar comigo.

— Pode fazer isso?

— Se disser ao meu chefe que está a colaborar comigo, de certeza que arranjam uma maneira.

— Em que tipo de colaboração está a pensar?

Ela inclinou-se para ele. A proximidade começava a aborrecer Rhostok. Desde que chegara que não parava de se aproximar dele, contornando a secretária quando aproximou a cadeira da parede e agora empoleirada de tal forma que os joelhos dela quase lhe tocavam.

— Diga-me tudo, — disse. — Tudo o que sabe sobre este caso.

— Digo-lhe tudo. E depois o que acontece?

— Depois mantém-me a par dos seus progressos e eu mantenho a história fora do ar até estar pronto para tornar as coisas públicas. E, claro está, dá-me o exclusivo.

Fixou o sorrisinho empertigado nele e fez um gesto com os ombros, dando a entender que era tão simples que ele devia concordar imediatamente.

Rhostok estendeu a mão para a chávena de café. O movimento repentino pareceu assustá-la. Apressou-se a fazer deslizar a mala para fora do seu alcance. Ele olhou para ela. Havia qualquer coisa esquisita nos seus olhos, pensou. Tinha passado aquele tempo todo a olhar directamente para ele, olhos nos olhos, tentando parecer sincera e honesta e então, de repente, desvia os olhos e parece preocupada com a mala.

— Não sei, — disse ele com cautela. — Não sei se posso confiar em si.  
— Dou-lhe a minha palavra.  
— A sua palavra.  
— Não aceita a minha palavra?  
— Não tenho a certeza, — tentava ganhar tempo. — Talvez deva consultar os meus canários.

— Os seus canários? — franziu o sobrolho, parecendo confusa.

Rhostok indicou com a cabeça a gaiola por trás dela.

— São os meus canários. Para além de detectarem gás nas minas, são muito sensíveis a mudanças nas frequências sonoras. Isso faz deles detectores de mentiras naturais. Se há tensão na sua voz, a tensão mais mínima que sugira que me está a mentir, conseguem detectá-la. Faz tilintar um tipo de ressonância harmónica nos ouvidos internos deles e isso fá-los nervosos. Começam a saltar de um lado para o outro.

A repórter voltou-se para olhar para a gaiola dos canários. Rhostok teve de sorrir ao ver como foi fácil. Enquanto estava distraída, estendeu o braço e alcançou-lhe a mala.

— Esta conversa toda sobre os canários era só treta, — disse quando ela se voltou e o viu a vasculhar-lhe a mala. — Para jornalista, é muito crédula.

Ela encolheu-lhe os ombros e aquele ar de “que se lixe” fê-lo perceber que não ia discutir. Era profissional demais para isso.

— Calculo que tenha licença para isto, — disse, puxando para fora uma pequena pistola automática de calibre .25. Retirou o pente e fez saltar a bala da câmara antes de a pousar sobre o tampo da secretária.

### *Vinte e Quatro*

Estava mais interessado noutra objecto, a razão pela qual a mala tinha sido movida de um lado para o outro, de forma a estar sempre à sua frente. Era um gravador japonês estreito e negro, do mesmo comprimento de um maço de cigarros e com um terço da espessura. As letras pequenas e prateadas diziam que era activado por voz. Uma janela pequena revelava duas bobinas circulares de fita.

— É espantoso como fazem estas coisas, — disse ele, observando o modo como a as bobinas começavam a mover-se ao som da sua voz e como paravam quando se calava.

Sem mais uma palavra, passou os dedos pelos botões até encontrar um

marcado com a palavra *EJECT*, pressionou-o, fez saltar a cassete e deixou-a cair para dentro do que restava do café dela.

— Há uma lei que proíbe gravar conversas sem o consentimento do interlocutor, — disse.

— Acaba de destruir as provas.

— Não vale a pena fazer barulho por uma coisa destas, — encolheu os ombros, levantando-se e atravessando o gabinete. — Vou fazer-lhe outra chávena de café.

Retirou o filtro de papel ensopado e castanho, substituiu-o por outro e, em pouco tempo, o gabinete tinha sido novamente invadido por um aroma agradável de café fervente.

— Surpreende-me que não me ponha na rua, — disse-lhe ela. — A maioria dos polícias tê-lo-ia feito.

— Houve uma altura em que o faria, — replicou ele. — Mas como chefe de polícia interino é preciso ser mais diplomático.

— E não lhe fazia mal nenhum se fosse também mais cooperante.

Rhostok observou enquanto a máquina rangia e estalava e, mais uma vez, fazia escorrer um fio de líquido escuro para dentro do jarro de vidro.

— Gostava de lhe explicar uma coisa, — disse, sem olhar para ela. — Gostava que soubesse porque quero manter esta história da mão abafada por mais uns tempos até descobrir mais factos.

— Estou a ouvir.

— Tem de levar em conta a mentalidade da gente daqui. Middle Valley não é uma cidade comum. A maior parte dos nossos residentes tem as suas raízes na Rússia. Ou são imigrantes ou filhos e netos de imigrantes. E continuam a chegar novos imigrantes hoje em dia. A maior parte são parentes das pessoas que já cá estão. Esta cidade está a tornar-se mais russa a cada ano que passa.

— Já sabia disso, — disse ela com voz aborrecida. — Fizemos entrevistas aqui durante a dissolução da União Soviética.

— Se voltar a ver essas entrevistas, vai ver o tipo de atitudes com que tenho de lidar. — Encheu duas chávenas de plástico com café acabado de fazer e voltou com elas para a secretária. — Os russos sempre foram um povo místico. Acreditam em ícones milagrosos, em presságios e em homens santos que conseguem curar doenças por imposição das mãos. Quando os imigrantes russos vieram para Middle Valley, trouxeram com eles as suas superstições e práticas religiosas.

Bebeu um longo gole de café e notou que ela não bebia o seu.

— Temos cá três igrejas russas diferentes, cada qual com os seus rituais e a sua versão própria da fé ortodoxa. E também temos algumas seitas que celebram os seus cultos em armazéns vazios e casas particulares. Os *Khilsty*

acreditam que podem alcançar a salvação através de orgias selvagens. Os *Molakane* são pacifistas. Os *Dyriniki* veneram o céu através de um buraco no telhado. E os *Bozhe Lyudi* chamam a si mesmos “Filhos de Deus” e supõe-se que praticavam a mutilação ritual das suas mulheres na pátria ancestral. Estas seitas podem parecer estranhas a quem vem de fora mas são apenas alguns dos cultos escondidos que existem na Rússia. E temo-los aqui como em qualquer outra comunidade imigrante russa.

— Disse qualquer coisa sobre padres que curam doenças, — disse ela, continuando sem tocar no café. — Existem alguns em Middle Valley?

— O mais famoso será o *Episkop* Sergius, — disse Rhostok. — Diz que põe em prática o que é conhecido como tradição *starechestvo*. — Vendo o ar de confusão na sua cara, explicou: — Eram os homens santos que vagueavam pelos meios rurais russos nos velhos tempos, pregando a palavra de Deus e curando os doentes.

— E conseguiam mesmo... quer dizer... curar os doentes?

— Por tudo o que ouvi, sim. O meu avô contava-me histórias sobre eles. Naqueles tempos, não havia médicos no campo. Quando as pessoas adoeciam, dependiam de remédios tradicionais ou esperavam pela visita de um *starets* para os curar.

— E este... como lhe chamou... *Episkop*...?

— Quer dizer Bispo.

— ... este *Episkop* Sergius ainda cá está? Em Middle Valley?

— Ainda cá está, — disse Rhostok. De alguma forma, a conversa tinha dado uma volta estranha. As perguntas dela pareciam agora menos agressivas, menos confiantes. Mas, desde que não o pressionasse acerca da mão misteriosa, estava disposto a responder. — Sergius é o responsável pela Igreja Ortodoxa Russa de Rito Antigo de Santa Sofia. Agora está degradada mas ainda é uma bela igreja.

— Gostava de saber mais sobre ele... — começou ela a dizer mas, subitamente, pareceu sentir a necessidade de explicar o seu interesse. — Pode haver aí uma história.

— Para começar, não é um *Episkop* a sério. Pelo menos, não de acordo com a fé ortodoxa estabelecida.

— Mas tem uma igreja...

— É uma igreja autocéfala, — disse Rhostok. — Quer dizer que se governa a si própria, o que dá a Sergius o direito de assumir o título que bem entenda. Veio para cá de um mosteiro na Sibéria e, quando descobriu que Santa Sofia não tinha um padre residente, mudou-se para a residência paroquial e intitulou-se chefe da igreja. Santa Sofia não era grande coisa nessa altura. A igreja foi construída pelos Crentes Antigos, um grupo fundamentalista que foi expulso da Rússia pela Igreja Ortodoxa oficial. De acordo

com o meu avô, tudo o que os Crentes Antigos queriam era venerar como os antepassados tinham feito. Quando se recusaram a aceitar mudanças na liturgia, os seus lares foram destruídos, as aldeias arrasadas e os seus padres queimados vivos. Vinte mil Crentes Antigos foram massacrados em nome da reforma. Os sobreviventes esconderam-se. Alguns vieram para a América. Instalaram-se na área de Erie e Pittsburgh e aqui em Middle Valley, onde construíram Santa Sofia. Mas, quando o Sergius apareceu, o edifício estava a desmoronar-se. Os Crentes Antigos que construíram a igreja estavam a morrer e os seus filhos mudavam-se para outras paragens. Restava apenas uma mão-cheia de paroquianos e mal conseguiam sustentar um padre. Mesmo assim, dentro de um ano, Sergius conseguiu inverter as coisas e desenvolveu uma paróquia próspera.

— Como?

— Fazendo milagres. Curando pessoas.

— Curas pela fé?

— Ele prefere chamar-lhes “curas milagrosas.” Diz ter o poder de curar qualquer doença.

— E as pessoas acreditaram nele?

— Não logo após a primeira cura, — explicou Rhostok. — Os russos podem ser supersticiosos mas também são cínicos. Foram precisas três ou quatro curas antes de os paroquianos começarem a acreditar nele. Em breve, havia pessoas a vir de tão longe como Reading e Filadélfia. Diziam que era capaz de as curar de cancro, doenças pulmonares, leucemia, diabetes, qualquer coisa que consiga imaginar.

— Era verdade? Quer dizer, ele conseguiu mesmo curá-los?

— Nunca houve uma investigação cuidadosa, não como as que fazem na Igreja Católica ou na Igreja Ortodoxa tradicional. Algumas das alegadas curas acabaram por revelar ser apenas casos de pensamento positivo ou melhoras temporárias como as que acontecem em qualquer doença. Mas outras... outras envolveram pessoas nos seus leitos de morte, pessoas com doenças terminais, que se levantaram e começaram a andar depois de ele rezar por elas. E conheço pelo menos cinco dessas pessoas que ainda estão vivas hoje, vinte anos depois. Continuam a ir à igreja dele todas as manhãs. Há uma velha que vive com ele. Trabalha como empregada da limpeza. Quando vivia com o marido, foi-lhe diagnosticado um cancro no colo do útero impossível de operar. Deram-lhe quatro meses de vida. Isso aconteceu há vinte anos atrás. Ao que parece, o Sergius pôs-lhe as mãos sobre o abdómen e rezou sobre ela durante toda a noite. De manhã, encontraram-no caído no chão, exausto. Mas a mulher estava curada. Deixou o marido e dedicou a vida ao Sergius.

— Isso é incrível.

— Aparentemente, não para um *starechestvo*, — disse Rhostok. — De acordo com as velhas lendas, o *starechestvo* tinha o poder de curar os doentes, de ver o futuro e de olhar dentro da mente dos homens e ler-lhes os pensamentos.

— Não está a inventar isto tudo, pois não? — perguntou ela com algum do cinismo inicial a notar-se na voz.

— O *starechestvo* faz parte de uma tradição russa antiga, — prosseguiu Rhostok. — Dostoievsky escreveu sobre um *starets* chamado Zosima que tornava os seus discípulos mais fortes com o dom do autoconhecimento e ajudou-os na sua luta pelo desenvolvimento espiritual. Soa tudo muito bem, essa história de curar os doentes e guiar no caminho para o desenvolvimento espiritual mas há também um lado negro. O *starets* exige obediência total dos seus discípulos. Exerce autoridade completa sobre as suas mentes. As lendas dizem que um verdadeiro *starets* consegue ler os pensamentos dos outros e, eventualmente, absorver-lhes a vontade, passando a ter controlo absoluto sobre o que pensam.

— Mas se consegue curar os doentes... — suspirou Robyn. — O Sergius ainda faz curas?

— Não tenho a certeza, — disse Rhostok. — Não faz curas públicas há muito tempo. O número de fiéis que lhe frequenta a igreja baixou quase até ao ponto em que estava quando chegou. Algumas pessoas que o conhecem, os poucos que falam sobre o que se passa na igreja, dizem que está desespereado à procura de uma maneira de restaurar os seus poderes.

Interrompeu-se, receando ter-lhe dito já mais do que devia. Ela era esparta na maneira como lhe ia extraindo aqueles pormenores todos como se estivesse fascinada pela habilidade de Sergius para operar curas pela fé e pela lenda dos *starets*. Seria possível, pensou, que já desconfiasse que o homem cujo nome estava escrito no papel de embrulho tivesse também sido outrora um *starets* e um dos mais famosos curandeiros milagrosos da história da Rússia?

— Estou só a tentar mostrar-lhe o que poderia acontecer se puser a história na televisão antes de termos os factos todos, — disse. — As pessoas daqui mantêm as atitudes e superstições do Velho Mundo, mesmo as que já nasceram cá e aquelas cujos pais também já cá nasceram.

— Como você?

— Os velhos costumes custam a morrer, — disse, ignorando o comentário. — As pessoas ouvem falar de uma mão fechada num cofre e, se não lhes posso dizer porque lá estava ou a quem pertence, vão arranjar as suas próprias explicações sobrenaturais. Dirão que é um sinal de Deus ou um milagre ou talvez até obra do Anticristo.

— Isso é absurdo, — disse ela.

— Para si talvez. Mas é assim que as pessoas pensam aqui. Sobretudo os mais velhos.

— Um sinal de Deus, — murmurou a repórter. — Obra do Anticristo... começa a parecer um episódio dos *Crimes por Resolver*,<sup>11</sup> — Conseguia vê-la a calcular como ficaria a história na televisão. — Mas os aspectos religiosos poderiam dar à história uma dimensão adicional. Podia entrevistar alguns Crentes Antigos e aquele outro grupo. Como é que lhes chamou? Os *Khlysty*? Talvez até pudesse filmar dentro das igrejas deles. — Ela reagia precisamente como Rhostok receara, erguendo a voz com a excitação. — E o subtexto dos imigrantes russos e das suas superstições acrescenta um ângulo étnico fascinante. A reportagem até pode ser comprada por uma cadeia nacional.

— Lá está, só lhe interessa o raio da história. Acredite em mim, é só uma mão num cofre. Não há aqui nada de místico.

— Foi você que referiu o misticismo, — sublinhou ela. — E, francamente, acho isso fascinante.

— Olhe, estou disposto a colaborar consigo, a ajudá-la como puder. Mas antes de fazer a sua história, dê-me uma oportunidade para descobrir o que se passa. A quem pertence a mão. Como é que veio aqui parar.

— Mas não está a fazer nada para chegar aí, — contrapôs ela. — Está a empatar o caso com a mão guardada no congelador. Ainda não fez teste nenhum. Nem sequer chamou o médico-legista. Está à espera de quê? De um sinal divino?

— Se ligasse para o médico-legista, todos os canais de televisão de Scranton enviariam as equipas de reportagem para aqui. Viriam também os jornais e até o *National Enquirer*<sup>12</sup>. Seria um autêntico circo. Estou a tentar evitar que isso aconteça. Gostava que me ajudasse.

Ela não parecia entusiasmada com a sugestão. Não houve mudanças na expressão para além de um ligeiro estreitamento dos olhos.

— E o que ganho eu com isso? — perguntou.

Rhostok esperou, dando-lhe tempo para chegar lá sozinha.

— Promete-me exclusividade? — continuou.

— Não posso fazer isso, — respondeu ele. — Apenas porque não sei se o guarda do banco disse a mais alguém. Mas posso dar-lhe vantagem. Posso avisá-la se passar por cá outro jornalista a bisbilhotar.

— Não me chega. Preciso de informação. Pormenores. Preciso de saber tudo o que sabe sobre este caso e quero poder citá-lo.

— Dê-me setenta e duas horas, — contrapôs ele. — Volte daqui a setenta e duas horas e partilho tudo consigo.

<sup>11</sup> "Unsolved Mysteries", programa da NBC sobre investigação de crimes reais. (N. do T.)

<sup>12</sup> Jornal tablóide americano especializado em jornalismo bombástico. (N. do T.)



- Espera mesmo que fique à espera durante três dias?
- Incluindo não entrevistar ninguém que tenha estado no banco.
- Isso é completamente inaceitável.
- É a minha oferta, — insistiu o polícia.
- Vá lá, Rhostok. Tem de me dar alguma coisa. Não posso voltar para a redacção de mãos a abanar.
- Diga-lhes que lhe mostrei a mão. Diga-lhes que não a mostro a mais nenhum jornalista enquanto colaborar comigo.
- Posso voltar com um operador de câmara e recolher imagens?
- Não durante as próximas setenta e duas horas.
- Você é uma pessoa muito difícil, sabia? — disse ela. — E que tal dar-me informação de fundo importante *off the record*?
- Estamos entendidos?
- Está bem, — suspirou. — Nada de história durante setenta e duas horas mas tem de me dar informação de fundo importante para me compensar pela cassete que destruiu.
- Estritamente *off the record*?
- Prometo.

Ficou surpreendido com a rapidez com que aceitou. Não estava certo de poder confiar na palavra dela mas estava a fazer perguntas a mais e queria-a fora do gabinete antes que revelasse acidentalmente mais do que queria.

Teve cuidado para não lhe dar informação relevante. Transmitiu-lhe apenas os factos que poderia ter obtido de Zeeman, de Franklin ou de qualquer outra pessoa que estivesse no banco quando o cofre foi aberto.

Não lhe disse porque suspeitava que Vanya Danilovitch tinha sido assassinado ou exactamente como Paul Danilovitch morrera.

Não lhe disse que tinha incumbido Otto Bruckner de proteger a viúva de Paul.

E, o mais importante de tudo, conseguiu não revelar o que ela mais queria saber: o nome que estava escrito no papel pardo em que a mão tinha sido embrulhada.

*No alto do penhasco, o velho desembrolhou um pão escuro de centeio, uma porção de manteiga e um pedaço de salsicha que cortou com um canivete, cerveja para ele e um refrigerante de laranja para o rapaz.*

*— O Imperador Nicolau, como todos os czares antes dele, tinha controlo absoluto sobre as vidas de milhões de pessoas, — disse. — Mas quando Alexei, o seu filho mais novo, corria o risco de morrer, o Czar nada podia fazer.*

*— Porque morria o filho dele?*

*— O pequeno Czarevich nascera com um mal chamado hemofilia, — explicou o velho, vendo pelos olhos do rapaz que a informação estava a ser*

*imediatamente arquivada na sua memória. — Esta doença provoca sangramentos incontroláveis de todas as pequenas feridas. Não havia cura na altura, o que significava que mesmo um pequeno arranhão poderia ser fatal. De algum modo, o Czarevich conseguiu sobreviver até aos quatro anos de idade. Isto passou-se, deixa-me ver, — o velho contou pelos dedos, — por volta do início de 1908. Sim, em 1908 caiu enquanto brincava com as irmãs. O sangue começou logo a jorrar-lhe da boca e do nariz e não tardou a sentir dores horríveis. Começou a sangrar por dentro e, durante a noite, as pernas do rapaz incharam até ficarem com o dobro do tamanho normal. Os melhores médicos da Rússia não conseguiram fazer estancar o sangue. Foi dito ao Czar e à Imperatriz que não tardaria em morrer. Preparava-se já um anúncio oficial da morte do rapaz e ordenou-se que tocassem os sinos das igrejas da capital.*

*— Mas Rasputine tinha poder sobre o sangue, — gritou o rapaz sem conter a excitação. — Podia salvar a vida do Czarevich, não podia?*

*O velho sorriu perante a velocidade com que a cabeça do rapaz se adiantou.*

*— Sim, — disse. — Rasputine chegou quando todos haviam já perdido a esperança. Ajoelhou-se junto à cama de Alexei e rezou durante muito tempo. A seguir, tocou na perna do Czarevich com a sua mão direita e disse que o rapaz ficaria bom. Quase no mesmo momento, os olhos do pequeno Czarevich abriram-se e sorriu. O sangue parou. No dia seguinte já dançava pelos corredores do palácio.*

*— Foi mesmo assim que aconteceu, avô? — Por um momento, o rapaz esqueceu-se da comida. — Estava a morrer e, logo a seguir, estava vivo outra vez?*

*— Houve muitas testemunhas do que aconteceu, incluindo os médicos da Corte Imperial. Ninguém conseguiu explicar na altura e, mesmo hoje, continua a não haver explicação.*

*— E tudo o que Rasputine fez foi rezar? Não lhe deu medicamentos?*

*— Nada de medicamentos. Só oração e a imposição das mãos.*

*— Então foi um milagre, — declarou o rapaz.*

*— Ah, sim, — disse o velho. — Foi mesmo um milagre. E, ao salvar o Czarevich, Rasputine mostrou os seus poderes místicos à Família Imperial. Depois disso, sempre que o Czarevich adoecia, a Imperatriz mandava buscá-lo. E, de cada vez, ele conseguia fazer estancar o sangue.*

*— Mas se os seus poderes eram tão grandes, porque é que o Czarevich voltava a sangrar? — perguntou o rapaz. — Porque não o curou de vez?*